



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

FELIPE CAVALCANTI FRANÇA

DO SERTÃO AO ARMÁRIO:

As transformações na produção de *Cannabis* em Pernambuco

Recife
2019

FELIPE CAVALCANTI FRANÇA

DO SERTÃO AO ARMÁRIO:

As transformações na produção de *Cannabis* em Pernambuco

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Sociologia. Área de concentração: mudança social

Orientador: prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Júnior

Recife

2019

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

F815d França, Felipe Cavalcanti.
Do sertão ao armário : as transformações na produção de *Cannabis* em Pernambuco / Felipe Cavalcanti França. – 2019.
116 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : José Luiz de Amorim Ratton Júnior.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2019.

Inclui referências e anexo.

1. Sociologia. 2. Plantios ilícitos. 3. Mercados ilegais. 4. Cannabis.
5. Pernambuco. I. Ratton Júnior, José Luiz de Amorim (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2023-132)

FELIPE CAVALCANTI FRANÇA

DO SERTÃO AO ARMÁRIO:

As transformações na produção de *Cannabis* em Pernambuco

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Área de concentração: mudança social

Aprovado em: 28/08/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. José Luiz de Amorim Ratton Júnior (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Frederico Policarpo de Mendonça Filho (Examinador Externo)
Universidade Federal Fluminense - UFF

AGRADECIMENTOS

Chegada a hora de agradecer, muitos sentimentos contraditórios vem a tona. Durante toda a minha trajetória acadêmica a Universidade nunca foi um lugar onde eu me senti confortável, acolhido. Ainda estou compreendo os motivos, diferentemente das sensações, essas sempre foram muito claras. Ansiedade, medo, insegurança. Durante todos os momentos elas me acompanharam. Ao mesmo tempo, coisas positivas aconteceram. Muitas mudanças ocorreram, trazendo confiança e motivo para ressignificar as várias relações. Toda essa transformação, assim como a força para seguir nos momentos de angústia, teve a participação de muitas pessoas importantes que marcaram não só esse período, mas minha vida.

Primeiramente eu gostaria de agradecer à minha família. Em primeiro lugar, devo a minha vida, caráter e vontade de lutar a três mulheres. À minha mãe, mulher que me ensinou na prática a consolar mais do que ser consolado, amar para ser amado, perdoar para ser perdoado. A tia Carminha, mulher que me apresentou e me soltou para viver no mundo, meu grande exemplo para enxergar a vida como uma missão em busca de transformação social. À minha irmã, talvez mãe de outra vida, ou dessa mesma. Bruxa herdeira. Capaz de sentir o cheiro do bem e do mal. De quem faz sorrir e de quem causa dor. A Diogo minha enorme gratidão por sempre estar atento para me ajudar nas fórmulas acadêmicas. Ao meu pai, gostaria de oferecer todo esse trabalho. Me entender é te entender. Toda vez que eu dou um passo à frente te sinto caminhar comigo. Obrigado por ter me oferecido todo o teu amor, doteu jeito.

À minha segunda família gostaria de agradecer imensamente pelo apoio e compreensão permanente. A Eneida, muito obrigado por tudo, tenho uma imensa gratidão e sentimento materno por todo apoio. A tia Carmem, agradeço as palavras amorosas e incentivadoras. Ao Enprime, agradeço por me fazer família. A Guto, pelo carinho e cuidado sem igual. Carmem e Lucas, amo muito vocês! A Duda, companheira implacável de grandes aventuras e superações, agradeço do fundo do meu coração pelo amor, paciência e apoio irrestrito. Ao teu lado fui feliz e cresci enormemente. Quando olho para trás percebo que sem você provavelmente estes agradecimentos não seriam possíveis.

Trago comigo meu irmão da vida, Pedro Lucas, assim como meus amigos Calaça, Felipe Souto, Digão. Agradeço às amigas conquistados durante a graduação. Especialmente a Palas, e nosso amor nutrido por muita implicância, Nat, companheira de luta e afeto que tanto me ajudou durante minha trajetória acadêmica, e Sofia, pelas caronas durante a graduação e companheirismo nas piadas sem graça. E também aos que apareceram nesse caminho. Dan e Tiba, é nois! Aos meus amigos do NEPS, especialmente Bárbara, Bruna, Ricardo e Ivan, pela disposição permanente em ajudar aos colegas.

Agradeço especialmente a Ratton pelos constantes estímulos e inspiração para sempre estar pensar o mundo de forma crítica e responsável.

Agradeço enormemente aos companheiros do MTST por me acolherem. A luta é pra valer!

RESUMO

Este trabalho explora a transformação do mercado produtor de *Cannabis* em Pernambuco. De forma geral, o trabalho observa como o mercado produtor de *Cannabis* se transformou através do tempo. Em virtude do status ilegal é dada ênfase à demanda, por entendê-la como a força propulsora para as trocas do mercado, e à interface entre as ações legais e as reações ilegais, devido aos problemas de coordenação fruto da ausência de estruturas de governança legais. As transformações do mercado internacional de maconha ocorreram primeiro nos países desenvolvidos economicamente, que historicamente eram somente consumidores. A partir do surgimento da indústria de equipamentos para produção intensiva de flores e vegetais, passou a ser utilizada para a produção caseira de maconha e esses países também tornaram-se produtores. As transformações na indústria da maconha, decorrentes da produção em interiores nos países do centro global, estão sendo observadas como um processo de substituição de importações. Já nos países com produção tradicional as transformações influenciadas pela reconfiguração do mercado ainda são pouco documentadas. Este trabalho procura entender, à luz dos processos internacionais, como a produção de maconha em Pernambuco está sendo influenciada e transformada pelas melhorias nas técnicas de cultivo. Da produção tradicional extensiva à produção caseira.

Palavras-chave: plantios ilícitos; mercados ilegais; cannabis; Pernambuco

ABSTRACT

This paper explores the transformation of the *cannabis*-producing market in Pernambuco. Overall, this paper observes how the *cannabis*-producing market has changed over time. Due to the illegal status, the demand is emphasized as the driving force for the market exchanges, and the interface between legal actions and illegal reactions, due to the coordination problems as a result from the absence of legal governance structures. International marijuana market transformations first occurred in economically developed countries, which historically there only were consumers. Since the arising of the intensive flower and vegetable production equipment industry, it has been used for home-grown *cannabis* production and these countries have also become producers. The changes in the *cannabis* industry stemming from indoor production in the countries of the global center are being seen as a process of import substitution. In countries with traditional production, however, transformations influenced by market reconfiguration are still poorly documented. This paper seeks to understand, in the light of international processes, how *cannabis* production in Pernambuco is being influenced and transformed by improvements in cultivation techniques. From extensive traditional production to home production.

Keywords: illicit crops; illegal markets; cannabis; Pernambuco

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Cultivo de <i>cannabis</i> em um gabinete de computador	35
Gráfico 1 –	Número de passageiros em viagens ao exterior em milhões	54
Figura 2 –	<i>Cannabis</i> de baixa qualidade colhida antes da maturação	69
Figura 3 –	<i>Cannabis</i> de alta qualidade produzida em ambiente interior	70
Figura 4 –	<i>Cannabis</i> de alta qualidade produzida em ambiente natural	73
Figura 5 –	<i>Cannabis</i> de boa qualidade produzida em ambiente natural	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O MERCADO DE MACONHA NO MUNDO	20
2.1	A GERMINAÇÃO DO MERCADO	20
2.2	DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÕES	23
2.2.1	Efeito bexiga	26
2.2.2	A sofisticação da demanda	28
2.2.3	A <i>Cannabis</i> medicinal	31
2.3	A PRODUÇÃO CASEIRA DE MACONHA	32
2.4	A CULTURA CANÁBICA COMO ESTÍMULO À PRODUÇÃO INDIVIDUAL	37
2.5	A TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DA SOCIOLOGIA ECONÔMICA	39
2.6	DOS HIPPIES AOS CANABIERS	44
3	A PRODUÇÃO DE MACONHA NO BRASIL	47
3.1	EXPLORANDO AS TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO	47
3.1.1	Uma proposta descritiva à evolução histórica do cultivo	49
3.2	ANTECEDENTES À PRODUÇÃO SERTANEJA	57
3.3	A GERMINAÇÃO DA PRODUÇÃO PELA DEMANDA	58
3.4	A MACONHA COMO PORTA DE SAÍDA DA PRECARIIDADE	61
3.5	CONTROLE DE QUALIDADE	65
3.6	AS TRANSFORMAÇÕES RECENTES DO MERCADO	67
3.7	ORGANIZAÇÃO, ESTRATIFICAÇÃO E EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA NO MERCADO	74
3.8	APONTANDO CAMINHOS	78
4	O CULTIVO CASEIRO EM PERNAMBUCO	81
4.1	CULTIVO <i>INDOOR</i> E <i>OUTDOOR</i>	81
4.2	PRODUÇÃO TRADICIONAL	84
4.3	PRODUÇÃO REFINADA	86
4.4	PRODUÇÃO MEDICINAL	90
4.5	PRODUÇÃO ASSOCIADA	94
4.6	RAZÕES PARA A PRODUÇÃO CASEIRA	95
4.6.1	Críticas ao mercado ilegal	95
4.6.2	Qualidade e redução de danos	96
4.6.3	Tratamento médico e terapêutico	97
4.7	APRENDENDO A CULTIVAR	98

4.8	A NOVA (TRANS) FORMAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	100
4.9	LIMITES À (TRANS) FORMAÇÃO.....	103
4.10	ISOMORFISMO DA PRODUÇÃO LOCAL.....	105
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS.....	111
	ANEXO A - Roteiro de entrevistas.....	116

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente este trabalho pretendia investigar exclusivamente a produção de maconha em ambientes interiores. Ao perceber que a disponibilidade das chamadas “flores”¹ está cada vez mais presente no mercado de maconha local, pretendia-se observar especificamente este novo mercado produtor. Porém, a partir das leituras exploratórias sobre a produção de maconha indoor em todo o mundo, anterior a entrada no campo de pesquisa, foi percebido que está em curso um processo internacional de melhoria da produção com repercussão na demanda por produtos refinados.

A partir desta constatação, foi necessária a ampliação da investigação. Antes de iniciar as entrevistas com os produtores caseiros e pessoas que se relacionam com eles, foi investigado quais os tipos de maconha (erva, resina e óleo) estão disponíveis no mercado, quando surgiram e quanto custam, para entender, em paralelo com as informações da produção caseira, se também está em curso um processo de transformação do mercado local. Espera-se que, por estar inserido numa economia globalizada, o mercado produtor e consumidor de maconha pernambucano esteja se transformando, acompanhando a tendência global.

Embora ampliado, o foco do trabalho continuou sendo a produção caseira, porque a partir dela, houve aumento na disponibilidade de equipamentos e insumos, melhoria nas técnicas de cultivo e melhoramento genético, com grande potencial para também influenciar a produção comercial em exteriores. É possível colocá-la como um indicador, porque uma das mais notáveis mudanças do mercado foi o surgimento de uma indústria direcionada aos usuários para que cultivem maconha para consumo próprio. Essa possibilidade de cultivo revolucionou as formas de cultivar maconha.

A partir da possibilidade de cultivo caseiro², entrou em curso um processo de globalização da produção de maconha. Países que anteriormente eram apenas consumidores estão observando um processo de substituição de importação,

¹ Embora a parte da planta de cannabis consumida com finalidade psicoativa sejam as flores, no mercado de maconha em Pernambuco, quando fala-se em “flor”, está sendo feita referência àquelas produzidas em ambientes interiores

² É entendido como: qualquer forma de produção em pequena escala, normalmente nas cidades, em que a produção pode ser destinada para consumo próprio ou comercialização

deixando apenas de consumir para também produzir grandes quantidades (POTTER, 2016). Esse processo só está sendo possível graças à nova forma de cultivo possibilitada, inicialmente, pelo desenvolvimento de técnicas hidropônicas (BOUCHARD & DION, 2009).

Para análise dessas e outras transformações do mercado foi escolhida uma abordagem institucionalista da sociologia econômica. A partir dela entende-se que a interação entre o Estado e as firmas ou empresas produzem culturas de produção e consumo únicas, em que o Estado é responsável por estabelecer condições mínimas para o estabelecimento de estruturas de governança. A partir dessa interação basilar é possível pensar outras interações, assim como as fontes de instabilidade e as estratégias para acessar a estabilidade. Já para entender as transformações, utiliza-se a teoria das transformações exógenas ao mercado, cujas causas paramudanças estruturais nos mercados são resultado de forças fora do alcance dos produtores, podendo ser mudanças na demanda ou na intervenção estatal (FLIGSTEIN, 1996).

Para o caso do mercado de maconha, direta ou indiretamente, a produção caseira foi estimulada pela constante interferência do estado proibicionista e, posteriormente, pela demanda: como a produção em interiores é intensiva, houve uma grande melhora na qualidade e potencial psicoativo das flores disponíveis no mercado, estimulando a procura e a exigências por produtos cada vez mais refinados (LEGGETT, 2006).

Para entender a disseminação da produção caseira a partir dessas duas causas exógenas, as decisões dos atores do mercado são observadas como ações em busca da melhoria de desempenho e estabilidade. Quando são encontradas inovações que garantem esses objetivos os demais atores que enfrentam as mesmas condições ambientais tendem a tornarem-se semelhantes. Essa homogeneização dos mercados é chamada de “isomorfismo” (DIMAGGIO & POWELL, 1983). No mesmo sentido, entende-se que para os mercados surgirem e se estabelecerem com sucesso os atores precisam resolver uma série de problemas. Quando esses problemas são resolvidos as soluções tornam-se padrões regulares de comportamento (FLIGSTEIN & CALDER, 2015).

A grande maioria dos trabalhos na sociologia econômica trata de situações de mercadoem que as mercadorias e a produção, os produtos, as trocas e o consumo

não violam ordenamentos legais. Para pensar os mercados ilegais, sobretudo quando todas essas situações estão postas na ilegalidade, é necessário retirar o foco das trocas para observar o espaço social em torno dos vendedores e compradores. Essa perspectiva coloca em questão a interação entre os fornecedores e compradores, enfatiza o lado da demanda como a força propulsora por trás das trocas do mercado, assim como a interface entre as ações legais e ilegais, e investiga os problemas de coordenação enfrentados pelos atores quando as transações violam a lei. Esse foco no mercado permite uma comparação sistemática entre o funcionamento dos mercados legais e ilegais, permitindo que sejam realizadas investigações de ilegalidade em um contexto de amplo debate sobre mercados, capitalismo e o papel do estado sobre eles (BECKERT & DEWEY, 2017).

Embora as mudanças nos mercados legais sejam essencialmente causadas por choques exógenos (FLIGSTEIN, 1996; FLIGSTEIN & CALDER 2015; DIMAGGIO & POWELL, 1983), é necessário observar especialmente os mercados ilegais como um meio dirigido pela demanda, por razões estruturais. Como as oportunidades para criar preferências e lealdade às marcas por meio de ferramentas de mercado são limitadas, a criação do mercado através do lado da oferta é seriamente comprometida comparado com os mercados legais (BECKERT & DEWEY, 2017).

Como a produção para consumo próprio garante a manutenção do hábito dos usuários, contornando o proibicionismo da produção e comercialização (entendido como a principal condição ambiental produtora de instabilidade) é natural que essa forma de produção seja observada por um número cada vez maior de usuários como alternativa para evitar inconveniências como: períodos de escassez ocasionados por erradicação de lavouras ou apreensão de cargas, baixa qualidade dos produtos, adulterações, contato com grupos armados, etc. Essas situações existem porque sob um regime proibicionista os mercados não possuem estruturas de governança (leis ou práticas institucionais informais) e concepções de controle (parâmetros que permitem aos atores interpretar as ações uns dos outros, assim como as estruturas que garantem estabilidade e confiança para o bom funcionamento do mercado) (FLIGSTEIN, 1996).

O trabalho está organizado de forma a apresentar o desenvolvimento da produção de *Cannabis* através do tempo e no espaço: no mundo, no Brasil e no Polígono da

Maconha, com especial atenção ao estado de Pernambuco.

No primeiro capítulo é feito um apanhado histórico sobre a formação da demanda por maconha nos países do norte global e como essa demanda foi capaz de estimular a produção em países subdesenvolvidos. Regata-se como o aumento da repressão estatal foi acompanhado de uma série de transformações. Junto às transformações diretas, estimuladas pelo proibicionismo, também é dada atenção ao surgimento do cultivo caseiro de maconha.

Por fim, é realizada uma análise sociológica sobre a formação global, a partir dos países economicamente desenvolvidos, de um novo nicho de mercado ou campo organizacional, possibilitado pela existência de uma indústria legal adaptada à produção caseira de maconha.

No segundo capítulo é feita uma crítica ao esquema teórico proposto por Potter (2011) para descrever o desenvolvimento da produção de maconha no mundo. Ao observar as transformações da produção unicamente direcionadas aos mercados europeu e norte-americano, o autor desconsidera as peculiaridades do mercado produtor e consumidor da América do Sul. Em seguida, é feito um breve panorama da produção histórica no Polígono da Maconha e as suas adaptações em resposta às intervenções policiais de apreensão e erradicação, abrindo caminho para entendermos as transformações do mercado na Região Metropolitana do Recife, relacionadas às transformações globais.

No terceiro e último capítulo são apresentados os achados de campo relativos à produção caseira de maconha. São diferenciadas as formas de cultivo caseiro em ambientes exteriores (cultivo *outdoor*) e interiores (cultivo *indoor*); a intenção ou desejo do produtor quanto a qualidade do produto final (intenção tradicional, quando são empregadas técnicas básicas para obtenção de flores comuns; refinada, quando são utilizadas técnicas modernas para a produção de flores com alta concentração de canabinóides; e produção medicinal, quando a utilização médica é prioritária) e outras características da produção caseira, para que seja possível apontar o nível da transformação da produção caseira e o seu potencial de desenvolvimento local.

Questões metodológicas

De forma a articular e ampliar a compreensão sobre o mercado e a produção de maconha pernambucana e nordestina, dentro de uma perspectiva global, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca das principais variáveis interferentes e favoráveis à produção caseira. Duas perspectivas foram privilegiadas. A primeira relativa à formação e transformação da demanda e a segunda referente às interferências do Estado em virtude do status ilegal da atividade.

O método entendido como o mais adequado para acessar os objetivos propostos é o qualitativo. Além de uma investigação bibliográfica exploratória, também foram realizadas entrevistas dirigidas por um questionário semi-estruturado. De forma específica são utilizados quatro objetivos para conduzir as investigações. É proposto fazer um levantamento dos processos de formação e transformação da produção de maconha no mundo e na América do Sul; investigar como e porque a produção caseira de maconha em ambientes interiores está se tornando uma prática globalizada; descrever as transformações recentes da produção de maconha em Pernambuco; e investigar as características, potencial de crescimento e limites da produção caseira de maconha em Pernambuco.

O trabalho de campo foi iniciado durante a campanha eleitoral de 2018. O acesso ao grupo pesquisado foi dificultado por consequência da ampla polarização política e, sobretudo, pela onda de intolerância e violência contra pessoas com ideais ou comportamentos progressistas (feministas, usuários de drogas, população LGBTs, etc.), protagonizado por homens adeptos ao então candidato ultraconservador Jair Bolsonaro. Aconteceram algumas negativas de entrevistas, justificadas pelo medo ante ao clima de violência instaurado. Como ilustração, um produtor contactado logo após o segundo turno informou que acabou com sua plantação no dia seguinte à confirmação do resultado que sagrou Bolsonaro vitorioso.

Diferentemente de muitos países ocidentais, em que políticas para o controle da produção e uso de drogas por um viés liberal estão sendo colocadas em práticas, a onda ultraconservadora no Brasil, com grande influência das igrejas evangélicas neopentecostais, têm inibido mudanças legais e estimulado retrocessos (como a retirada dos investimentos públicos da área da saúde para o atendimento de usuários, pautada pelas práticas de redução de danos, para privilegiar a transferência de

recursos para as unidades terapêuticas que adotam protocolos completamente ultrapassadas e em desuso mundo afora, a exemplo de práticas pautadas pela reclusão e abstinência para o tratamento de usuários de drogas).

Buscando entender junto a um informante-chave o porquê do meu acesso ao campo ter sido tão difícil, com algumas negativas de cultivadores contactados, tive como resposta a seguinte explicação “Porque o segredo do *grower*³ é o segredo. Se contar pra um, pedindo pra não contar pra outra pessoa, essa pessoa vai falar pra outra e vira telefone sem fio. A *turma* sempre evita. Eu conheço muito por causa da empresa” (Entrevistado 9).

Frente às dificuldades no acesso aos cultivadores, também foram entrevistadas pessoas com amplo conhecimento sobre o cultivo e como ele está organizado na Região Metropolitana do Recife. Outra questão para essa ampliação foi a percepção, durante o trabalho de campo, do crescimento vertiginoso da produção com finalidade medicinal. Na impossibilidade de entrevistar cultivadores cuja motivação parte de uma necessidade médica, recorreu-se a pessoas que conhecem esse público.

Foram realizadas 11 entrevistas. Seis delas com cultivadores, apenas uma não foi gravada. Para obter dados heterogêneos, os entrevistados não se conheciam. Um deles, devido ao grande conhecimento da área, foi entrevistado no início e no período de finalização do trabalho, para tornar mais lúcida algumas informações do campo. As entrevistas aconteceram em quatro cidades diferentes: Recife, Olinda, Camaragibe e Jaboatão dos Guararapes. Três entrevistadas do sexo feminino e oito do sexo masculino. A entrevista mais curta foi realizada em 38 minutos e a mais longa em 1 hora e 11 minutos. A seguir são apresentados os perfis dos cultivadores.

O entrevistado 1 é homem, jovem, estudante. Mora com os pais em um bairro popular. Tive a oportunidade de conhecer seu cultivo que é realizado em um guarda-roupas, na própria residência. São cultivadas mais de uma planta, fruto de sementes melhoradas geneticamente, importadas. Faz uso de fertilizantes industrializados. Junto ao entrevistado 2 e 6, possui o maior acúmulo de conhecimento práticos sobre a produção de maconha dos meus entrevistados e entrevistadas.

³ Termo utilizado no meio canábico em referência aos cultivadores de maconha

O entrevistado 2 também é homem, jovem e estudante. Mora com os pais em um bairro de classe média e não estava produzindo no momento da entrevista. Quando estava produzindo realizava de forma associada na residência de um amigo, em ambiente interior. Assementes utilizadas foram retiradas de maconhas compradas para o consumo. A fertilização era feita com produtos orgânicos, produzidos por eles mesmos. Possui grande conhecimento sobre a produção da maconha, tanto na capital quanto no interior. Foi o único entrevistado com quem realizei duas entrevistas.

A entrevistada 3 é uma jovem estudante, moradora de um bairro popular, natural no interior do estado. Sua produção é muito precária, em ambiente exterior, com incidência solar durante uma parte do dia, o que impossibilita o pleno desenvolvimento da planta. Possui pouquíssimo conhecimento sobre a produção. Estava começando a produzir, não sabia o sexo da planta e estava pouco preocupada se iria florir ou não. Atribuía qualidades místicas à planta.

O entrevistado 4 é um empresário, próximo dos 60 anos, morador de um bairro de classe média. Pude conhecer sua produção que é realizada em ambiente exterior, em área aberta, onde mantém por volta de 10 plantas. Utiliza sementes encontradas em meio a maconha para o consumo. Mostra ciência dos conhecimentos necessários para uma produção de boa qualidade, mas não possui interesse em se aprofundar nas técnicas de cultivo modernas. Não utiliza fertilizantes, somente adubos comuns para jardinagem. O entrevistado 5 é jovem, estudante, morador de um bairro de classe média, onde reside com os pais, o que é apontado como um empecilho para o desejo de cultivar. Produz na varanda da casa da namorada, onde a incidência solar é limitada. Possui pouco conhecimento prático para uma produção de qualidade. Utiliza sementes encontradas em maconhas utilizadas para o consumo e não utiliza fertilizantes. O entrevistado 6 é adulto, morador de um bairro de classe média. Possui grande conhecimento sobre os mercados e formas de produção dos Estados Unidos e Europa. Conheci sua produção, que é realizada em um armário embutido. Utiliza sementes e fertilizantes importados adequados à uma produção de alta qualidade.

As outras cinco entrevistas foram realizadas com uma professora universitária (entrevistada 7) com amplo conhecimento sobre o uso médico da *Cannabis*; um médico neurocientista (entrevistado 8) que receita o óleo de maconha para uso médico; um dono de uma loja de artigos para usuários e cultivadores de maconha

(entrevistado 9); um usuário conhecedor da dinâmica da produção no interior do estado (entrevistado 10); e uma ativista pela legalização da maconha (entrevistada 11). Destas cinco, duas foram gravadas (7 e 9).

Em relação aos cultivadores, é notável a predominância de homens, jovens, estudantes, brancos. A maioria reside com os pais em bairros de classe média. A única mulher não tinha grandes pretensões com o cultivo. Não houve nenhum entrevistado negro. Ninguém possui intenções comerciais e nenhuma produção era suficiente para suprir o consumo. A partir desses dados é possível apontar para um recorte de gênero, classe e cor da amostra, o que não é suficiente para apontar os mesmos recortes em relação à população estudada.

As características dos cultivadores coincidem com o perfil das pessoas que não se encaixam no estereótipo dos incriminados pela atual lei de drogas número 11.343/06. A discricionariedade policial persegue em suas abordagens homens, jovens e negros, em consonância com a seletividade penal do restante do sistema de justiça criminal brasileiro (MACHADO, 2010). Dessa forma é possível apontar para um privilégio de raça e classe a partir da operacionalização da lei de drogas que pode desencorajar pessoas negras e moradoras de bairros populares para iniciar cultivos de *Cannabis*.

Junto às entrevistas também foram feitas observações em duas cenas de comércio. Uma coberta e outra descoberta. A primeira restrita às pessoas pertencentes a rede de amizade do comerciante e a segunda em local público, com amplo conhecimento das pessoas do bairro.

Para o melhor entendimento das mudanças na produção no polígono da maconha, a partir dos achados do campo, foram utilizadas informações sobre as operações policiais de erradicação e apreensão de maconha. Uma fonte foram os jornais locais. Foram feitas pesquisas nos portais online dos dois maiores jornais impressos de Pernambuco: Jornal do Comercio de Pernambuco e Diário de Pernambuco. As seguintes palavras chaves foram utilizadas: erradicação, maconha, operação e sertão.

Embora o método utilizado não seja o etnográfico, reflexões a partir dele foram necessárias devido ao envolvimento anterior do pesquisador com o mercado de maconha. A busca por estar vigilante e exercitando o questionamento e o estranhamento com as crenças e comportamentos do grupo tornou-se uma constante

no campo para a transmissão de forma coerente das informações para o texto. Na exposição dos dados que se seguem, o pesquisador se coloca como pesquisador-nativo. Informações úteis anteriores ao trabalho foram examinadas e submetidas ao escrutínio crítico do campo. Em alguns raros momentos, quando o nativo-pesquisador estiver falando, haverá indicações claras no texto para que o leitor compreenda que trata-se de uma experiência e impressão particular. Isso não quer dizer que a experiência individual será tratada como uma verdade, mas sim como uma referência particular aos dados anteriormente confirmados pelo campo.

2 O MERCADO DE MACONHA NO MUNDO

A primeira parte deste trabalho é dedicada a descrever como o mercado de maconha surgiu, a partir de uma perspectiva internacional, com especial atenção à oferta. Anteriormente ao período abordado, a planta era utilizada em várias partes do mundo, com pouca ou nenhuma exploração comercial. Como o surgimento dessa atividade foi acompanhado pela sua completa criminalização, várias transformações nas formas de produção ocorreram. Primeiro, nos países onde historicamente a maconha era consumida de forma tradicional, depois, em locais sem tradição na produção e, finalmente, nos sítios com grande concentração de consumidores, a partir do desenvolvimento de técnicas de cultivo para ambientes interiores. Finalizando o capítulo é feita uma breve análise sociológica das transformações mais recentes estimuladas pela formação da indústria de produtos e insumos para a produção de maconha caseira.

2.1 A GERMINAÇÃO DO MERCADO

Na década de 1970, substâncias como a heroína, cocaína e maconha, por motivos distintos, passam a ser consumidas em grandes quantidades, dando continuidade ao processo iniciado na década anterior. A maconha e o haxixe tornaram-se símbolo da contracultura e todos os valores criados em sua volta. Inicialmente relacionada ao emprego de psicodélicos, seu consumo só se torna um hábito massificado quando declina o interesse pelo LSD (ESCOHOTADO, 1998).

Nos Estados Unidos, a maconha passou a ser utilizada em grande escala várias décadas depois de sua introdução. Nesse país, em comparação com os europeus, é possível ter maior clareza de como a erva foi introduzida: a partir da migração de trabalhadores mexicanos para o norte, nos círculos dos músicos de jazz durante a década de 1920, onde ganhou maior visibilidade. Com a grande depressão da década de 1930 os imigrantes tornaram-se vítimas de preconceitos e perseguições. Comportamentos violentos e criminosos passaram a ser relacionados a eles e ao hábito do uso de drogas (MUSTO, 1991).

A imagem demoníaca da maconha criada nessa época só foi alterada na década de 1960. O Woodstock e toda a reunião pacifista ao seu redor é colocada por Musto

(1991) comoum marco para a alteração do imaginário social em relação aos efeitos da maconha. Criou-se uma narrativa de que a utilização dela foi a grande responsável pela aura de paz no evento.

Foi nas décadas de 1930 e 1940 que ocorreu o auge da intolerância ao uso de drogas, diferentemente do período de tolerância iniciado em 1960 (MUSTO, 1991).

Embora tenha se tornado o símbolo de uma geração, a maconha foi um dos elementos em discussão e disputa. A busca pelos seus efeitos psicoativos como protesto político, supostamente libertário, não pode ser colocada como elemento mais importante para a popularização da erva. O uso estava sendo feito em meio a uma aura de questionamentos e enfrentamentos às mais diversas instituições - da família ao governo central. Questionavam-se as políticas e práticas machistas, racistas e segregacionistas. Exaltava-se a liberdade dos corpos e de pensamento. As ideias estavam em movimento, o consumo de drogas não era um pilar central das disputas, estava contido num conjunto de discursos e ações políticas contestatórias (BOOTH, 2015).

America was entering a new era in which it was not a only questinins the validity of its traditional values but doing something about them, addressing the perceived injustices of racial segregation and inequality and political corruption. Marijuana use was just one of the subjects under scrutiny and discussion (BOOTH, 2015, pg. 289).

A década de 1960 foi marcada, nos países ocidentais capitalistas, pela recuperação econômica após o período de crise que sucedeu a segunda guerra mundial. Um grande número de jovens passaram a ter a acesso a um conjunto de bens que não estivera ao alcance dos seus pais e avós. Roupas, discos, livros etc. passaram a ser consumidos como nunca antes. Junto aos bens acessados, o turismo foi um produto com grande ampliação de consumo. As viagens de longa distância tornaram-se possíveis para um maior número de pessoas graças ao surgimento dos aviões para um grande número de passageiros. Para alguns, as viagens eram turísticas, de férias, para outros, oportunidade de vivenciar romanticamente terras distantes, onde buscavam novas visões de mundo, experiências etc. Como destino, muitos países onde a maconha era amplamente disponível passaram a ser frequentados por pessoas ávidas para consumi-la e, muitas vezes, contrabandeá-la. Essas rotas, de tanto sucesso que fizeram, passaram a ser conhecidas como *Hippy Trails* (BOOTH,

2015).

Por meio do estreito de Gibraltar a maconha e, principalmente, o haxixe passaram a entrar na Europa vindo do Marrocos, em carros e bagagens. Países asiáticos também entraram na rota do turismo canábico, a exemplo da Índia, Nepal, Turquia, Líbano, Síria e Paquistão. País com a mais antiga cultura de consumo de haxixe do mundo, o Afeganistão teve papel destacado na produção e difusão do haxixe, a partir da inundação de turistas. Estrangeiros passaram a frequentar o país com o objetivo de comercializar na Europa e nos Estados Unidos haxixe de alta qualidade, tanto que no final da década de 1960 a produção de *Cannabis* era estimulada pelo governo, que incentivava a utilização de fertilizantes artificiais para potencializar a produção, alterando a organização da agricultura afegã. Na década de 1970, gradativamente, a produção passou a ser feita por meio de maquinário, substituindo métodos tradicionais, facilitado pelos grandes retornos do comércio (BOOTH, 2015).

Com pouca relação tradicional com a maconha, o Líbano tornou-se grande produtor de haxixe de 1960 até 1980. País muçulmano, somente homens podiam consumir e, dentre a população total, apenas 1% fazia uso. Em 1970 a produção mundial de haxixe era concentrada em três países: Afeganistão, Líbano e Paquistão, com 30%, 25% e 20%, respectivamente. Dezanos depois, a demanda internacional e a repressão ao plantio alteraram este cenário. O Afeganistão deixa de ser um dos maiores produtores e produção passa a ser liderada pelo Líbano, com 35%, seguido do Paquistão, com 25%, e, entrando no radar como um dos importantes países na indústria da maconha, o Marrocos, com 20% da produção do haxixe consumido no mundo (BOOTH, 2015).

O volume do mercado consumidor norte americano sempre teve destaque internacionalmente. No auge do consumo uma grande indústria produtora foi estabelecida na América Central, América do Sul e da Ásia para atendê-lo e, mesmo assim, não foi suficiente. Os EUA passaram a cultivar internamente, sobretudo após o fechamento do cerco ao seu maior fornecedor, o México, que recebeu grandes operações de erradicação de lavouras de *Cannabis* e apreensão da erva pronta para o consumo.

Estaba claro que un número muy elevado de americanos fumaba ocasionalmente. Incapaz de abastecerse con las grandes plantaciones de Jamaica, México, Panamá, Colombia y Brasil, el gigantesco mercado importaba también marihuana de Tailandia, así

como haschisch de Afganistán, Nepal, India, Pakistán, Turquía, Líbano y Marruecos. Pero seguía habiendo una fuerte demanda, que llevó a cultivar domesticamente la planta, sobre todo en los Estados Unidos de la costa oeste y Hawai, con resultados espectaculares en cuanto a rendimiento del terreno y calidad del producto. La posibilidad de cultivar la planta en interiores, con luz artificial, multiplicó más aún las existencias (ESCOHOTADO, 1998, Pg. 744).

Em 1976, quando Jimmy Carter começa sua trajetória à presidência, com um discurso pró maconha, o país estava se tornando um dos maiores produtores mundiais, com uma produção de alta qualidade. À época, duas variedades, California Sinsemilla e Maui, estavam entre as mais apreciadas do mundo. O antecessor de Carter na presidência, Gerald Ford, também apresentava-se favorável à maconha, frente a grande tolerância da época. Em 1982, segundo Escotado (1998), era de domínio público que os EUA produziam maconha a nível industrial. Estimava-se, de forma conservadora, que a produção era de duas mil toneladas porém, acreditava-se que poderia alcançar seis toneladas. “Aunque no fuese reconocido oficialmente, el cultivo privado de marihuana pasa a ser una de las explotaciones agrícolas habituales, dentro de ese Estados [California e Hawai] y la nación en general.” (ESCOHOTADO, 1998, Pg. 746).

2.2 DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÕES

Booth (2015) identifica o processo crescente de produção para consumo próprio nos países historicamente importadores da erva desde a última década do século XX. Os Estados Unidos são pioneiro nesse processo, onde a Califórnia possui papel de destaque. Atualmente, no Reino Unido, na Holanda e nos países europeus ocidentais boa parte da maconha consumida também é produzida internamente, entretanto, muito menos que nos EUA, porque os europeus têm grande interesse pelo consumo de haxixe.

Já no final do século passado Escotado (1998) nota a tendência peculiar na forma com que acontece o crescimento da produção nos Estados Unidos, a partir do cultivo em interiores:

La cantidad de familias e individuos dedicados a esta rama agrícola resulta incalculable, pero en 1997 se bastaba ya para abastecer casi por completo una demanda tan gigantesca como la del país entero, ocasionando un claro perjuicio a los tradicionales exportadores

mejicanos, panameños, colombianos, brasileños y paraguayos (Escohotado, 1998, pg. 829).

Potter (2016) observa o fenômeno contemporaneamente de forma mais minuciosa. Indica que está em curso um processo de substituição de importação: países historicamente consumidores começaram a produzir a própria maconha. O estabelecimento da produção contemporânea de maconha nos países desenvolvidos aconteceu em diferentes fases e momentos, atendendo às distintas características locais. Embora a produção em pequena escala estivesse presente na maioria dos países com algum nível de desenvolvimento econômico, a relevância da produção para atender a demanda local é um fenômeno recente.

Dentre tantas variáveis, as mudanças nos mercados podem ser investigadas a partir da mudança comportamental dos participantes (produtores, comerciantes, consumidores, investidores e ativistas) e por choques exógenos, dos não participantes (no caso do mercado de drogas, o Estado é o mais relevante), interferindo nas regras e organização do jogo.

É importante fazer algumas considerações teóricas sobre o estudo dos mercados ilegais. A ilegalidade nos mercados não é simplesmente um fenômeno parasitário nas franjas da economia, mas uma parte integrante da acumulação capitalista (BECKERT & DEWEY, 2017). Entendendo isso, para refletir sobre as transformações que ocorreram na indústria produtora de maconha, utilizo a teoria das transformações exógenas ao mercado, que parte do princípio de que as causas básicas para mudanças estruturais nos mercados são resultado de forças fora do alcance dos produtores. Sejam mudanças na demanda, na entrada de competidores ou através da intervenção estatal (FLIGSTEIN, 1996).

Se tratando de mercados ilegais, não há possibilidade de existirem instituições - entendidas como regras compartilhadas (direitos de propriedade, regras de troca, controles de qualidades, etc.) - que possibilitem estabilidade aos compradores, vendedores e produtores. Por esta razão, eles são ainda mais fortemente dirigidos pela demanda, especialmente porque as oportunidades disponíveis para alteração do mercado via oferta não são possíveis (BECKERT & DEWEY, 2017).

A possibilidade de transformações endógenas, por parte das firmas postas na ilegalidade, é seriamente comprometidas porque não há ferramentas como, por

exemplo, o marketing para criar preferências e lealdade às marcas (Op. cit.). A chamada estrutura de papéis reproduzíveis (*reproducible role structures*), facilitada pelas instituições garantidas pelos Estados (FLIGSTEIN & CALDER, 2015), não é possível de ser estabilizada porque quando os participantes pelo lado da oferta não são constantemente retirados do jogo, sempre há o temor de que as regras estabelecidas consuetudinariamente sejam violadas, o que impossibilita a interação rotineira fundamental à formação de interações estáveis com o decorrer do tempo.

No mesmo sentido, também a partir de uma perspectiva da teoria institucional, DiMaggio e Powell (1983) afirmam que as transformações nos campos organizacionais são fortemente afetadas pelos Estado e pelas categorias profissionais. Esses autores buscam explicar porque quando os campos se tornam bem estabelecidos há um inexorável impulso à homogeneização.

A partir desta consideração, dois grandes fenômenos podem ser apresentados para investigar as transformações no mercado de maconha. O primeiro, e mais importante, está relacionado ao agente que detém o monopólio da definição das regras do jogo: o Estado. A política internacional para o controle das drogas estabelecida em todo o mundo, através das convenções internacionais no âmbito das Nações Unidas (ONU), obriga os países a tornar ilegal todo o mercado de maconha - da produção ao consumo. Dessa forma, além de não garantir o estabelecimento de concepções de controle (*conceptions of control*⁴), o estado persegue a total interdição do cultivo, das transações e do consumo. O segundo fenômeno está relacionado a mudança no comportamento dos participantes do mercado, sobretudo dos usuários, que começaram a produzir maconha em espaços cada vez menores.

A grande novidade desse processo de transformação aconteceu por meio da produção em interiores, onde são utilizados equipamentos para a reprodução das condições naturais ótimas ao desenvolvimento das plantas. Essa nova forma de produzir provocou grande melhoramento dos produtos disponíveis. Como consequência houve o refinamento do gosto dos usuários, pilar fundamental para a consolidação do novo processo de produção (LEGGETT, 2006).

⁴ *Conceptins of control* é apresentado por Fligstein (1996) como o reflexo de como os mercados estão estruturados, servindo como visão de mundo que permite aos atores interpretarem as ações dos outros atores.

2.2.1 Efeito bexiga

Esse completo embargo ao mercado da droga ilícita mais consumida no mundo (UNODC, 2017) tem produzido vários efeitos não intencionais negativos. No que diz respeito a repressão à produção, as consequências negativas estão concentradas nos países produtores tradicionais (subdesenvolvidos), repercutindo na oferta, o que possivelmente estimula a produção nos países anteriormente somente consumidores. Nos primeiros, as grandes consequências da política de controle por meio da total intolerância à produção são negativas, descritas na literatura como efeito bexiga (*balloon effect*) (REUTER, 2009).

O processo de repressão à produção, cada vez mais sofisticado pela utilização de novas e modernas estratégias, com a utilização de equipamentos tecnológicos (como a identificação por satélite ou sobrevoo das lavouras de *Cannabis*), está exigindo que os agricultores empenhados nas lavouras de maconha, coca e papoula, se adaptem. Caso contrário, ou saem do jogo ou correm o risco de serem presos. No caso da maconha as transformações na produção são absolutamente particulares quando comparadas a da produção de coca e papoula, para produção de cocaína e heroína, respectivamente. A marcante diferença está na peculiar viabilidade de transformações nas formas de produção da *Cannabis*, desenvolvidas mais à frente (POTTER, 2016).

As alterações decorrentes das ações policiais de combate à produção, com o objetivo de reduzir a oferta e, conseqüentemente, a demanda são chamadas de efeito bexiga em analogia ao comportamento de uma bexiga quando pressionada. O tamanho dela é o tamanho do negócio, o volume do ar é o volume da produção e as forças de aplicação da lei exercem a pressão (WINDLE & FARRELL, 2012). Da mesma forma que um balão pressionado não diminui em área e volume, o resultado da pressão policial, sem a articulação com outras iniciativas, não é eficiente para reduzir o tamanho do negócio e o volume da produção de forma permanente, o que não impacta na demanda, como esperado pelos idealizadores da política proibicionista (REUTER, 2009; FRIESENDORF, 2005).

Em estudo sobre os efeitos das operações de erradicação, Reuter (2009) aponta que os objetivos pretendidos (redução dos índices de uso e danos) com essas operações são muito difíceis de serem atingidas. Sendo a maioria dos efeitos diretos e colaterais

danosos nas áreas social, econômica, política, ambiental e de direitos humanos.

De forma geral, as consequências não pretendidas das políticas de controle das drogas são diversas: deslocamento de lavouras (um dos aspectos do efeito bexiga), aumento dos preços e produção, aumento/piora da corrupção, aumento da violência armada, inquietação social, degradação ambiental, destruição de culturas legais, aumento da pobreza e de débitos, prostituição, substituição/mudança de drogas, violação dos direitos humanos etc. (CHOUVY, 2013).

A redução da produção e consumo por meio de operações de erradicação não tem sido exitosa nos contextos de subdesenvolvimento socioeconômico vivenciados pelos grandes países produtores das drogas consumidas no mundo. Países andinos que são grandes produtores de cocaína - Bolívia, Colômbia e Peru -, vêm sendo observadas ondas de deslocamento da produção e dos locais para o processamento da cocaína a cada operação de erradicação. Junto a esses problemas, foi observado o fortalecimento de grupos armados, como a Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC); o aumento da violência; dispersão e fragmentação das organizações dedicadas ao tráfico no México e, em menor escala, em alguns países caribenhos (*cockroach effect*), entre outros. (BAGLEY, 2013).

Pela proximidade fronteiriça, o México rapidamente se consolidou com o principal sítio produtor da maconha consumida nos EUA, tanto que em 1969, Richard Nixon lança a Operação Intercept com o objetivo de estancar a entrada da erva no país através da fronteira terrestre, então principal rota de contrabando (BOOTH, 2015), e cessar a produção por meio de fumigações aéreas utilizando o herbicida Paraquat (POLLAN, 1995; DEL OLMO, 1990).

Na década de 1970 surge um novo nicho no mercado, o dos *head shops*. Lojas com todos os tipos de parafernália relacionada à maconha e seu uso. Também começam a surgir as primeiras revistas direcionadas ao público usuário. Merece destaque o surgimento da *High Times*, principal revista do ramo ainda hoje. Esses mercados tornaram-se um grande negócio, girando em torno de um bilhão de dólares ao ano (BOOTH, 2015). É o início da consolidação do mercado em torno da produção e consumo de maconha que vai resultar, mais tarde, na consolidação da oferta interna

ao país.

Os esforços para a supressão da produção obtiveram sucesso e em consequência disso, houve uma redução da circulação da maconha mexicana no mercado norte-americano. Entretanto, não houve redução da demanda e a oferta de maconha passou a ser garantida pela produção colombiana. Até a oportunidade aberta pela interdição da produção do México, a Colômbia não tinha grandes lavouras. Já em 1965 começaram a ser feitas grandes colheitas, cinco anos mais tarde o negócio já tinha passado a funcionar plenamente. Em 1980 o país despontou como o maior produtor de maconha do mundo, empregando em torno 75 mil pessoas (BOOTH, 2015).

2.2.2 A sofisticação da demanda

A partir dos momentos de desabastecimento o mercado adapta-se para continuar a alimentar a demanda. No que tange à adaptação do mercado de maconha, as transformações mostram-se mais evidentes para o caso norte-americano. A partir dele, é possível refletir acerca do processo de globalização da produção (POTTER, 2016), já que o proibicionismo é uma política que não está limitada aos EUA e aos seus países fornecedores, mas interferente na produção em todo o planeta, variando na intensidade, a depender da relevância da produção comercial de cada país.

Três dos vários resultados das políticas proibicionistas, decorrentes do efeito bexiga, descritos por Costa (2008), podem ser observados à luz das transformações no mercado de maconha norte-americano. São eles: o deslocamento de lavouras, o deslocamento de substância⁵ e o melhoramento da produção. A produção gradativamente se deslocou do México, Colômbia e países vizinhos para o próprio território norte-americano; as substâncias mudaram qualitativamente, houve uma intensa transformação das espécies produzidas, com implicação na ampliação dos produtos ofertados, no sabor e no potencial psicoativo; e a produção deixou de ser realizada majoritariamente em ambientes exteriores para ocorrer em ambientes interiores.

Após obter sucesso na campanha de erradicação em solo mexicano na década de

⁵ O deslocamento de substância é descrito por Costa (2008) como um processo que pode acontecer entre substâncias diferentes ou entre variedades de uma mesma substância, com efeitos psicoativos semelhantes. No caso do mercado de maconha, o deslocamento acontece das variedades tradicionais para às adaptadas a uma nova forma de cultivo indoor.

1970, a *Drug Enforcement Administration* (DEA)⁷ passou a direcionar atenção à produção interna nas fazendas de maconha. Com o aumento das operações direcionadas as fazendas que cultivavam maconha em exteriores, a produção em grande escala tornou-se muito arriscada. Esse aumento dos riscos, de acordo com Pollan (1995), fez com que os produtores fossem obrigados a reduzir a escala das lavouras. Essa redução da extensão dos sítios produtores foi acompanhada pela melhoria na qualidade e potência do produto final.

Embora o cultivo com a utilização de lâmpadas artificiais e outros equipamentos tecnológicos tenha sido registrado antes da década de 1970, a crescente sofisticação que catalisou o processo de substituição de importação é mais recente (POTTER, 2016). Pioneiro nesse processo, foi principalmente nos Estados Unidos que a cultura de plantio em interiores se desenvolveu, a partir do fim da década de 1970 e início de 1980, como resposta interna a redução da oferta decorrente do enfraquecimento da principal rota de abastecimento de maconha para o país (POLLAN, 1995).

Pollan (1995) atribui grande relevância às escolhas políticas de controle do consumo de maconha para o avanço das técnicas, aparelhos e insumos específicos à horticultura de maconha em solo norte-americano. Ele afirma que, provavelmente, o desenvolvimento tecnológico observado não teria acontecido em tão pouco tempo se a substituição de importação não fosse um resultado (não intencional) da política de erradicação de cultivos em solo mexicano, à época principal mercado fornecedor.

É possível falar num processo de revolução na produção de maconha, destacando, além dos Estados Unidos, a Holanda e o Canadá. Nesses países a utilização de técnicas de cultivo inovadoras, baseadas em seleção e cruzamentos das melhores espécies, somada ao emprego de equipamentos tecnológicos de ponta, resultaram em um crescente aumento na quantidade de maconha, cada vez mais refinada, produzida em pequenos espaços. Junto ao grande consumo de maconha nos países ocidentais, nas décadas de 1960 e 1970, houve gradualmente o aumento da demanda por maconha de alta qualidade, resultado da melhora da produção. O mercado tornou-se cada vez mais sofisticado e os usuários mais exigentes, sobretudo nos países desenvolvidos economicamente (LEGGETT, 2006).

Surge uma enorme indústria, com espetacular variedade de produtos e serviços, movimentando, entretendo e estimulando usuários a produzirem sua própria

maconha. São criadas inúmeras empresas para a comercialização de sementes (com enormes banco desementes melhoradas e feminizadas⁶) e estufas para cultivo em interiores. Além dos *head shops*, especializados em produtos para os usuários, e propaganda militante da maconha, surgem lojas especializadas em equipamentos e insumos voltado aos usuários que desejam cultivar suas próprias plantas: os *grow shops*. As informações sobre tudo isto passam a ser compartilhadas de forma organizada a partir de sites especializados, revistas, manuais de cultivo, fóruns de compartilhamento de experiências etc. (BOOTH, 2015; VIDAL, 2010)

A sizeable proportion of the on- and off-line literature devoted to cannabis discusses the plant itself – and how to grow it. Most cannabis-themed magazines and internet sites carry adverts for cannabis seeds and cultivation equipment. Numerous websites are specifically devoted to cannabis cultivation, offering tips and advice to amateurs and more experienced growers alike. As well as providing basic information on how to grow cannabis they offer more advanced information on how to achieve desired results in terms of the quality, quantity and potency of cannabis produced. Sites like these often have a monthly “cream of the crop” competition where growers send in photos of their crops to be judged, on aesthetic grounds, by other members of the website community. This idea of judging the efforts of individual growers is found elsewhere in the world of cannabis culture, with the annual “High Times” Cannabis Cup in Amsterdam perhaps the best known of such competitions. Products at the Cannabis Cup are rated for quality of the drug produced as well as aesthetic properties of the plant, with prizes awarded for those responsible for growing the best crops. All this further illustrates how cannabis differs from heroin or cocaine, or the opium poppy or coca bush. It would be hard to imagine anything comparable for these “harder” drugs: there is no “Heroin Cup” nor are there books or magazines with titles such as “Heroin Times” or “Cocaine Culture”. (POLLAN, 1995. Pg. 4)

Os estados pioneiros foram a Califórnia e o Hawaii. A partir deles a demanda por maconha passa a ser equacionada com a oferta de maconha Sativa⁷, produzida em escala familiar. Em busca de melhorar a produtividade, os cultivadores passaram a procurar por variedades melhor adaptadas à localização setentrional do território norte-americano, até a compreensão de que a variedade Indica⁸, cultivada por séculos no afeganistão, muito utilizada na produção de haxixe, poderia ser uma boa opção. Com o tempo, os produtores perceberam ser possível fazer cruzamentos para obter

⁶ Muitas vezes também são chamadas de sinsemilhas. São sementes modificadas para produzir unicamente plantas fêmeas, porque somente elas que produzem flores com alta concentração de THC.

⁷ Espécie originária das regiões equatoriais

⁸ Espécie originária do subcontinente indiano (Afeganistão, Paquistão e Índia)

flores com as características da variedade Indica e Sativa, assim surgiram as maconhas híbridas, com as melhores características das duas famílias (POLLAN, 1995).

Durante a década de 1970, a concentração de THC⁹ das flores de maconha estava entre 0.5 e 2% (POLLAN, 1995), em 2004, devido aos melhoramentos consolidados pela e para a produção *indoor*, as plantas passaram a produzir inflorescências com média de 10% nos EUA e 18% na Holanda. Exímios cultivadores têm obtido flores que alcançam 30% de THC, mas é um feito extremamente raro (LEGGETT, 2006).

A partir do que foi apresentado nesta sessão e na anterior, é possível apontar para a produção em ambientes interiores como um desdobramento do efeito bexiga. A produção, frente às constantes operações de erradicação nos países subdesenvolvidos, passou a ser feita nos países que historicamente participavam do mercado somente como consumidores, como forma de adaptação ao problema da oferta representado pelo status ilegal da atividade. Com isso não está sendo afirmado que há relação de causalidade entre o proibicionismo e o início da produção caseira *indoor* de maconha de alta qualidade, mas sim uma correlação, porque não é possível, como alguns autores fazem crer (POLLAN, 1995), implicar a causalidade da primeira sobre a segunda.

2.2.3 A *Cannabis* medicinal

Ainda nos Estado Unidos um acontecimento que catalisou a normalização social do uso de maconha e, conseqüentemente, a produção interna, inclusive por meios legais, foi a utilização da *Cannabis* com finalidade médica. Processo iniciado na Califórnia, estado com a maior comunidade gay do país, a partir da epidemia de Aids (DIOUN, 2017).

Até o momento da crise na saúde pública provocado pela explosão nos casos de HIV, o proibicionismo da maconha permaneceu relativamente incontestável. Porém, a busca de pacientes e pessoas solidárias aos sofrimentos dos portadores do vírus para atenuar danos, sem um tratamento médico satisfatório para conter e amenizar

⁹ Tetra-Hidrocanabinol (THC) é a principal substância psicoativa encontrada nas plantas de *Cannabis*

os sintomas das doenças, os “obrigou” a recorrerem ao mercado ilegal de maconha. A planta foi muito utilizada devido às suas propriedades antieméticas, que aumentam o apetite e ajudam na absorção de nutrientes, evitando a rápida perda de peso e consequente probabilidade de morte (Op. Cit.).

A capacidade de aliviar o sofrimento causado pela doença forjou um movimento social em prol da legalização da maconha que mobilizou toda a sociedade em torno da utilização médica. Essa transformação aconteceu em São Francisco, na Califórnia. A obstrução legal à organização de um mercado para utilização médica da droga fez com que usuários, vendedores, membros da comunidade gay e pessoas sensíveis ao sofrimento dos portadores do HIV criassem uma interface entre o mercado ilegal e a utilização médica legitimada socialmente, por meio de organização política e institucional, ante à necessidade dos pacientes. Num primeiro momento a estigmatização social foi fortemente atenuada pela criação de instituições informais e, na impossibilidade do uso legal, a normalização social proporcionou legitimidade (Op. cit). Desde então, São Francisco tornou-se pioneira mundial no mercado legal de maconha medicinal e recreativo. Atualmente a cidade é conhecida como a “Meca da maconha”, famosa pela produção das melhores variedades de maconha do mundo.

2.3 A PRODUÇÃO CASEIRA DE MACONHA

Antes de passar ao mercado produtor em Pernambuco, é interessante buscar alguns indícios, sem pretensões explicativas, para entender porque o processo de disseminação da produção de maconha, nas mais variadas escalas e intenções, não é observado em relação a outras drogas consumidas em massa, cuja matéria prima também é vegetal, como a cocaína e a heroína.

Como ponto de partida, constata-se que o produto final utilizado para o consumo produzido pela planta da *Cannabis* é a própria matéria orgânica, a sua flor. Sem a necessidade de processamentos ou transformações químicas, a maconha já sai na frente das substâncias ilícitas mais consumidas do mundo quanto às possibilidades de ampliação da produção. A partir disso, é possível indicar que a produção da maconha é mais simples do que as demais ou, pelo menos, existem ferramentas que tornaram o processo simplificado e com poucos riscos.

A necessidade de acessar e manipular reagentes - para a produção de cocaína por exemplo - como ácido sulfúrico, permanganato de potássio, amônia, ácido clorídrico etc. torna o processo ainda mais trabalhoso e arriscado. Por extensão, é possível supor que o volume de matéria orgânica bruta necessária para produzir cocaína e heroína, ao demandar transformações para o isolamento dos princípios ativos, seja muito maior.

Caso houvesse igual ou maior facilidade na produção das outras drogas ilegais mais consumidas no mundo, era de se esperar que as produções fossem descentralizadas com o decorrer do tempo, assim como aconteceu com a maconha, que passou a ser produzida em centenas de países, de todos os continentes. Sobretudo porque a lucratividade da heroína e cocaína é maior e o valor do produto em relação ao volume é muito maior, o que facilitaria o contrabando.

Para a compreensão do quão factível a produção de maconha se tornou, é interessante observar a grande variedade de perfis de produtores e intenções para o cultivo caseiro descrita por Potter (2006). Embora sua tipologia para classificar os mais diversos perfis de pessoas empenhadas na produção caseira de *Cannabis* seja mais útil para os países desenvolvidos, é proveitoso utilizá-la para refletir a respeito das possibilidades globais.

São diferenciados três grandes grupos, de acordo com a finalidade e organização da produção. O primeiro grupo compreende os cultivadores que não buscam retornos financeiros. Há três possibilidades de subgrupos para o enquadramento daqueles que não visam o lucro: o cultivo para uso pessoal; para o benefício de pessoas que demandam cuidados médicos com a utilização de *Cannabis*; e os ativistas que buscam a promover socialmente os benefícios da maconha (POTTER, 2006).

O segundo, refere-se àqueles que buscam o lucro, podendo ser diferenciados em três subgrupos, variando de acordo com a intensidade da produção e volume negociado. O primeiro enquadra os indivíduos que eventualmente comercializam o excedente da produção destinada ao uso pessoal, o segundo compreende os *growers* que inicialmente cultivavam somente para o uso pessoal, mas descobriram o potencial do comércio, passando a vender regularmente aos amigos o excedente do reservado para o uso próprio, e o terceiro compreende as pessoas envolvidas em práticas estritamente comerciais, se aproximando do modelo empresarial dos grupos

organizados, produzindo em grande escala (Op. cit.).

O terceiro, enquadra grupos organizados. Podem estar organizados como cooperativas, em que todos os membros repartem a produção igualmente. Normalmente são grupo de amigos apreciadores das flores, podendo ser posicionados como ideologicamente de esquerda. Mas, também, podem se organizar como franquias, com experiência no cultivo com finalidade comercial (Op. cit.).

Essa grande variação de possibilidades de cultivo dentro da indústria da *Cannabis* só é possível pelo desenvolvimento tecnológico dos equipamentos e técnicas utilizados na produção, assim como pelo melhoramento genético das variedades de *Cannabis*. Em conjugação, essas transformações possibilitaram a produção intensiva se opondo a extensividade tradicional, característica dos países pioneiros na produção. O cultivo conhecido no como *PC grow* é símbolo da adaptabilidade da planta a pequenos espaços, com grande produção, possibilitado pelo desenvolvimento das técnicas de cultivo e pelas *strains* adaptadas ao cultivo indoor.

Figura 1 - Cultivo de *Cannabis* em um gabinete de computador



Fonte: google imagens

Esse cultivo utiliza como estufa improvisada um gabinete de computador (CPU). Para aumentar a produtividade, os galhos são direcionados lateralmente conforme o desenvolvimento da planta de modo a ocupar o máximo espaço possível. Para isso é utilizada uma técnica conhecida como *Sea Of Green*¹² (SOG) ou mar verde. É assim chamado porque, a partir de amarrações ou utilização de telas limitando e molda o crescimento horizontalmente, a planta é manipulada para que todos os galhos fiquem na mesma altura, sobressaindo somente suas flores que, ao estarem no mesmo nível, recebem igual quantidade de nutrientes e desenvolvem-se com o mesmo tamanho e concentração de canabinóides. Além de estimular a máxima produtividade, esse processo faz com que as plantas gastem menos tempo na vegetação e as flores cheguem ao ponto de serem colhidas precocemente, permitindo mais colheitas do que quando crescem espontaneamente.

Para a nutrição é comum a utilização de técnicas hidropônicas com a utilização de fertilizantes minerais ou orgânicos desenvolvidos especialmente para o cultivo de *Cannabis*. A simulação dos dias e das noites é feita por um equipamento chamado

timer, que liga e desliga as luzes diariamente. Durante o período de crescimento da planta o turno com iluminação, simulando o dia, é maior do que o sem iluminação. Para o florescimento, os turnos são invertidos, porque a floração acontece quando os dias tornam-se mais curtos que as noites. Como as lâmpadas produzem calor e a planta demanda renovação constante dos gases para a manutenção da fotossíntese, são utilizados *coolers* de computador (entre três e cinco) para a retirada do calor e introdução de gases do ambiente externo. Além desses cuidados, é necessário acompanhar as alterações do pH do solo, sobretudo após a utilização de fertilizantes, alterando-o para o nível ideal com a ajuda de produtos específicos para este fim.

Esse tipo de cultivo mostra como é possível adaptar pequenos espaços para o plantio caseiro da maconha. Todas as técnicas podem ser replicadas em espaços maiores para o maior crescimento e produção das plantas. Para isso, estão disponíveis no mercado os mais variados equipamentos de uso amador e profissional (como estufas, em substituição a CPU e exaustores ou aparelhos de ar condicionado, em substituição aos *coolers*).

Em grandes cultivos caseiros, com mais de um ambiente iluminado artificialmente, independentes uns dos outros, é comum a utilização de clones¹³ criados a partir dos galhos das chamadas plantas mãe, assim chamadas porque são mantidas permanentemente em estado vegetativo, servindo somente para produção de clones, o que proporciona a aceleração das colheitas. Isso é possível porque os clones atingem a fase vegetativa muito mais rapidamente do que quando as sementes são germinadas, além de preservarem a carga genética da planta mãe, que são escolhidas pela suas características de excelência.

Por ser mais simples do que a produção de outros produtos ilícitos, o cultivo da maconha está ao alcance do usuário o que permite autonomia de consumo. Quando há tecnologia para o aperfeiçoamento da técnica produtiva e recursos para a ampliação da produção, pequenos usuários podem tornar-se produtores em escala comercial, garantindo grandes lucros frente aos altos valores das maconhas de alta qualidade.

Esse desenvolvimento das tecnologias produtivas, assim com a facilidade para produção em ambientes naturais, pode estar relacionado ao grande consumo mundial de maconha. Enquanto o consumo da maioria das drogas ilegais está relacionado a

cenas culturais específicas, com padrões de uso específicos, a maconha se diferencia por estar presentes numa enorme variedade de (sub)culturas. Embora a origem da disseminação do hábito esteja relacionado aos comportamentos do movimento contracultural das décadas de 1960 e 1970, o seu uso moderno não está limitado a nenhum grupo específico, sendo um hábito distribuído heterogeneamente nas sociedades (SANDBERG, 2012b).

2.4 A CULTURA CANÁBICA COMO ESTÍMULO À PRODUÇÃO INDIVIDUAL

As transformações na legislação de muitos países desenvolvidos (e alguns poucos países periféricos), os estudos científicos evidenciando os benefícios e incipientes riscos à saúde e a desestigmatização social devido à essas duas transformações está colocando o uso de maconha como um comportamento característico da cultura contemporânea em geral, enquanto a maioria das outras drogas está limitada a grupos específicos (POTTER, 2016).

Além dessas transformações exógenas é provável que a própria cultura¹⁰, por meio de seus signos, valores e crenças, estimule a produção individual caseira. Sandberg (2012) coloca que a estigmatização do uso de maconha, que coloca o usuário como “marginal” e “desviante”, tem produzido um discurso reativo. Nesse sentido os usuários evocam a normalidade do uso de maconha para negar o caráter negativo presente no imaginário social. Além disso, com mais intensidade, valores como “natural”, “orgânico”, “autêntico” e “oposicional” são exaltados como relacionados à cultura canábica. Buscam celebrar a planta e seu uso, afirmando ser diferentes das demais substâncias ilegais ao aguçar os sentidos, estimular a criatividade e reflexões “fora da caixa”. Soma-se ao discurso subcultural da maconha a negação dos riscos associados ao consumo, exaltando sua origem natural: “é só uma planta”. E, sobretudo, a impossibilidade das pessoas tornarem-se viciadas.

Em complemento aos possíveis argumentos endógenos a cultura canábica para explicar a busca pelo cultivo caseiro, Sandberg (2012b) afirma que a economia da maconha tem bases culturais diferentes. Parte dela é totalmente consonante com os mercados legais e ilegais, na medida em que persegue o lucro. O mercado aberto e

¹⁰ Cultura é entendida como um conjunto de rituais, estórias, símbolos e crenças. A partir dos termos de Swidler (1986), entendida como *tool kit*.

descoberto e o topo e o meio da cadeia comercial muitas vezes recorrem a comportamentos violentos, além do lucro. Entretanto, vários vendedores e consumidores por serem amigos compartilham valores e normas não comerciais. Nesses casos o lucro é desaprovado e a identidade de traficante/comerciante rejeitada. Essa rejeição, como fruto dos signos, valores e crenças, endossa a ideia de que a própria cultura canábica possui elementos estimulantes para o cultivo doméstico.

O trabalho desenvolvido por Weisheit (1991) aponta que até mesmo os cultivadores com finalidades comerciais muitas vezes possuem outros estímulos tão importantes quanto o lucro e os efeitos psicoativos. Ao entrevistar 31 cultivadores comerciais de maconha, 30 policiais familiarizados com esse público e várias pessoas com algum tipo de relação com o cultivo, o autor afirma que, provavelmente, o grupo dos *growers* com instintos puramente empresariais (*hustlers*) é pequeno. Há outro grupo com instintos comerciais (*pragmatists*), mas sem intenções de obter grandes lucros sistematicamente, utilizando da produção e comércio pontualmente para levantar recursos em momentos de dificuldades econômicas. Embora mais comum que os *hustlers*, não é o tipo de cultivador mais numeroso. O maior grupo é representado pelos *growers* que cultivam como parte de um amplo estilo de vida (*communal growers*), em que o uso de maconha é uma parte importante, com pouco interesse em obter lucros.

Os fatores motivacionais para o cultivo são chamados de recompensas intangíveis (*intangible rewards*) que são, ao menos, três: espiritual, social e intrínseca. A primeira é apresentada como uma recompensa espiritual proveniente do cultivo da planta *Cannabis*. Os cultivadores descrevem sentimentos místicos, quase ou completamente religiosos, assim como algumas civilizações antigas que tiveram contato com a *Cannabis*. A segunda, e mais comum, recompensa é a social. Os cultivadores gostam de impressionar e serem reconhecidos pela boa qualidade do trabalho e do produto final. A terceira recompensa é intrínseca ao próprio cultivo; o conhecimento acumulado colocado em prática como um *hobby* proporciona satisfação.

Junto à todos os estímulos apresentados acima para a produção caseira de maconha, a recente valorização social e até mesmo exploração comercial de produtos orgânicos, assim como a exaltação de estilos de vida que demandam práticas de

responsabilidade ecológica e social, avessos a comportamentos corporativos e utilitaristas, possuem muitos pontos convergentes com o discurso e os valores compartilhados pelos usuários de maconha, como demonstrado nos estudos de Sandberg (2012, 2012b). Tudo isso pode ser aventado como mais um estímulo para a disseminação do cultivo caseiro como uma prática comportamental em consonância com os valores da contemporaneidade.

Corroborando o que foi dito acima, Hammersvik et al. (2012) apontam que a grande maioria dos cultivadores de maconha caseiro (*cannabis growers*) permanecem com pequenas produções por causa de cinco mecanismos: (1) desafios organizacionais para viabilizar grandes produções; (2) necessidade de financiamentos; (3) conhecimento para operar em mercados ilegais; (4) habilidades na horticultura e conhecimento para o cultivo do produto; e (5) a cultura canábica com a qual estão envolvidos, que reprova comportamentos comerciais e violentos e exalta valores ecológicos e comunitários - este seria o mais importante deles.

2.5 A TRANSFORMAÇÃO A PARTIR DA SOCIOLOGIA ECONÔMICA

Como já descrito pela literatura que investiga as transformações na produção das drogas tornadas ilícitas, o Estado e as suas estratégias estritamente policiais não estão sendo capazes de controlar, e muito menos conter, o crescimento do mercado de maconha. Com o principal agente garantidor de estabilidade nos mercados legais agindo em busca da eliminação do mercado em questão, os agentes empenhados na atividade estarão constantemente se transformando e se adaptando para criar as suas próprias estruturas de governança alternativas ao Estado para que seja possível funcionar com o mínimo de instabilidade e imprevisibilidade (REUTER, 2009)

Para entendermos as transformações é necessário perceber o papel central dos consumidores, junto às pessoas com objetivos comerciais, na busca por soluções para “concorrer” com o Estado. Ao estar disponível para qualquer pessoa em ambientes urbanos, a produção *indoor* criou grandes oportunidades. Essa abertura foi possível graças a um nicho de mercado que, inicialmente, não tinha a intenção de voltar-se à produção ilegal.

A hidroponia é um dos setores da indústria horticultural que mais cresce. Quando

surgiu, os primeiros equipamento para o cultivo em ambientes interiores foram desenvolvidos para a produção de flores e vegetais em fazendas e também como um *hobby* para os diversos “jardineiros familiares” (*home gardeners*). Rapidamente foi possível observar um grande aquecimento desse mercado - não planejado pela indústria e com grande potencial de ser explicado pela utilização na produção de *Cannabis* (BOUCHARD & DION, 2009).

Técnica intensiva de agricultura que fornece nutrientes essenciais em soluções diluídas em água, a hidroponia possui grande vantagem sobre as técnicas com utilização de solo natural: maior produtividade por planta, potencial para obter flores e vegetais de melhor qualidade e a possibilidade de obter colheitas durante todo ano, independentemente das estações, ao controlar o ambiente. Cultivadores de maconha em países industrializados perceberam essa oportunidade aberta pelo mercado legal. Embora a ligação entre a indústria de *Cannabis* e a da hidroponia seja contestada pelos agentes da lei, é inegável que o crescimento recente da primeira não seria possível sem que a segunda a acompanhasse (Op. Cit.).

Quando as indústrias que produzem bens legalmente têm seus produtos utilizados para a produção de outros bens ilegais, os produtos são chamados de facilitadores (*facilitators*) (Op. Cit.). Como a produção tornou-se acessível às pessoas comuns nas cidades, duas oportunidades se abriram: os usuários perceberam ser possível produzir para o consumo próprio maconhas de alta qualidade, superior à do mercado ilegal, e os interessados no comércio passaram a explorar um novo mercado com grandes vantagens em relação ao tradicional.

A chamada globalização da produção conceituada por Potter (2016) pode ser observada, por outra perspectiva, como o estabelecimento de um novo padrão de produção, formando um novo nicho de mercado legal. A possibilidade de uma nova configuração da indústria da maconha surge nos países do norte global e é caracterizada pela grande eficiência a partir de um novo padrão de produção com grande utilização de tecnologia. Com ela surgem oportunidades comerciais com muito potencial de crescimento e lucratividade, o que alicerça a formação de uma nova cultura de consumo (LEGGETT, 2006). A partir dessa transformação geral tanto no mercado produtor quanto no consumidor, pautada pela considerável melhoria da qualidade do produto negociado, era de se esperar que o crescimento não ficasse

limitado aos países desenvolvidos.

Como em todo mercado, nichos que enfrentam o mesmo conjunto de condições ambientais, ao vivenciarem processos de inovação a partir de uma nova configuração, tendem a se tornar homogêneos. Esse processo de imitação é conceituado como isomorfismo (DiMAGGIO & POWELL, 1983). Há três meios através dos quais podem ser observadas mudanças isomórficas institucionais. O primeiro é resultado de influências políticas e de problemas de legitimidade - chama-se isomorfismo coercitivo; o segundo é uma forma de resposta padronizadas à incerteza, é chamado de isomorfismo mimético; e, o último está associado à profissionalização do campo, é chamado de isomorfismo normativo.

As transformações no mercado de maconha podem ser fortemente pensadas a partir dos dois primeiros. O isomorfismo coercitivo, que é resultado tanto de pressões formais quanto de pressões informais de outras organizações, é observado como fruto das pressões governamentais proibicionistas, principalmente. Junto às pressões exógenas, também ocorrem como resposta às expectativas culturais do público consumidor. Aqui, o refinamento do gosto dos usuários é um fenômeno crescente. Como exposto acima, as pressões podem ser sentidas como coerção ou persuasão (DiMAGGIO & POWELL, 1983).

No entanto, nem sempre a transformação deriva de autoridade coercitiva. A incerteza também constitui uma força poderosa que encoraja a imitação. Nesse sentido, o mimetismo é uma mudança que tem como principal finalidade a economia de ações humanas. Quando organizações se deparam com problemas de soluções pouco nítidas, o comportamento mimético pode ser uma solução econômica e eficiente (DiMAGGIO & POWELL, 1983). No caso do mercado de maconha, a redução da exposição da produção quando ela é realizada em interiores e junto ao consumidor resulta em considerável diminuição de riscos e gastos. Um menor número de participantes (intermediários entre o produtor e o consumidor) implica em menos custos e menor probabilidade de apreensão, assim como torna desnecessária a adulteração - seja para aumentar a vida útil para suportar o tempo da distribuição sem se degradar, seja para elevar a lucratividade ao aumentar a densidade.

Uma característica do nível e intensidade das transformações isomórficas está associada à disparidade de desenvolvimento. Ou seja, tanto nações em

desenvolvimento quanto indústrias em posição desfavorável buscam com mais intensidade influências nos países desenvolvidos e nas indústrias já estabelecidas (DiMAGGIO & POWELL, 1983). Logo, é esperado que o mercado de maconha brasileiro esteja sendo muito influenciado pelo desenvolvimento nos países economicamente desenvolvidos.

O desenvolvimento isomórfico da indústria de maconha cultivada em interiores nos países periféricos naturalmente acontece adaptado à realidade econômica, política e geográfica particular. Econômica porque os equipamentos de ponta que são importados tendem a não estar disponíveis para um grande número de pessoas, como ocorre nos países centrais; política porque o potencial de desenvolvimento desse tipo de produção, assim como seu uso, está atrelado aos níveis de tolerância das instituições (países menos repressivos oferecem mais oportunidades para as pessoas cultivarem); e geográfica porque a localização no globo, sobretudo para os países localizados entre os trópicos, e a disponibilidade de terras são variáveis que podem favorecer a produção em exteriores, mas com grandes chances de sofrerem adaptações e melhorias a partir das tecnologias desenvolvidas para cultivos em interiores.

Todos esses comportamentos isomórficos estão atrelados à existência de uma indústria legal produtora de insumos possíveis de serem empregados na produção ilegal. A possibilidade de marketing é o grande diferencial para a promoção de formas de produção cada vez mais semelhantes. No caso do mercado produtor de maconha, o grande potencial está no fornecimento dos mais diversos equipamentos para produção *indoor*. Isso implica em uma produção ilegal cada vez mais dependente de um mercado legal, que ao estar em desenvolvimento mútuo, tende a se tornar cada vez mais interdependente.

Aqui é importante sublinhar que embora haja um mercado legal dirigido a uma atividade ilegal, ela não surge com essa intenção (BOUCHARD & DION, 2009). Nesse sentido percebemos que os mercados ilegais podem e utilizam de indústria legais, corroborando com a ideia de Beckert e Dewey (2017) de que as estruturas dos mercados tornados ilegais são dirigidos pela demanda.

Toda essa transformação só foi possível pela constante repressão estatal da produção ilegal. Essa pressão pode ser abordada pela teoria das transformações exógenas

(FLIGSTEIN, 1996). A partir de uma estrutura repressiva externa, não controlável pelos participantes, o mercado sofreu sucessivas mudanças estruturais até alcançar a atual forma de organização, ainda em desenvolvimento. A partir dessas externalidades o movimento dos mercados acontece com o objetivo de alcançar a estabilidade.

A intensificação das interdições por meio do aperfeiçoamento da tecnologia para investigação, principalmente para o mercado norte-americano, estimulou a diversificação da produção, somente possível pelas facilidades para o cultivo da erva apontadas acima e potencializada pela inexistência de barreiras para entrada de novos participantes. Essa diversificação é acompanhada por uma espécie de integração, mas em um formato distinto do apresentado por Fligstein (1996). Aqui não ocorreu integração entre os fornecedores ou entre os consumidores, mas uma sobreposição de papéis na qual os consumidores também puderam se tornar produtores. E, quando há uma produção caseira com finalidade comercial, é possível apontar para entrada da produção nas redes de usuários como um processo de integração vertical.

É possível observar a tendência à diversificação a partir do crescimento das possibilidades de produção e também da utilização médica e terapêutica. O controle nodesenvolvimento de plantas com cargas genéticas específicas torna possível a disponibilidade de flores com concentrações exatas de canabinóides específicos para atender as mais diversas formas de uso. A partir da sociologia econômica é possível apontar para a ampliação das possibilidades para diferenciação entre as firmas por meio dos preços e qualidade, implicando em maiores chances de sobrevivência para firmas novatas, assim como um para as incumbentes (FLIGSTEIN, 1996).

Ao poder controlar o processo de produção em ambientes interiores, praticamente invisível à vigilância do estado, e estar próximo ao mercado consumidor, o que não demandaa utilização de intermediários para contrabando, as chances de erradicação e apreensão foram muitíssimo reduzidas. Essa organização da produção pode ser apontada, a partir da teoria institucional, como uma excelente oportunidade para alcançar a estabilidade frente à ilegalidade.

No mercado legal, os atores que convencem ou derrotam os adversários possuem a capacidade de definir, analisar e resolver problemas do seu próprio jeito. E, uma vez

à frente do mercado, sua concepção específica de controle funciona como uma nova cultura. De forma análoga, a produção caseira de maconha pode ser colocada como a concepção que permite aos participantes do mercado, sobretudo aos consumidores, resolverem o problema da instabilidade. É possível, nos termos de Fligstein (1996), definir a produção caseira potencializada pelas técnicas de cultivo *indoor* como uma nova característica da cultura com grande potencial de estabilizar os meios para oferta de maconha.

2.6 DOS HIPPIES AOS CANABIERS¹¹

A transformação na demanda por maconha acontece no seio da contracultura, especificamente nos países economicamente desenvolvidos, no período pós Segunda Guerra Mundial. A maconha foi popularizada através do ideário de que estados alterados de consciência, proporcionados pelo uso de psicodélicos, trariam benefícios para a evolução da humanidade (ESCOHOTADO, 1998).

Além das disputas políticas, sociais e ideológicas o período também foi marcado por uma disputa tecnológica. Nesse contexto as comunicações se desenvolvem rapidamente, assim como os deslocamentos via transporte aéreo tornam-se acessíveis para uma grande quantidade de cidadãos do norte global. Essa possibilidade, aliada ao momento de recuperação econômica, alavancou o turismo. Os adeptos da subcultura *hippie* passaram a frequentar destinos alternativos de turismo, como o Afeganistão, Paquistão e Nepal, países com ampla relação cultural com a maconha, especialmente o haxixe (BOOTH, 2015).

Assim surgem as *Hippie Trails* fundamentais ao aquecimento da produção de maconha e derivados (Op. Cit.). A partir da abertura desse grande mercado, países sem histórico de cultivo passam a cultivar (POTTER, 2016). Percebemos, assim, que tanto o surgimento quanto a transformação inicial da produção de maconha se deram através de forças que estavam fora do alcance dos produtores (FLIGSTEIN, 1996). Diante disso, podemos atribuir centralidade aos consumidores nesses processos.

Nesse período de aquecimento do mercado nos grandes países consumidores de maconha surge uma indústria destinada à jardinagem doméstica. A possibilidade de

¹¹ Termo cunhado Veríssimo (2017) para descrever os usuários “profissionais” especializados em maconha

cultivo de flores e vegetais por pessoas comuns, em suas casas, em ambientes sem incidência solar abriu uma oportunidade para o desenvolvimento de pequenos e médios cultivos de maconha nas cidades. Essa técnica de produção intensiva (BOUCHARD & DION, 2009) possibilitou a melhoria da produção e das maconhas disponíveis, o que provocou a transformação da demanda, que passou a exigir produtos cada vez mais refinados (LEGGET, 2006).

Essa nova cultura de cultivo e consumo de maconha aponta para o início de uma indústria legal e surgem os *head shops* e *grow shops* com enorme variedade de produtos para produção, consumo e entretenimento (BOOTH, 2015). A partir da década de 1980, de forma a transformar a visão demonizada da maconha, criando bases para a legitimação social da maconha, ela passa a ser cada vez mais explorada medicinalmente (DOUN, 2017). Essa nova forma de consumo potencializa as possibilidades de exploração comercial da *Cannabis*. Todas essas novidades, da produção ao consumo, apontam para a formação de um novo nicho de mercado em torno da atividade ilegal da maconha.

Observando os possíveis estímulos à produção em interiores, é possível pensá-los como formas de adaptação da oferta e da demanda à ilegalidade, sobretudo nos mercados com maior potencial de lucratividade. A produção, ao estar localizada nos países com grande potencial econômico, elimina uma série de custos (principalmente dos atravessadores) e potenciais riscos de apreensão, aumentando assim o potencial de lucratividade. A adaptação da demanda é possível de ser observada a partir do conjunto de signos, valores e crenças formadores da cultura canábica (SANDBERG, 2012; 2012b). Aberta a possibilidade dos usuários produzirem suas próprias maconhas, eles atendem aos valores positivos (natural, orgânico, espiritual etc.) e evitam associação a comportamentos desvalorizados, como a busca pelo lucro intrínseca a qualquer mercado e o contato das pessoas envolvidas na atividade.

De forma estrutural a produção *indoor* pode também ser pensada como uma consequência do efeito bexiga. Segundo a teorização desse efeito, quando as lavouras interditas não migravam dentro de um mesmo território, passavam para outros países em busca de evitar os inúmeros inconvenientes da repressão (COSTA, 2008; CHOUVY, 2013). Em termos sociológicos, o efeito bexiga pode ser pensado como o mercado perseguindo evitar fontes de instabilidade e reduzir a

imprevisibilidade. Neste sentido, a produção *indoor* é uma excelente alternativa por estar em um ambiente coberto e localizado junto ao consumidor, reduzindo as chances de interceptação.

3 A PRODUÇÃO DE MACONHA NO BRASIL

Neste capítulo será apresentada uma descrição do desenvolvimento do mercado produtor de maconha, a partir das dinâmicas próprias da América do Sul e do Brasil, em alternativa à sistematização do desenvolvimento da produção mundial realizada por Potter (2016). Em seguida, são apresentados o processo de surgimento da demanda interna por maconha e de formação da oferta a partir da produção no sertão nordestino. Se discute como essa demanda se forma, se desenvolve - atingindo dimensão nacional - e se transforma a partir da interferência do Estado e dos usuários. Por fim, são apresentadas as transformações no mercado de maconha na Região Metropolitana do Recife a partir das novas exigências do mercado consumidor.

3.1 EXPLORANDO AS TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO.

O desenvolvimento da produção de maconha, segundo Potter (2016), pode ser descrito a partir de três fases ou momentos. O primeiro está relacionado à produção tradicional, vinculadas aos usos ancestrais. O segundo está ligado ao desenvolvimento da produção em países muitas vezes sem relação tradicional com a planta para atender a demanda dos países desenvolvidos economicamente. O terceiro, e atual momento, é aquele no qual ocorre produção em territórios sem qualquer vínculo recente com a produção em escala suficiente para suprir a demanda, ou seja, a produção nos países desenvolvidos que foram historicamente somente consumidores.

Essa perspectiva analítica sobre a transformação das dinâmicas produtivas está centrada nos padrões de oferta obedecendo a demanda dos países economicamente desenvolvidos, insuficientes para pensar o caso do mercado local. Ao afirmar isto, não se nega o entendimento de que está em curso um processo de substituição de importação nos países Europeus, na América do Norte e na Oceania. A questão central a ser discutida é a diversidade e complexidade de alterações no mercado em todo o mundo que não obedecem a uma lógica linear, em que os estímulos são provenientes dos países desenvolvidos, repercutindo e moldando os países em desenvolvimento.

A observação da produção brasileira, sobretudo na região nordeste, traz uma complexidade que não se enquadra nessa esquematização. Num primeiro momento,

a produção tradicional local sem finalidade comercial está em consonância com a descrição de Potter (2016), sendo estimulada, a partir do surgimento de uma grande demanda, para atingir dimensões de mercado. Já nessa passagem para o que seria a segunda fase, o cenário local se mostra particular. O estímulo para o aumento da produção atendeu a uma demanda regional.

O destino da produção da maconha do Vale [do São Francisco] seria a Região Sudeste, voltando-se para importantes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, com indícios da planta já ter mercado externo ao país. Entretanto, outros estudos (FRAGA, 2015; FRAGA, 2006) não confirmaram esta informação. (FRAGA & DO NASCIMENTO SILVA, 2016)

No entanto, ao contrário do que foi dito por Fraga (Op. cit), há informações de trabalhos realizados dentro e fora do Brasil, apontando para o acesso da produção local no mercado externo. Veríssimo (2017: 129) aponta que “antes das redes de distribuição do ‘prensado’ paraguaio¹² levarem diretamente a maconha aos mercados argentino, os portenhos iam ao Brasil adquirirem, através do assim chamado ‘tráfico de formiguinha’, na época, o ‘soltinho’¹³ com origem no submédio São Francisco”. De forma menos precisa, Escohotado (1998) afirma que a produção de maconha brasileira forneceu parte da erva consumida no mercado norte-americano.

Antes do despontar do Paraguai como grande produtor, era a produção nordestina a grande responsável pela alimentação da demanda das regiões sul e sudeste brasileiros. A partir das décadas de 1980 e 1990, quando o mercado produtor paraguaio começa a operar com grandes volumes (MENDONZA & MARIN, 2015), a produção nordestina passa a alimentar somente o mercado local, especialmente os grandes centros urbanos.

A partir das ideias desenvolvida por Potter (2016), o terceiro momento está associado às transformações nas formas e localização da produção. Nas formas porque deixou de ser realizada em exteriores, em benefício do cultivo em interiores, capaz de produzir mais maconha e de melhor qualidade. Ao mesmo tempo em que deixou de ser realizada nos países que historicamente foram os principais produtores para ser feita nos próprios países consumidores, o que pode ser descrito como um processo

¹² Cannabis produzida no Paraguai. Devido a prensagem utilizada para reduzir o volume, facilitando maiores carregamentos, é chamado de prensado

¹³ A maconha produzida no Nordeste. É chamada de soltinho porque normalmente não passa por processos de prensagem

de substituição de importações.

Segundo informações acumuladas durante o trabalho de campo, é possível apontar para a década de 2000 como o momento inicial da mudança nas formas de produção nordestina. Porém, a grande disponibilidade de terras para a produção e as qualidades climáticas da região, favoráveis à produção em exteriores de baixo custo, em paralelo aos custos mais elevados (em comparação com os países da zona temperada norte) para a produção *indoor*, faz com que as transformações nas formas e técnicas de cultivo sejam particulares, embora com a mesma finalidade: refinamento do produto final. Junto a outras variáveis interferentes para as transformações, a demanda por maconhas de melhor qualidade foi um importante estímulo à transformação do mercado produtor tradicional, antes do surgimento de uma grande indústria com um novo padrão de produção em interiores.

Essas transformações assemelham-se ao caso norte-americano quando o mercado produtor deixou de ser o México, para se tornar uma atividade local, e depois saiu das áreas abertas para os ambientes interiores. No nordeste brasileiro houve um processo de adaptação semelhante, de forma mais lenta e menos intensa, em função das peculiaridades já apresentadas. A produção durante um longo período de tempo começou a migrar geograficamente, de locais de fácil acesso, até mesmo próximos a rodovias, para sítios isolados e depois, em menor escala, para estar em meio às lavouras tradicionais, como o feijão e macaxeira (FRAGA & IULLIANELLI, 2011). O que os estudos ainda não descrevem, e que será explorado no último capítulo deste trabalho, é como está acontecendo o surgimento da produção caseira.

Feita essa breve introdução, na próxima seção é apresentada uma proposta para conceituar as diferentes fases da produção de maconha no Brasil, onde o Polígono da Maconha foi e ainda é o único produtor em larga escala. Também se procura entender o que motivou a transição entre essas fases.

3.1.1 Uma proposta descritiva à evolução histórica do cultivo

Num primeiro momento, a produção na região nordeste esteve restrita ao uso tradicional sem qualquer importância econômica. Ela só surge como um produto com

potencial a ser explorado comercialmente quando o costume de fumar maconha é importado por brasileiros vindo do exterior, trazendo a “nova moda” da juventude politizada norte- americana e europeia (FRANÇA, 2015).

Essa é uma questão crucial para entender a diferença entre a formação de uma economia em torno da indústria da maconha no Brasil - com possível generalização a todo continente sul americano. O surgimento da oferta para atender à demanda europeia, como descrito no primeiro capítulo, se deu quando estrangeiros faziam as famosas *hippy trails* para explorar países com larga tradição na produção de maconhas e haxixes, fazendo com que o aumento da demanda passasse a também ter caráter comercial (BOOTH, 2015).

No Brasil, o estímulo à produção veio dos próprios cidadãos brasileiros, na medida em que trouxeram o hábito do exterior. Logo, diferentemente do que aconteceu nos países desenvolvidos ocidentais, a transição da primeira fase para a segunda acontece por meio de uma demanda que surge de dentro (a partir dos brasileiros), estimulando a produção tradicional também interna (FRANÇA, 2015). Embora tenha alcançado o mercado consumidor da Argentina (VERÍSSIMO, 2017), a exportação não pode de ser colocada como estruturante.

Potter (2016), ao afirmar que a segunda fase da produção de maconha no mundo acontece para alimentar uma demanda dos países desenvolvidos incorre num generalização que desconsidera dinâmicas diferentes dos casos europeu e norte-americano. Como apresentado, a produção local vem para atender uma demanda essencialmente local.

Antes de chegar nas transformações relativas às mudança na produção do campo para a cidade, possível graças ao desenvolvimento da forma de produção em interiores, identificamos um outro momento, em que houve a alteração no padrão do mercado produtor.

Uma vez estabelecida a produção com finalidade comercial, na segunda fase, houve um grande crescimento da demanda, o que estimulou cada vez mais a exploração comercial. Ao mesmo tempo, também chega ao território brasileiro a cocaína, produto fundamental para o estabelecimento de grupos armados organizados em torno do comércio de substâncias ilegais e outras atividades ilícitas (MISSE, 2006). Nesse

contexto de estabelecimento de uma nova forma de organização do mercado de drogas, os grupos organizados foram responsáveis pela alteração da dinâmica da produção de maconha ao inserir o Paraguai como o maior produtor da erva do continente, já na passagem da década de 1980 para 1990 (ARAÚJO, 2012).

Segundo Misse (2006), o mercado de maconha chega ao Rio de Janeiro através de partidas provenientes do nordeste brasileiro. Com a grande transformação da década de 1970, o mercado de maconha também se reorganiza como um todo.

O mercado de drogas (inicialmente a maconha) existe desde o início do século nas áreas de pobreza urbana do Rio. Era, no entanto, muito limitado e dirigido principalmente a consumidores locais. As “bocas de fumo” sobreviveram nessa escala até que o consumo se espalhou pela juventude de classe média no final dos anos sessenta. A acumulação proporcionada pelo aumento da venda de maconha, o início da onda de assaltos a bancos e residências nos anos 70, a oferta (e a nova demanda) de cocaína a partir de meados dos anos 70 e a reorganização de presídios, que se estrutura na Ilha Grande (“Falange Vermelha”, depois “Comando Vermelho”) e na penitenciária da Frei Caneca (“Falange do Jacaré), marcam a transição da “boca de fumo” tradicional para o “movimento”, baseado no comércio de cocaína (Op. cit. Pg 188-9)

O domínio de grupos organizados em torno do comércio ilícito de drogas passou a dar atenção ao potencial produtivo paraguaio, que vinha sendo explorado desde a década de 1960, quando a fiscalização no Polígono da Maconha aumentou a partir de operações da Polícia Federal. Com a baixa no fornecimento da maconha nordestina, o Comando Vermelho (CV) e o Primeiro Comando da Capital (PCC) passaram a investir e comprar maconha para o fornecimento das grandes cidades do sudeste do Brasil (ARAÚJO, 2012).

Além da vantagem de também produzir maconha a baixo custo, o Paraguai apresentou mais vantagens para o desenvolvimento da atividade ilícita do que o Polígono da Maconha. Além de regiões pobres e distantes, o poder central demonstrou-se mais aberto a negociações espúrias. Por isso o país tornou-se um local seguro para muitos famosos traficantes brasileiros se esconderem da polícia brasileira e também para a lavagem de dinheiro. Após um vertiginoso crescimento da produção que durou mais de uma década, em 2008, o Paraguai passa a figurar como um dos três maiores produtores de maconha do mundo, atendendo a mais da metade da demanda de maconha da região (ARAÚJO, 2012).

Um importante estímulo foi a expansão da demanda na passagem da década de 1980 para 1990 em todo o Brasil (FRANÇA, 2015). Há muitas variáveis em interação para atribuir a esse aumento causa ou consequência para o surgimento da produção extensiva paraguaia. Mas é sabido que o cultivo de maconha em grandes volumes se estabeleceu ao longo das décadas de 1980 e 1990 como uma forma de compensar os problemas enfrentados por uma enorme população rural sem apoio de políticas públicas para o estímulo de culturas lícitas. A organização em torno da produção corrompeu várias instituições paraguaias gerando inúmeros conflitos violentos, ao mesmo tempo que transformou a atividade agrícola da maconha numa importante atividade econômica para a população rural e para o país de forma mais geral (MENDONZA & MARIN, 2015).

A reorganização da indústria fornecedora de maconha para a região, que a partir da década de 1980 passa a ter o Paraguai como centro da produção, junto com o estabelecimento de grupos organizados gerenciando toda a logística da produção e comercialização estabelecidos na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, implicaram na passagem da segunda para a terceira fase da produção de maconha na região sul americana.

É possível especular, para que sejam verificadas em pesquisas futuras, que o terceiro momento aqui proposto foi um o movimento global, na década de 1980, em que os principais centros produtores se deslocaram em direção aos consumidores. O Paraguai surge mais próximo ao mercado consumidor do sul e sudeste do Brasil, assim como da Argentina e Uruguai. O Marrocos surge mais próximo à Europa. E nos EUA, com a interdição do grande fluxo da maconha mexicana, é iniciado o processo de produção para alimentar a demanda interna - neste período de “transição”, até o estabelecimento da produção interna, a Colômbia foi uma grande fornecedora.

Já a passagem para a quarta fase, ainda em curso, está acontecendo a partir da importação da produção em interiores possibilitado pelo crescimento da indústria de tecnologia e insumos centrada nos países do norte global. Como apontado no capítulo anterior, o estabelecimento da indústria legal de insumos para a produção em pequena escala está consolidando uma nova característica da cultura canábica, alterando de forma drástica a produção e os produtos disponíveis para o consumo. Porém, no Brasil, a produção caseira em interiores ainda é muito pequena. Nesse

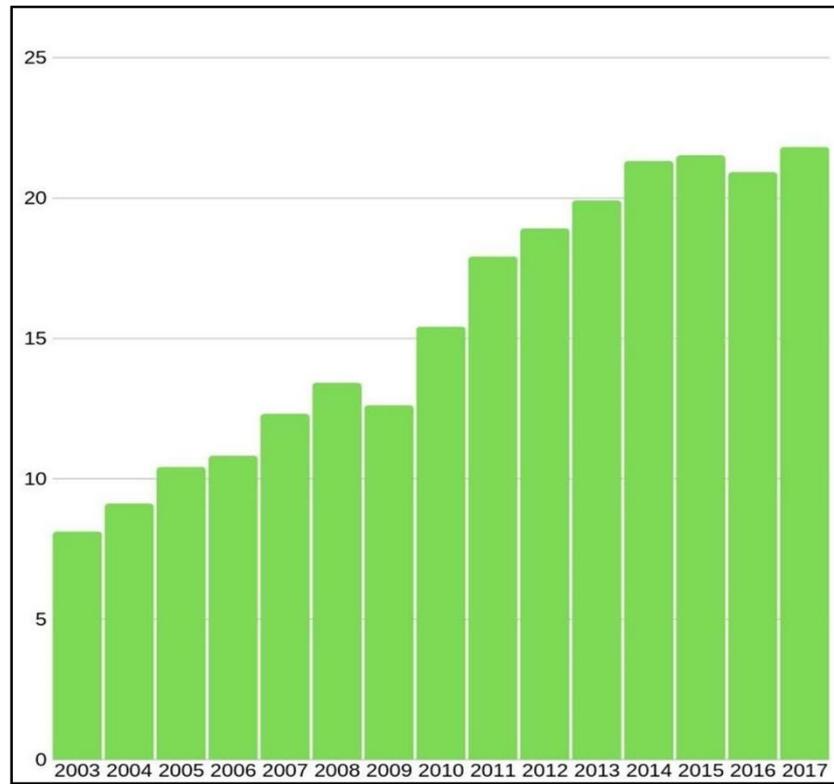
sentido, pesquisas para dimensionar o tamanho e a forma de crescimento se fazem necessárias.

O estímulo à produção caseira, iniciado no exterior ainda no século passado, resultou na transformação do mercado consumidor que passou a buscar produtos cada vez mais refinados (LEGGETT, 2006). Diretamente influenciado pelas formas de produção da América do Norte e Europa, o mercado produtor de maconha local, a partir dos achados de campo deste trabalho, nos dizem que está em curso um processo de transformação que pode não estar restrito ao cultivo caseiro e à produção *indoor*, mas também interferindo na produção tradicional.

Uma analogia interessante para entendermos a transição para a quarta fase, é pensar sobre a relação entre as *hippy trails* e o que hoje é conhecido como turismo canábico. Quando a classe média norte-americana passou a consumir maconha, o país também vivia um período de prosperidade econômica que facilitou o acesso a diversos bens, assim como ao turismo internacional para uma população média anteriormente não consumidora desse bem. Como destino, muitos jovens escolhiam países com grande disponibilidade de maconha e haxixe (BOOTH, 2015).

O histórico ganho de renda da população brasileira, proporcionado pelo grande crescimento econômico no país na década de 2000 e início de 2010, proporcionou grande crescimento da aviação civil, estimulando e sendo estimulado pelo turismo. Os dados do gráfico abaixo, obtidos no site da Agência Nacional de Aviação Civil, mostram o número de pessoas que viajaram ao exterior em milhões. Em 2003 e 2004 os números não chegam a dez milhões (8,1 e 9,1 respectivamente), já em 2014 o número de pessoas em viagens internacionais ultrapassa os 20 milhões, mais que o dobro em um curtíssimo espaço de tempo.

Gráfico A - Número de passageiros em viagens ao exterior em milhões



Fonte: ANAC, 2019 alterado pelo autor

Nesse mesmo período muitos países estavam experimentando grandes transformações em suas políticas de regulação do consumo de drogas. Além da Holanda, que desde a década de 1970 possui uma legislação permissiva ao consumo de maconha com finalidade recreativa nos famosos *coffee shops*, várias estados dos EUA e diversos países liberalizaram suas legislações para permitir a comercialização ou, pelo menos, tolerância à produção e à comercialização de maconha ainda sob proibição. Tanto é, que alguns países, onde há legalização comercial da maconha, estão vivenciando grande crescimento da indústria da erva estimulada por estrangeiros ávidos pelo consumo. Assim como as *hippy trails* das décadas de ouro da contracultura, o momento de liberalização da maconha está estimulando o chamado turismo da maconha (*marijuana tourism*).

Oferecendo serviço a quem viaja em busca desse turismo, existem vários museus sobre a história do cânhamo e da maconha¹⁴ espalhados pelo mundo. Em Amsterdã, na Holanda, existe o *Hash Marijuana & Hemp Museum* e o *Cannabis Museum Amsterdam*; em Barcelona, na Espanha, o *Hemp Museum Gallery*; em Berlim, na Alemanha, o *Hemp Museum*; nos Estados Unidos existe o *Cannabition Cannabis Museum*, em Las Vegas, *The History of Cannabis Museum* em Washington, DC, e o *The Hollywood Hemp Museum* em Los Angeles; em Montevideo, Uruguai, encontra-se o *Museo del Cannabis*; em Montville, na Austrália, está o *Queensland Hemp Museum*; e em Nasu, no Japão, está o *Taima Museum*.

Essa informação nos aponta duas questões importantes. A primeira é que o interesse turístico sobre a maconha é uma realidade em várias partes do mundo, agora explorado de forma legal. Com exceção da África, todos os continentes possuem museus sobre a *Cannabis*. A segunda está relacionada especificamente ao turismo canábico. Dentre os sete países citados acima, com exceção do Japão, todos eles possuem ou políticas de ampla tolerâncias ao consumo ou algum mecanismo para o consumo recreativo legalizado.

O contato com essas culturas onde o consumo de maconha é liberalizado encanta os usuários que, ao voltarem para o Brasil, fazem propaganda da qualidade do produto

¹⁴ Cânhamo e maconha, cuja tradução para língua inglesa é hemp e marijuana, são plantas da mesma espécie destinadas à diferentes finalidades. O cânhamo beneficiado para utilização industrial, na produção de tecido, papel, cosméticos, etc., já a maconha é cultivada para a obtenção de suas flores para ser consumida in natura ou beneficiada para utilização medicinal

consumido. Assim como artistas e intelectuais trouxeram para o Brasil o consumo de maconha da cultura norte-americana e europeia nos anos 1970 e 1980, os usuários vindos de fora trazem a experiência do consumo refinado e da possibilidade de produzir em alta qualidade para o consumo próprio. Além disso, diferentemente do passado, a capacidade de comunicação através da internet e das mídias sociais permite que mais pessoas entrem em contato com experiências políticas de tolerância ao consumo, assim como de produção de alta qualidade.

Indo além da formulação sobre a produção de maconha proposta por Potter (2016), a quarta fase aqui apresentada é, para além de um processo de globalização com a inserção dos principais países consumidores como produtores, uma transformação com tendências à urbanização da produção de maconha. A partir do momento que a produção passa a estar ao alcance dos usuários é possível e provável que nas grandes cidades, independente da região do planeta, sejam encontrados plantios caseiros de maconha.

Além da possibilidade de produzir melhores produtos, o cultivo em interiores está se tornando uma característica da cultura canábica. Cultura aqui não é entendida como uma característica distintiva de um grupo homogêneo, mas como um conjunto de rituais, histórias e símbolos, no que Swidler (1986) descreve como um conjunto de ferramentas (*tool kit*).

Caracterizando a quarta fase do esquema proposto é possível afirmar que, para além de um processo de globalização da produção, está em curso uma tendência à urbanização da produção de maconha no mundo. Embora seja notável que a melhoria da produção é um processo estruturante do mercado, fica evidente a particularidade desse momento por estar acontecendo através de um movimento dos usuários que estão buscando produzir para consumo próprio e, naturalmente, em alguma medida, para a comercialização.

A partir das condições de produção do continente sul americano, relativas ao custo da produção e ao potencial de produção de alta qualidade em ambiente exterior, é possível esperar que o desenvolvimento do nicho comercial da maconha *indoor* não se expanda como nos países europeus e da América do Norte. As diferentes oportunidades oferecidas pelas condições geográficas e climáticas e a grande disparidade dos custos da produção *indoor* e *outdoor*, com reflexo no valor de

mercado, não aponta para a exploração comercial da produção *indoor* na região como promissora.

3.2 ANTECEDENTES À PRODUÇÃO SERTANEJA

Para compreendermos o plantio da maconha na principal região produtora do Brasil, localizada na região do Baixo e Submédio São Francisco, mais conhecida como Polígono da Maconha e que compreende os estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe, é necessário contextualizá-la no tempo e no espaço.

Historicamente a região nordeste, sobretudo a parte sertaneja, sofre com o desinteresse dos poderes centrais para o fomento do desenvolvimento político e social. Junto a este fato, nas regiões mais atingidas pelas secas sistemáticas, durante o período da República Velha a figura dos coronéis se institucionalizou. Os coronéis são sujeitos pertencentes às famílias tradicionais, cuja responsabilidade era administrar a máquina municipal, sem qualquer compromisso republicano, desde que mantivesse lealdade às lideranças políticas às quais era subordinado (LEAL, 1975). Desde então a concentração de renda e poder político tem sido uma constante na região, o que favorece a manutenção da desorganização dos serviços públicos básicos e do controle político oligárquico.

Nesse cenário de concentração de poder à nível municipal e regional as disputas ocorriam, em grande medida, não por meio de embates democráticos e eleitorais, mas pela força dos bandos que cada liderança possuía.

Os sertões nordestinos foram cenário de lutas intensas entre jagunços que compunham 'exércitos' particulares, numa demonstração de arbítrio do poder privado dos chefes municipais. Em cidades como Floresta e Belém do São Francisco, assim como em outras municipalidades de Pernambuco, estas brigas entre famílias e a ameaça aos movimentos sociais se estendem até hoje (FRAGA, 2006).

As famílias dessas regiões, sobretudo aquelas que se dedicam à agricultura familiar e de subsistência, enfrentam problemas pela ausência de serviços básicos e longos períodos de estiagem, o que torna as condições de vida ainda mais problemáticas. Sem políticas para a convivência harmônica da população rural com o meio semiárido e seus períodos de secas sistêmicas, a situação de precariedade e pobreza é uma

constante na vida de várias gerações. É nesse contexto que as atividades ilícitas surgem como fonte de renda alternativa que permite a melhoria na condição de vida. Merecem destaque enquanto atividades mais favoráveis à adesão por parte das populações vulneráveis aquelas que não estão relacionadas a condutas violentas, como é o caso do plantio de maconha.

Em suas pesquisas nas regiões nordestinas produtoras de maconha, Fraga (2006) identifica que os agricultores envolvidos em tais plantios não consideram a atividade como criminosa. Plantar maconha, cebola, pimentão ou algodão não são percebidas como atividades diferentes. Essa indiferença se dá porque compreendem o trabalho no cultivo da maconha como equivalente às demais, independente do status legal. Como se trata de uma atividade sustentada pelo esforço, sem danos à terceiros, não se veem como criminosos. Essa compreensão é ponto de partida para investigar o porquê dos usuários e comerciantes exclusivamente de maconha não perceberem suas atividades no mercado ilícito como tráfico.

A conjugação do mandonismo - entendido como as estruturas hierárquicas e personalizadas de poder que exerciam domínio arbitrário sobre as pessoas, impedindo-as de ter livre acesso ao mercado e à sociedade - representado na figura do coronel (CARVALHO, 1997), e em alguma medida preservado na contemporaneidade pelos grupos oligárquicos, muitas vezes familiares, com a vulnerabilidade social imposta pelo esquecimento político e pela realidade climática, pode ser colocada como o alicerce para o desenvolvimento da indústria de maconha no sertão nordestino.

3.3 A GERMINAÇÃO DA PRODUÇÃO PELA DEMANDA

A preservação do poder oligárquico nessa região foi importante para o desenvolvimento da produção de maconha na segunda metade do século XX. Muitos dos grupos políticos assumiram parte do controle da produção em grandes regiões. Empregando métodos violentos, grupos de pistoleiros à serviço das elites assediavam e ameaçavam trabalhadores para que plantassem maconha (FRAGA, 2006).

As já existentes rixas político-familiares foram canalizadas para as disputas no mercado produtivo de maconha, o que com o posterior aumento da repressão policial

sobre a atividade, provocou um significativo aumento nas taxas de homicídios no final da década de 1990 (FRAGA, 2006), problema que resultou numa maior repressão ao tráfico pela Polícia Federal, sendo instalada uma delegacia na cidade de Salgueiro, em Pernambuco, para estefim.

Antes de estabelecer-se como atividade comercial, foi na região nordeste que o consumo de maconha, trazida por escravos africanos, popularizou-se entre os negros e índios (CARLINI, 2006). Este fato explica o desenvolvimento de um mercado em torno de uma planta desconhecida da população originária. Antes de ser produzida para fins comerciais, foi uma atividade com finalidade lúdica, realizada em pequena escala, semelhante ao que atualmente chama-se no meio canábico de autocultivo. Dada as circunstâncias locais (estrutura político-democrática oligárquica, terras ociosas, mão de obra barata, regime chuvoso adverso à agricultura familiar tradicional etc.), a região já apresentava potencial para o desenvolvimento de agriculturas de compensação, como o plantio de maconha. Mas, para isso, era necessário que houvesse demanda.

Até a década de 1950 não havia no Brasil um mercado consumidor suficiente para o desenvolvimento da produção comercial de maconha. O uso de *Cannabis* era um hábito relacionado pelas elites políticas, jurídicas e médicas à degeneração mental e moral, a partir de compreensões morais e científicas racistas. Nessa época, em virtude da propaganda racista e da repressão social e estatal, grupos segregados, como os negros e imigrantes hispânicos, eram os consumidores majoritários de maconha. Porém, a partir dos anos de 1960, com o surgimento dos movimentos contraculturais nos países industrialmente desenvolvidos, houve uma popularização do hábito de fumar maconha para além dos grupos sociais tradicionalmente consumidores (FRANÇA, 2015).

Nos Estados Unidos, em poucos anos, o consumo de drogas ilícitas deixa de ser próprio dos guetos e das minorias étnicas marginalizadas social e politicamente. Os jovens brancos da classe média passam também a ser consumidores. No que diz respeito à maconha, Del Olmo (1990, pg. 35-36) dirá que:

Em 1965 o *boom* da maconha proveniente do México – então o grande produtor – se fazia sentir entre amplos setores da juventude, o qual mudaria a percepção sobre a própria maconha e o discurso que se construiria em torno dela. Já não podia continuar sendo vista

como 'a erva assassina (The Killer Weed) dos anos anteriores, mas se converteria na droga do excluído (The Dropout Drug).

Essa transformação começa a ser sentida no Brasil a partir da década de 1970. Paulatinamente as juventudes das classes médias passam a ter contato com a maconha e a compreender o hábito a partir de uma nova perspectiva. Nesse processo, artistas e intelectuais famosos tiveram papel fundamental, assim como os universitários, na importação e popularização do consumo, a partir do contato com a contracultura norte-americana e europeia (FRANÇA, 2015). É por meio dessa virada na forma de perceber e consumir a maconha que têm início o processo de ampliação dos grupos consumidores da erva, aumentando a demanda e, conseqüentemente, estimulando a formação de uma estrutura para garantir a oferta.

Nesse mesmo momento histórico tem início um processo de transformação na região sertaneja às margens do Rio São Francisco em decorrência do surgimento do agronegócio de frutas tropicais. Como consequência da formação dessa nova atividade comercial, chegam à região obras de infraestrutura para o melhoramento do escoamento da produção. É justamente nesse momento que surgem as grandes lavouras de maconha. Essa nova atividade legal na região proporcionou o melhoramento das estradas e rodovias, beneficiando diretamente o escoamento da maconha, junto com as frutas – com destaque para a manga, que ao exalar forte aroma reduzia as chances de identificação da carga e de apreensão (FRAGA & IULIANELE, 2011).

Como o fenômeno contracultural na segunda década do século XX não esteve restrito aos países ocidentais desenvolvidos, atingindo países como o Brasil, Argentina e Uruguai, a maconha também tornou-se parte dos costumes dos jovens desses países. Como uma das únicas regiões do continente com alguma produção sem intenções comerciais anterior ao estímulo contracultural, a região nordestina, que com o tempo passou a ser conhecida nas crônicas policiais como Polígono da Maconha, foi a grande responsável pela oferta. É possível chegar a essa conclusão a partir do trabalho de Veríssimo (2017 apud GARAT, 2012), que constata que uma quantidade considerável de maconha consumida na Argentina era originária do nordeste e chegava ao país via portinhos que atravessavam a fronteira com o Brasil e retornavam com a erva.

Nessa primeira década de ampliação da oferta, a produção de maconha era

predominantemente latifundiária, facilitada pelas grandes propriedades pertencentes a apenas um dono e marcada pela dependência dos agricultores com essas pessoas, em virtude da vulnerabilidade imposta pelas condições sociais e climáticas já mencionadas. Em 1980 a produção aumenta, respondendo ao aumento da demanda do mercado interno. Como a repressão policial era praticamente inexistente, não havia preocupação com a escolha dos locais de plantio, sendo comum avistá-los até mesmo junto às rodovias, situação que começa a mudar no início dos anos de 1990, quando as operações de erradicação começam a se intensificar. Desde então, os plantios passaram a ser feitos em locais de difícil acesso, em meio à vegetação nativa (caatinga) ou nas ilhas fluviais do rio São Francisco (FRAGA & IULLIANELLI, 2011).

É interessante notar que já no final da década de 1980 o mercado consumidor do sul e sudeste já estava em processo de transição. A “maconha soltinha” produzida no sertão nordestino - com suas variedades: manga rosa, belo antônio, cocô de bode - dava lugar ao “prensado paraguaio” (GARAT, 2012 apud VERÍSSIMO, 2017). Se Fraga e Iullianelli (Op. cit.) identificam o aumento da produção nordestina como simultâneo à perda de espaço no mercado consumidor sulista, ficando restrita às cidades nordestinas, é possível apontar que o número de usuários cresce consideravelmente na região nordeste a partir de 1990.

3.4 A MACONHA COMO PORTA DE SAÍDA DA PRECARIIDADE

A falta de alternativas lícitas economicamente viáveis para a subsistência de parte da população sertaneja pode ser colocada como um imperativo para o engajamento na agricultura ilegal de maconha. Ao compararmos as motivações para a participação dos agricultores no plantio de maconha no nordeste com as motivações para a participação em tal atividade nos Estados Unidos e Europa percebemos que aqui a atividade é umas das únicas alternativas para melhoria da renda e saída de uma realidade precária, muitas vezes miserável, enquanto nas regiões do norte global essa atividade é almejada, principalmente, como forma de melhoria de renda e para consumo próprio (FRANK, 2009; POTTER, 2006, 2016a, 2016; WEISHEIT, 1991).

Os resultados dos estudos sobre a produção de *Cannabis* apontam uma grande recorrência da motivação ideológica - seja para fim medicinal ou como forma de enfraquecer o narcotráfico e suas práticas violentas - para a iniciação de plantios

ilícitos de maconha em países industrialmente desenvolvidos (Op. cit.). No nordeste brasileiro, indiscutivelmente, a motivação financeira prevalece. Não foi identificada, pela pequena produção de estudos sobre os plantios ilícitos que abastecem o mercado nordestino, pessoas que se envolveram na atividade como um *hobbie* ou para o incremento da renda. Sobretudo porque dentro das habilidades e possibilidades da população local, as atividades relacionadas à terra é uma das únicas formas de sobrevivência. Pelos estudos de Fraga (2003; 2006; 2011), percebemos que na maioria das vezes a dedicação ao plantio de maconha não foi algo planejado, mas surgiu como única alternativa de renda encontrada pelo trabalhador rural para não migrar para as cidades urbanizadas ou se submeter a relações de trabalho análogas à escravidão (embora esse regime tenha sido observado em algumas plantações de maconha).

Esse envolvimento de pequenos agricultores sem relação com o uso de maconha, como estratégia de sobrevivência, está vinculado a problemas estruturais que tornam a produção de frutas e outras culturas lícitas algo muito custoso e arriscado. Custoso porque há pouco ou nenhum incentivo governamental para o escoamento da produção, tampouco políticas de incentivo à produção. E arriscado porque os regimes chuvosos são extremamente imprevisíveis, com longos períodos de secas recorrentes, frequentemente arruinando os recursos investidos na produção.

Vários fatores são frequentemente apontados como potenciais entraves ao desenvolvimento da agricultura nordestina, entre eles questões ambientais, deficiência logística, atraso tecnológico, falta de crédito e falta de assistência técnica. O grande desafio para o desenvolvimento da agricultura regional é, pouco a pouco, promover melhorias em seu sistema produtivo que transponham estas limitações. Faz parte deste desafio promover a inclusão da agricultura familiar em um sistema de produção moderno e eficiente, com acesso a crédito, assistência técnica e insumos (CASTRO, 2012).

Em pesquisa no Polígono, Fraga e Lullianelli (2015) trazem o seguinte relato de um agricultor: “Vários colegas já trabalhavam no plantio, e as diárias do cultivo eram bem superiores às recebidas na lavoura de produtos agrícolas tradicionais. Na minha cidade, as pessoas envolvidas com o plantio tinham renda de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil, quantia superior ao trabalho de quatro ou cinco meses em outros cultivos”.

Inicialmente a produção de maconha era realizada em locais com pouca descrição, até mesmo próximo à rodovias em grandes porções de terra, mas com a intensificação

das operações de erradicação e repressão a distribuição, foram observadas várias mudanças, dentre elas a redução das lavouras, a desarticulação de grupos organizados (FRAGA, 2006) e o espraiamento dos plantios para cidades sem histórico de cultivo para sair da rota das operações¹⁹. Diante dessas mudanças, a dinâmica da produção foi alterada e abriu-se caminho para organização autônoma de agricultores, diversificando as relações de trabalho no mercado produtor de maconha.

Observando essas transformações, podem ser identificadas quatro diferentes formas de organização de trabalho. A primeira é o plantio pelo sistema de meeiro, em que o dono da terra recebe sementes, adubos, ferramentas e demais insumos para produção e, após a colheita, o agricultor repassa toda a produção ao seu “financiador”, que fica encarregado de vendê-la para então dividir os recursos obtidos. Outra forma comum a contratação é a direta; aquela em que a mão de obra é remunerado ao final da colheita por meio de diárias pelo plantio em terras públicas, como nas ilhas do Rio São Francisco e nas reservas da caatinga ou particulares. Outra possibilidade, que também faz uso das terras públicas, é a reunião de grupos de agricultores que compartilham os custos da produção e plantam por um período de tempo em locais diferentes. E por fim, também é muito comum a produção em meio a agricultura familiar, disfarçadas entre as culturas tradicionais com frutas, cebola, feijão, macaxeira, milho etc. (FRAGA, 2006).

As condições climáticas da região do Baixo e Submédio São Francisco são muito favoráveis ao desenvolvimento da *Cannabis*. A forte incidência solar e ínfima variação na duração dos dias e das noites permitem colheitas sistemáticas durante todo o ano e a proximidade com o rio São Francisco garante a irrigação necessária para as plantações nas ilhas fluviais e nas áreas marginais. Quando a captação das águas do rio não é possível, são utilizadas “águas derivada de drenagens naturais perenes ou temporárias, canais de irrigação, açudes, lagoas, poços e/ou pequenos reservatórios de acumulação de água da chuva” (LISITA, SANO & DURIEUX, 2013: 49).

Devido ao fato de a produção ocorrer ao ar livre, produções extensivas são viáveis. O plantio acontece em covas, com espaçamento regulares (1m por 1m ou 2m por 2m) e até oito plantas no período de germinação e de três a quatro no período da vegetação e floração. Nessas condições as plantas atingem, no mínimo, dois metros de altura (LISITA, SANO & DURIEUX, 2013).

A produção realizada em exterior permite maior produtividade, o que garante uma vantagem em relação à produção em interiores. Como as plantas podem se desenvolver livremente, sem limitação de crescimento, atingem entre dois e quatro metros de altura. Nessas condições um único pé de maconha produz, em média, três quilos de maconha²⁰. Essas vantagens já garantem um menor custo.

Além do que foi exposto acima, o que facilita a rearticulação de toda a cadeia da indústria da maconha, interferindo inclusive na retomada da produção agrícola, é a pequena distância entre o produtor e o consumidor. Como a produção está dentro das fronteiras do mesmo estado, o processo de transporte da maconha para chegar até o mercado consumidor não enfrenta grandes dificuldades de fiscalização. Com relativa facilidade para superação de barreiras policiais, a entrada de novos atores para a distribuição é pouco custosa, principalmente porque o transporte acontece dentro do mesmo país. Segundo informações de campo, é muito comum que usuários, de forma sistemática ou não, façam viagens ao interior para comprar a mercadoria diretamente dos agricultores para distribuição entre amigos, ou comercialmente, com a intenção de obter pequenos lucros.

A partir dessa informação, é possível afirmar, por extensão, que a desarticulação policial de grupos organizados para o transporte e comercialização é facilmente substituída pela facilidade no acesso aos produtores e restabelecimento das rotas de transporte. Essa proximidade pode inclusive, explicar o baixo preço de mercado da maconha produzida e comercializada no nordeste.

Além do menor custo no transporte que interfere no valor final, a proximidade também garante que o condicionamento da maconha para o transporte seja feito de forma que interfira benéficamente na qualidade final do produto consumido no nordeste, sobretudo quando comparado à maconha paraguaia consumida no sudeste.

Passando para o caso da produção paraguaia, as organizações envolvidas no cultivo e distribuição destinados aos mercados do sul e sudeste brasileiro, ao levar em consideração os riscos relacionados a grande distância até o consumidor, utilizam prensas para compactar a maconha em blocos rígidos de um quilo com a finalidade de reduzir o volume das cargas o máximo possível, aumentando a quantidade (MENDONZA & MARIN, 2015).

Junto à maximização dos ganhos, esse processo é necessário para que a erva não entre em processo de decomposição, por se tratar de uma matéria orgânica, no longo deslocamento terrestre (Op. Cit.). Em relação ao processo de cultivo e condicionamento para o transporte, é documentado que em virtude da falta de cuidado na colheita, secagem e prensagem, realizada ao ar livre, uma série de insetos e secreção animal são prensados junto a maconha. Como resultado do processo de prensagem, os blocos do prensado possuem cheiro forte de amônia. Esta não é adicionada pelos agricultores ou traficantes como comumente se pensa, mas é consequência da fermentação e decomposição devido a falta de cuidado na produção e prensagem²¹. Essas características do prensado explicam porque o “soltinho” - que não passa pelo processo de prensagem – é considerado de melhor qualidade. De forma equivocada, Fraga (2007) aponta para a melhor qualidade do prensado paraguaio.

3.5 CONTROLE DE QUALIDADE

Segundo observações, entrevistas e conversas de campo, é possível fazer as seguintes descrições: a maconha tradicionalmente produzida em Pernambuco é conhecida popularmente como “solto” ou “soltinho” por ser comercializada de forma não compactada e as flores e partes das plantas são facilmente diferenciadas. A explicação para esse nome está relacionada à sua diferenciação em relação à maconha consumida no sul e sudeste do país conhecida por “prensado”. Este é comercializado em formato cúbico, conhecido popularmente como BigBig, devido à semelhança da sua forma com a marca do chiclete homônima. Nesse formato não é possível diferenciar qual parte da planta está sendo consumida, o que aumenta as chances de adulteração com partes da planta não indicadas para o consumo.

A maconha pode ter diversas características, a maioria delas relacionadas aos cuidados na produção e após a colheitas e que são necessários para a distribuição. Podem ser verde, alaranjada ou marrom; úmida ou seca; com muitas ou poucas sementes; com grandes ou pequenas inflorescências. Essa coloração pode estar relacionada à qualidade do processo de cura das flores – que não é nada mais que condicioná-las sob determinadas condições de modo a potencializar suas substâncias positivas e atenuar as negativas –, à forma como ela é acondicionada para a distribuição e à espécie da planta. O nível de umidade também está relacionado à

qualidade da cura. A quantidade de sementes indica o cuidado do produtor na seleção das plantas mais aptas para a produção de flores com maior concentração de canabinóides psicoativos e o tamanho da inflorescência está relacionado aos cuidados básicos no cultivo e à variedade genética da semente utilizada.

O processo de cura é muito importante para a qualidade e aparência final do fumo²². Tanto a maconha quanto o tabaco adquirem maior sabor e potência e reduzem o potencial ofensivo ao corpo a depender da qualidade no processo de cura. A grosso modo, é um processo de secagem das flores cujo objetivo é fazê-las “amadurecer”, reduzir a umidade e reduzir a concentração de clorofila. O excesso de umidade aumenta as chances de surgir mofo e outros microrganismos indesejados e até de apodrecer durante o percurso da distribuição, e o excesso de clorofila deixa o produto final com um gosto ruim, com maior potencial ofensivo ao sistema respiratório.

Segundo informações de campo, quando exposta ao sol a maconha perde sua coloração verde, ela é “queimada” pelos raios solares, porém, há variedades cujos pigmentos das inflorescências já são de cor escura, com tons alaranjados. É o caso da manga-rosa, famosa variedade nordestina, de sabor marcante, adocicado, nacionalmente reconhecida pela sua boa qualidade e poder psicoativo. Pela sua qualidade reconhecida, foi cruzada laboratorialmente com outras variedades, sendo comercializada por bancos de sementes estrangeiros²³. Segundo o entrevistado 2, atualmente não é possível encontrá-la em seu estado natural devido a sucessivos cruzamentos espontâneos na natureza.

A forma como as colheitas são preparadas para o transporte determinam a qualidade final do produto porque o processo de prensagem e reprensagem, muito utilizado pelos produtores paraguaios com o objetivo de evitar o apodrecimento durante a viagem, além de compactar as flores junto a folhas e outras partes da planta que não são próprias para o consumo, também favorece a fermentação e decomposição da matéria orgânica, o que confere forte cheiro de amônia e sabor desagradável.

Tal prática também pode ser verificada no nordeste, mas é pouco recorrente. Segundo um comerciante local, as maconhas de qualidade boa e regular são embaladas com o mínimo de compactação para evitar que as flores se desagreguem e produzam um farelo, conhecido popularmente como “zarel”. No varejo, quanto mais zarel uma

“cinquentinha”¹⁵ possuir, menos ela é valorizada.

A quantidade de sementes encontradas nas flores da maconha também é um indicativo do cuidado na produção, o que implica, conseqüentemente, na qualidade final. Para uma máxima produtividade e produção de flores com alta concentração de canabinóides, sobretudo os psicoativos, é necessário que as plantas macho sejam eliminadas (Entrevistado 2). Isto é necessário porque são nas flores, exclusivamente produzidas plantas fêmeas, que estão concentradas as maiores quantidades de resina, com grande concentração de canabinóides, sobretudo o THC (BOOTH, 2015).

Caso haja plantas macho e fêmeas em uma mesma lavoura, mesmo que em longa distância, o pólen produzido pelas plantas macho tem grandes chances de polinizar as plantas fêmeas, que deixarão de concentrar toda a sua energia na produção de resina para também produzir sementes. Logo, os produtores que estão atentos para eliminar as plantas macho anteriormente ao período da floração – momento em que é possível diferenciar o gênero das plantas – fazem colheitas maiores e de melhor qualidade.

Além desse cuidado, também deve-se evitar qualquer tipo de trauma – como os causados por grandes períodos sem irrigação e por ausência de alguns nutrientes fundamentais – porque a *Cannabis* pode tornar-se hermafrodita, o que reduz a qualidade final (VIDAL, 2014).

O tamanho das flores está relacionado a todos os cuidados básicos, como preparo do solo, irrigação, controle de pragas, provisão de nutrientes etc. A variedade das plantas também importa: as da família índica tendem a produzir flores menores do que a sativa, porque as plantas da primeira família têm potencial de crescimento muito menor do que a segunda (BOOTH, 2015).

3.6 AS TRANSFORMAÇÕES RECENTES DO MERCADO

Segundo as investigações realizadas no campo, até aproximadamente o final da década de 2010, predominavam no mercado local duas variedades de maconha produzidas no sertão: o soltinho tradicional e a manga-rosa. A primeira de cor escura,

¹⁵ Espécie de unidade de medida para comercialização de maconha no Nordeste contendo cinquenta gramas

próxima ao marrom, não possuía qualidade constante, na maioria das vezes com baixa qualidade, com muitas sementes, sem o processo de cura necessário e, algumas vezes, com “banho” (processo de adulteração por meio da adição de algum líquido, normalmente água com açúcar) para o aumento da densidade e retardamento do processo natural de apodrecimento.

Já a manga-rosa adquiriu fama dentre os usuários de todo o país pelo sabor e potência diferenciados. De cor alaranjada é de uma linhagem genética diferenciada, marcante pelo sabor forte e adocicado, tem grande poder psicoativo (VERÍSSIMO, 2017) e com valor de mercado um pouco superior ao do soltinho tradicional. Não foi possível entender o porquê, mas ela deixou de circular no mercado local. Segundo informações de campo, muito possivelmente pela extinção da genética, decorrente de sucessivos cruzamentos espontâneos. Até a década de 2010, as cinquentinhas tradicionais eram comercializadas, em média, por R\$ 60,00, já a cinquentinha da manga-rosa era comercializada por um valor dez ou vinte reais mais alto.

Vários usuários relataram que partir do final da década de 2000 houve uma intensa transformação no mercado, com alguns períodos de grande escassez do soltinho. Há indícios de que isso tenha ocorrido como resultado do aumento das operações de erradicação e apreensão de maconha. A cinquentinha que durante muitos anos variou entre R\$ 50,00 e R\$ 60,00 saltou para R\$ 90,00 em um curto espaço de tempo.

Como estratégia de erradicação e enfraquecimento do plantio, os agentes da Polícia Federal passaram a identificar as plantações, mas sem fazer a interdição de imediato, somente intervindo quando estavam perto de atingir o nível de maturação. A partir disso, segundo delegado da PF Dário Leitão²⁶, a maconha sertaneja não tem mais boa qualidade (o que é discutível). Também foi observado, durante um curto espaço de tempo, a redução das flores comercializadas e a perda de qualidade. Na imagem abaixo podemos observar flores claramente colhidas antes da maturação e com algumas sementes.

Figura 2 - Cannabis de baixa qualidade colhida antes da maturação



Foto: fonte própria

Em meados da década de 2010, pela primeira vez o prensado é popularizado em grande escala e de forma permanente. Também surgem em escala comercial alguns tipos de haxixe importados (especialmente o paquistanês e o marroquino), o skunk¹⁶, e o Ice-o-lator¹⁷. As maconhas produzidas em ambientes controlados com alta concentração de THC não possuem um tipo predominante. Podem custar de R\$ 30,00 até R\$ 80,00. Das resinas mais comuns, o haxixe preto, normalmente importado do Paraguai, custa por volta de R\$ 20,00 o grama. O paquistanês custa por volta de R\$ 60,00 o grama e o Ice por volta de R\$ 120,00. Como é de se esperar, a discrepância nos valores das maconhas produziram estratificação do consumo. A flor da imagem abaixo é fruto da semente batizada de Tropa de Elite, cruzamento das espécies Magnum e Transamazônica, da empresa chilena Maconha Seeds Bank Brasil, desenvolvida em ambiente interior. O aparecimento desses novos produtos indica que o mercado está respondendo às expectativas da demanda, cada vez mais exigente.

¹⁶ Principal variedade utilizada no cultivo indoor pela sua qualidade e adaptação a essa forma de cultivo

¹⁷ Haxixe nobre, extraído com uso de água e gelo, o que o torna menos impuro e mais potente

Figura 3 - *Cannabis* de alta qualidade produzida em ambiente interior



Foto: Fonte própria

Ainda em meados da década de 2010 passou a circular pelas rodas de maconheiros de Pernambuco uma nova variedade de maconha, inicialmente nomeada de “*kunk do sertão*”, tinha maior potencial psicotrópico, sabor muito semelhante ao *skunk* produzido em interiores e era produzido no sertão. Popularizou-se como “bode” ou “bodinho”. Informantes-chave, com inserção e conhecimento da produção, explicam que esse nome está relacionado a utilização de fezes de bode como principal fertilizante na produção.

É possível, de acordo com os achados de campo, que a utilização de fezes de bode como forma de adubação da *Cannabis* não seja uma novidade no semiárido. O informante mais velho (Entrevistado 4) com 57 anos de idade, que utiliza maconha desde os 15 anos, aponta para a existência de uma antiga variedade de maconha, conhecida como *cocô decabra*. Por ser um mamífero de corte resistente ao clima árido, a cabra é dos únicos animais criados no sertão e pela escassez de recursos, é natural que a reutilização das fezes não seja uma prática recente.

Além de fertilizantes, a melhoria na qualidade da produção está relacionada a outras mudanças. Outro informante-chave, natural de uma cidade sertaneja próxima à região produtora, afirma que alguns usuários, ao voltarem de viagens do exterior,

trouxeram sementes geneticamente modificadas que foram repassadas para os cultivadores. A partir delas, aconteceu uma série de cruzamentos genéticos com outras espécies já adaptadas às condições do solo e clima sertanejo, resultado no “bodinho”. Conforme foram surgindo plantas de melhor qualidade, suas sementes foram selecionadas, assim como foram feitos clones, o que resultou numa melhora considerável da maconha comercializada na RMR.

Pensando a produção outdoor, no interior [do estado], tu vê algum tipo de transformação em processo, que também vem no bojo do processo de transformação que a gente tava falando, que aproximaram as pessoas daqui do cultivo com o *grower*? (Pesquisador)

A produção no interior é muito interessante falar sobre ela porque é cultural há dezenas de anos. E o que eu vejo também lá tá passando por esse processo de modificações genéticas, cruzamentos entre espécies que vem de fora, como espécies adaptadas ao nosso clima, como as sativas e manga-rosa, com essa chegada de fora. Por isso que o que a gente tem recebido do interior, na cidade, já é um produto de maior qualidade. O que o pessoal chama de bodinho, né? Já é um fruto do nosso interior com essa adaptação

A forma de produção é muito interessante porque como diz o nome bodinho, ele é cultivado com a merda do bode apenas, com outros aditivos que por ventura se faça biofertilizante, mas o carro chefe é a merda do bode, sofre essas modificações genéticas que não são coisas químicas, é mais de clone, começar essa brincadeira de melhor planta pega as sementes dela e começa a replantar e é no meio de cultura de subsistências. Então vai ser junto com a macaxeira, milho, é um plantio interessante, mas com relação a globalização só o que eu poderia falar é isso (Entrevistado 2).

Diferentemente das variedades de maconha que circularam e circulam no mercado, o bodinho tem cor esverdeada e maior concentração de THC. Além do melhoramento genético, há registro da melhoria nas técnicas de plantio; seleção das sementes das plantas mais aptas aomeio²⁹ e com frutos de melhor qualidade; controle minucioso das plantas macho; utilização de fertilizantes naturais; processo de cura adequado; e o transporte em boas condições. Essas são algumas das melhorias anteriormente ignoradas pelos agricultores e responsáveis pela melhoria na qualidade dos cultivos em geral (Entrevistado 2).

As primeiras cinquentinhas do bode foram comercializadas por valores em torno de R\$ 250,00. Atualmente ele também é comercializado por grama, que custa, a depender da qualidade das flores, no mínimo R\$ 6,00. A seleção das melhores flores de uma colheita pode custar até R\$ 20,00 um grama. O valor do mesmo produto muitas vezes varia de acordo com o acesso do consumidor aos comerciantes

localizados no início da cadeia.

A foto abaixo é de um bodinho de excelente qualidade e preço intermediário. Diferentemente da primeira foto apresentada, aqui temos uma flor bem desenvolvida e sem sementes. Os abundantes “pelos” de cor alaranjada são os tricomas³⁰, apêndices epidérmicos com grande concentração de canabinóides. O sabor frutado é semelhante ao das maconhas produzidas em ambientes interiores. Como o cultivo foi realizado em exterior, o tamanho da flor é consideravelmente maior.

Figura 4 - *Cannabis* de alta qualidade produzida em ambiente natural



Foto: fonte própria

Também surgem periodicamente flores parecidas com a antiga manga-rosa, porém muito maiores. A cor é muito parecida, mas o sabor nem tanto. Tem boa qualidade, verificável pela quase inexistência de sementes, contrariando a ideia de que a produção sertaneja está perdendo qualidade. Pelo tamanho, é possível afirmar que as plantas se desenvolveram plenamente, atingindo por volta de três metros de altura. É comercializada em cinquentinhas por R\$ 120,00 ou R\$ 150,00, dependendo do fornecedor, e tem pouquíssimas sementes. Abaixo temos uma amostra desse tipo, às vezes chamada de “espadas”.

Figura 5 *Cannabis* de boa qualidade produzida em ambiente natural
Foto: fonte própria



Os preços dos produtos podem variar, um pouco para mais ou para menos. Essas variações estão relacionadas à inconstância no fornecimento motivada por operações de erradicação, variações na qualidade e/ou quantidade da produção em virtude das condições climáticas e das estações do ano.

Quando se trata de um novo e cobiçado produto pela qualidade, além das variações habituais, há períodos para estabilização dos preços. Como exemplo podemos citar o *skunk* prensado, conhecido popularmente como “colômbia”. Surgido em 2016, foi rapidamente disseminado na classe médica e inicialmente comercializado no varejo por R\$ 20,00 gradualmente foi desvalorizando, até ser comercializado por R\$ 8,00 o grama. Atualmente, por motivos desconhecidos, não é mais encontrada.

Caso semelhante no que diz respeito à variação nos preços aconteceu com o bodinho. Assim que chegou no mercado causou grande furor por ser um produto “solto”, sem adição de “banho”, com forte cheiro de *skunk*, diferenciado em relação ao soltinho tradicional e coloração fortemente verde, também uma novidade. A cinquentinha podia ser encontrada de R\$ 200,00 até R\$ 500,00 e atualmente, após um longo processo de altas e baixas nos preços, pode ser encontrado, em períodos de abundância, por até R\$ 160,00.

3.7 ORGANIZAÇÃO, ESTRATIFICAÇÃO E EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA NO MERCADO

Parte da organização do mercado pode ser descrita a partir das pessoas que podem interagir neles. O acesso irrestrito aos produtos, como em um mercado público, é descrito como aberto. Neles, pessoas desconhecidas ao vendedor e entre si podem

ter acesso aos produtos negociados. Essa organização, somada ao fator da ilegalidade do mercado, torna as transações instáveis. Há possibilidade de fraude, porque na ausência de garantias legais a desconfiança sempre está presente, além de se estar vulnerável às ações policiais, o que confere às interações um clima de tensão constante (DAUDELIN & RATTON, 2017).

Esta configuração predomina nos estratos mais baixos do varejo, sobretudo no mercado do *crack*. Para o caso da maconha, aparentemente, as transações nessas circunstâncias não são predominantes. Primeiro porque a comercialização nesses contextos acontece em pequenas quantidades e os usuários de maconha, em regra, fazem uso sistemático de maconha, comprando quantidades regulares suficiente para algumas semanas de consumo. Segundo, por questões de segurança. Ao estar em contato com uma grande quantidade de usuários, inclusive de outras drogas, aumenta a exposição e risco de sofrer repressão policial. Terceiro porque além da quantidade ser pouca, a qualidade dos produtos comercializados nesse mercado é de baixa qualidade. De forma geral, a maconha é o produto menos relevante para o comerciantes em mercados abertos (DAUDELIN & RATTON, 2017).

A maior parte das interações no mercado de maconha acontece de forma fechada. A começar pelos estratos mais altos do atacado até o varejo, as transações acontecem entre pessoas que se conhecem. Na parte mais alta da cadeia as relações são normalmente constantes, envolvendo confiança e profissionalismo e ao chegar no varejo, a comercialização entre o vendedor final e o usuário envolve laços de amizade. Nessas circunstâncias elas não acontecem em locais públicos e ao estarem camufladas pela relação pessoal, proporcionam grandes vantagens às partes envolvidas.

No mercado varejista, quando um usuário deseja comprar maconha, mas sua fonte habitual está desabastecida, é comum que recorra a fontes de amigos. Estes, na maioria das vezes, intermediam a relação porque via de regra os comerciantes não gostam da exposição. Essa intermediação é benéfica para as três partes envolvidas. O usuário têm acesso ao produto que deseja, o amigo intermediário pode auferir pequenos lucros pelo *corre*¹⁸ ou tornar-se mais prestigiado junto ao amigo comerciante que pode o recompensar. Este último preserva sua identidade, além de

¹⁸ Corre é o termo utilizado para descrever a ação de compra

evitar o fluxo de pessoas estranhas em sua residência (local predominante do comércio de maconha), o que pode gerar desconfiança da vizinhança. Soma-se a esta configuração, como elemento para aumentar a descrição e evitar a detecção policial, o uso de redes sociais e aplicativos de mensagens. Além dessas configurações, também é possível diferenciar os mercados pelos locais onde acontecem as transações. Quando em locais públicos, são classificados como descobertos, em locais privados, são considerados cobertos. Como essa disposição está muito relacionada a discussão da ocorrência ou ausência de violência, característica muito rara no mercado de maconha, podemos assumir que as transações cobertas acontecem por meio de interações fechadas e as descobertas por interações abertas.

Como a maconha é a droga ilegal mais consumida do mundo (UNODC, 2017) é natural que o seu uso esteja presente em todas as camadas sociais. De forma geral, na Região Metropolitana do Recife, os usuários esporádicos das classes médias e alta para se tornarem usuários sistemáticos devem passar a ter contato com pessoas imersas em redes onde há fluxo comercial (BECKER, 2008). Muitas vezes esses usuários, antes do consumo continuado, já possuíam alguma relação de amizade com os comerciantes ou com pessoas próximas a eles. Já os usuários das classes populares, na impossibilidade financeira de comprar grandes quantidade para um consumo sistemático, se expõem nas bocas de fumo, aumentando sua vulnerabilidade, a partir do confronto motivado pela aparição da política ou de outros grupos comerciantes de áreas próximas, disputando o território ou ainda em situação de prestação de contas.

A participação do usuário sistemático de maconha pertencente às classes médias nesse tipo de mercado (aberto e descoberto) acontece somente quando as suas fontes convencionais estão desabastecidas ou foram capturadas pela polícia. Atualmente, mesmo nesses casos, não é algo comum, sobretudo quando comparado a períodos da primeira década deste século, quando períodos de escassez da erva provocou o aparecimento de filas em bocas de fumo, à exemplo da comunidade de Santo Amaro, no Recife. O tipo de maconha comercializada era o soltinho, porém, em unidades menores, conhecidas como “dola”³², ao preço de 3, 5 e 10 reais.

Além do risco de ser preso e estar em meio a disputas armadas, há outros motivos repulsivos para os mercados abertos não serem frequentados pela classe média: a

estigmatização das localidades pobres; das drogas mais “pesadas”, como o *crack*, comercializadas no mesmo local, e de seus usuários que estão constantemente em trânsito; a comercialização de pequenas quantidades (não predomina a comercialização de cinquentinhas); e a baixa qualidade da maconha. Essa diferença no acesso à maconha e, principalmente, os valores comerciais dos diferentes produtos faz com que existam tipos de maconha para rico e para pobre. O prensado é a maconha da população pobre, de péssima qualidade e comercializada em pequenas porções. O soltinho, quando presente, raramente é de boa qualidade. Já para os mercados de classe média e classe média alta, há uma grande variedade de produtos, com os mais variados preços, de acordo com a qualidade e potência.

Isso faz com que os danos provocados pela ilegalidade sejam diferentes, dependendo da classe social. Usuários pobres estão expostos a violências diversas e são obrigados a consumir produtos de péssima qualidade, com grande potencial ofensivo à saúde. Já a classe média desfruta de segurança em suas transações e consomem produtos de melhor qualidade, menos ofensivos à saúde.

Dentro dessas diferentes disposições organizacionais, merece destaque a cadeia distributiva e comercial do bodinho. Diferentemente das maconhas tradicionais, que o transporte do sítio produtor ao mercado da Região Metropolitana do Recife é feito por atravessadores, o bodinho é, normalmente, resgatado junto ao produtor por pessoas que o comercializam no varejo. Ou seja, mais de um papel (distribuição e comercialização) é feito por uma ou algumas pessoas.

Isso é possível porque ele não é um produto distribuído em larga escala. Como o acesso ao produtor na maioria das vezes é condicionado ao pertencimento a redes, em configuração próxima ao varejo, alguns usuários adquirem com os agricultores pequenas cargas para revenda, com o objetivo de “tirar o seu” (vender para consumir sem custos) e obter pequenos lucros. Devido a essas características organizacionais, o mercado particular do bodinho é predominantemente fechado e coberto. Fechado porque o acesso é restrito às pessoas que já pertencem a redes de maconheiros e coberto porque acontece de forma discreta, em ambientes privados.

A diferenciação dos produtos acessíveis aos usuários pobres e de classe média é acentuada a partir da década de 2010, com a constante disponibilidade de diferentes variedades e derivados (*haxixe*, *skunk*, *kush*, *Ice-o-lator* etc.). Esses não são

acessíveis aos consumidores de baixa renda devido ao valor elevado e acesso restrito, somente possível para alguns usuários com acesso a redes fechada e coberta. Até mesmo o soltinho deixou de ser facilmente acessível aos grupos consumidores mais pobres na medida em que a cinquentinha passou a ser comercializada por, em média, R\$ 120,00.

3.8 APONTANDO CAMINHOS

O esquema teórico para o desenvolvimento da produção da maconha proposto por Potter (2016) parte do princípio de que a oferta de maconha no mundo é um fenômeno dirigido pela demanda dos países desenvolvidos economicamente. Assim, desconsidera que após a formação da demanda nos países onde nasce o movimento contracultural da década de 1960 o hábito se disseminou pelo mundo. Qualquer descrição que pretenda explicar o desenvolvimento de uma atividade de alcance global deve estar atenta às diferentes particularidades das diferentes regiões e países.

Na América Latina, por exemplo, a demanda foi capaz de criar uma oferta local. Essa peculiaridade implica numa série de outras diferenças relativas ao desenvolvimento da indústria da *Cannabis* em comparação com os mercados europeu e norte americano. Principalmente relativas à forma como se transformou através do tempo, as formas de governança, os atores envolvidos etc. É a grande proximidade entre a produção, distribuição e consumo que acumula mais questões necessárias de serem investigadas.

A grande questão que Potter (2016) deixa escapar, ao buscar entender a transformação recente da produção somente nos países historicamente consumidores é, se e como, a melhora das técnicas de produção e a sofisticação da demanda está transformando a cultura de produção e consumo em outras realidades. As novas características da cultura, a partir da disponibilidade da produção ao alcance dos consumidores, podem implicar na urbanização da produção de maconha em pequenas quantidades.

Uma questão extremamente importante a ser investigada mais detidamente é se é possível a popularização do consumo de maconhas refinadas, produzidas em ambientes interiores, mesmo em locais com grande disponibilidade de terras e pessoas em situação de pobreza dispostas a cultivar extensivamente. Essa forma de

produção é mais barata que a realizada em interiores, o que explica a grande discrepância no valor final, como apontado neste capítulo. Como apontam Hamemersvik et al. (2012), a produção em interiores é majoritariamente de pequena escala e a tendência, frente aos vários inconvenientes e características culturais do mercado, é que o cenário não mude.

Além de calcular de forma detalhada os custos da produção *indoor* no Brasil, é de grande importância investigar os custos de produção no sertão pernambucano e o potencial da atividade como geradora de renda com o estabelecimento de toda uma indústria para exploração ampla ou somente medicinal, num possível cenário de legalização.

Já se constatou que essa produção está em processo de melhoramento, desde a eliminação das plantas masculina até o processo de cura. Além disso, com a utilização de sementes importadas foi possível aumentar o potencial psicoativo de parte da produção, respondendo às expectativas da demanda em processo de transformação. Dito isto, é importante buscar entender o potencial de melhoramento e refinamento ainda maior da produção em exteriores.

Um potencial para a expansão do mercado, que não foi exposto no capítulo, porque não foram acumuladas informações suficientes, é a produção de resinas. Há informações de que está sendo produzido cada vez mais haxixe de alta e baixa qualidade. Inclusive pude acompanhar a produção do Ice-o-lator em uma situação de campo. Há potencial para o desenvolvimento dessa produção porque há grande disponibilidade de maconha e o valor agregado das resinas é muito superior. É necessário calcular quanto se agrega de valor a maconha quando transformada em algum extrato.

Por último, é importante apontar duas questões relativas às diversas formas de descriminalização e legalização da maconha no mundo. Diferentemente do momento vivenciado desde a popularização da maconha, a transformação recente no status legal abre a possibilidade para a criação de diversas estruturas de governanças legais, tornando possível a criação de instituições para regulamentar direitos de propriedade, regras de troca, padrões de qualidade etc. (FLIGSTEIN, 1996). Naturalmente, ao adquirir legalidade, o mercado abre a oportunidade para a participação e interferência de empresas, implicando na direção e forma com que ele se desenvolverá porque as

transformações naturalmente também ocorrerão a partir da oferta.

A segunda questão, especialmente importante para os países em desenvolvimento como o Brasil, é o provável ganho de legitimidade da produção e, principalmente, do consumo. As transformações legais pelo mundo, tendem a reduzir a reprovação moral em relação à maconha. Essa aceitação é ainda mais estimulada porque a atividade comercial em torno da *Cannabis* passa a evocar expectativas futuras, tanto das pessoas que já estão no mercado quanto de empresários, atuantes em nichos de mercado próximos (como a farmacêutica e do tabaco) cuja diversificação é um potencial aumento de lucratividade. Mesmo sem transformações no status legal, é esperada a expansão da atividade no Brasil porque mercados ilegais crescem em épocas de mudanças, especialmente em países em desenvolvimento econômico, propensos a vivenciar contínuas crises econômicas, marginalização da população, extrema pobreza e desigualdade persistente (BECKERT & DEWEY, 2017).

4 O CULTIVO CASEIRO EM PERNAMBUCO

Neste terceiro e último capítulo estão expostos os principais achados de campo, relativos à produção caseira de maconha na Região Metropolitana do Recife. São diferenciadas as possíveis formas de cultivo (*indoor* ou *outdoor*) que estão diretamente relacionadas à intenção ou desejo do produto final (maconha tradicional, refinada ou para utilização médica). Em seguida são apresentadas as motivações dos usuários ao iniciarem uma produção e os meios e processos através dos quais eles acessam os conhecimentos necessários para tanto. Por fim, é feito um balanço das razões e estímulos gerais para o aumento desse tipo de produção na região e potenciais motivos que limitam seu crescimento.

4.1 CULTIVO *INDOOR* E *OUTDOOR*

O cultivo caseiro pode ser dividido em duas amplas categorias. A primeira e mais tradicional é a praticada em exteriores, onde as plantas são alimentada pela luz solar. A segunda é uma prática mais recente, associada às transformações da tecnologia para horticultura hidropônica (BOUCHARD & DION, 2009) praticada em ambientes sem iluminação solar, cujo metabolismo fotossintético é alimentado pela iluminação artificial que simula os dias e as noites. O nível de conhecimento sobre o ciclo de vida da *Cannabis*, especificamente, e sobre jardinagem, em geral, exigido para uma boa colheita é muito diferente para cada estilo de cultivo.

Quando as plantas são cultivadas ao ar livre, em locais abertos e com exposição à luz solar durante todo o dia, os cuidados necessários para uma colheita são menores. Segundo relato de um informante-chave com amplo domínio sobre técnicas de cultivo em exteriores, a vantagem de cultivar *Cannabis* em ambientes naturais começa pelo equilíbrio proporcionado pelas mais diversas interações da planta com o meio. Dessa forma, é possível obter boas colheitas com pouco esforço; fornecendo o básico (água e nutrientes essenciais) para o desenvolvimento saudável da planta.

Já os plantios em ambientes controlados, onde não há interação da planta com o meio ambiente, os desafios são grandes para simular as condições naturais e desenvolver a planta satisfatoriamente. Contrariamente ao cultivo em exteriores, é necessário criar um ambiente minuciosamente isolado que simule as condições que a planta necessita quando na natureza. Mas não é simples, pois é preciso estar atento aos sinais de

desenvolvimento da planta para que o ambiente seja constantemente adaptado às diferentes demandas, respondendo às necessidades de cada etapa do ciclo de vida (germinação, vegetação e floração).

Para cada ciclo é necessário fornecer um período de exposição à luz (fotoperíodo) diferente. Além disso, é fundamental para indução da planta da fase vegetativa à floração a mudança do espectro da luz, logo, é comum a utilização de dois tipos de lâmpadas. E também é necessário renovar e circulação do ar 24 horas por dia para a manutenção da oxigenação e retirada do calor produzido pelas lâmpadas.

As variações de tipo de luz e fotoperíodo devem ser acompanhadas pela mudança de fertilizantes. Ao atingir a maturidade vegetativa, é a partir da mudança combinada do tempo de exposição à luz (tanto o período diário de exposição, quanto o espectro da luz) e nutrientes (controlando o pH) que a planta é induzida a começar a produzir flores.

O fornecimento de água também deve acontecer de forma moderada, sem excesso, para evitar a “lavagem da terra”, deixando-a pobre em nutrientes, e o aumento da umidade, que favorece o aparecimento de pragas. Qualquer erro na administração da luz, dos diferentes nutrientes e da água pode gerar diferentes danos.

O que pode parecer um simples negligenciamento para pessoas pouco familiarizadas com o cultivo de *Cannabis indoor* é capaz de causar estresse, prejudicando o desenvolvimento da planta. Pequenos descuidos podem tornar a planta infértil ou hermafrodita, cuja consequência principal é a formação de flores já fertilizadas, ou seja, com sementes, o que reduz consideravelmente a concentração do mais abundante e principal canabinóide psicoativo, o THC.

Dito tudo isso, é possível fazer considerações sobre as variáveis que interferem na escolha dos usuários quando tomam a iniciativa de cultivar a própria maconha. Pode-se dizer que para a produção em interiores, o cultivador deve ter interesse por consumir um produto refinado, de grande qualidade. Isso não quer dizer que o cultivo em exteriores não seja capaz de render produções de qualidade, porém algumas das variedades mais apreciadas, por terem sido desenvolvidas em ambientes controlados, se apresentam muito vulneráveis quando expostas a ambientes naturais.

Para ter um maconha de alta qualidade cultivada em ambiente interior somente

vontade não é suficiente. É necessário que haja interesse e disposição para buscar conhecimento sobre as condições necessárias para o bom desenvolvimento da planta. Conhecimentos básicos de jardinagem não são suficientes para colheitas continuadas e de qualidade. Além da busca por conhecimento, também é necessário disponibilidade diária para o acompanhamento do desenvolvimento da planta. O isolamento em um ambiente interior tem o potencial de desenvolver a planta rapidamente, mas problemas não percebidos e resolvidos rapidamente podem matar a planta em poucos dias.

Já a produção em exteriores pode acontecer de forma espontânea, sem grandes conhecimentos do cultivador. É comum encontrar nas rodas de usuários de maconha pessoas que jogam sementes em vasos e apenas fazem a rega na esperança de que a planta se desenvolva e dê frutos. Mas, é possível obter colheitas de excelente qualidade somente quando há interesse e dedicação em conhecer as necessidades da planta para o seu bom desenvolvimento.

Junto ao tempo livre disponível para o estudo e manutenção do cultivo, outra condição determinante para uma ou outra técnica é a disponibilidade de locais abertos, em que a luz solar incida durante todo o dia ou, pelo menos, na maior parte. Pessoas que moram em apartamentos ou locais onde a área externa é facilmente observada por transeuntes e/ou vizinhos têm como única opção o cultivo em interior.

Conseqüentemente, quem só tem a possibilidade de cultivar em interiores deve ter capital suficiente para investir nos equipamentos necessários e, principalmente, para arcar com o grande aumento na conta de energia elétrica. A manutenção de luzes ligadas entre 8 e 12 horas por dia, somada à exaustão durante 24 horas geram um considerável aumento no consumo de energia. O consumo elétrico aumenta de tal forma que muitos países observam residências cuja consumação é muito acima da média para realizar investigações contra o plantio ilícito de maconha. Embora seja possível fazer um grande número de improvisos, a redução no consumo de energia não pode ser diminuída drasticamente, mesmo com a utilização de lâmpadas de LED que são mais econômicas.

A necessidade de alto investimento para o início e manutenção dos cultivos em interiores acaba por colocar essa modalidade de plantio quase que exclusivamente ao alcance da classe média e média alta.

Tu acha que há recorte de classe dos cultivadores? (Pesquisador)

O que eu tenho acesso, conheço muitas pessoas que moram na favela e é difícil cultivar nesses espaços mais aglomerados. As que eu tenho acesso é classe média-alta (Entrevistado 2).

Quando questionado sobre a existência de alguma tendência de crescimento da produção *indoor* ou *outdoor*, o entrevistado 9, a partir da sua inserção na cena de produção caseira, respondeu o seguinte: “Crescendo é o *indoor*. A cultura do *indoor* tá crescendo. Até porque ninguém tem um terreno externo e aberto pra poder plantar. E a turma fica mais reservada. E o *indoor* tá fechado, só entra com a chave.”

4.2 PRODUÇÃO TRADICIONAL

A produção tradicional é realizada a partir de sementes de plantas de *Cannabis* encontradas em meio à maconha comprada para consumo. Muitas vezes as pessoas que cultivam dessa maneira tentam produzir contando com a sorte, ou seja, jogam sementes em vasos ou diretamente no solo, sem cuidados prévios na preparação dele. Normalmente as sementes utilizadas são de plantas da subespécie *Sativa*. Típica da região tropical, tem sua origem ligada às regiões equatoriais. Necessitam de amplo espaço para crescimento (podendo atingir 4 metros de altura), assim como uma grande quantidade de raios solares incidindo diretamente em suas folhas. Colocam pouca energia para o aprendizado das necessidades especiais da planta, cuidam minimamente com regas e controle de pragas, esperando que a planta floresça. Não há grande interesse por uma produção de alto nível de qualidade, com plantas adaptadas à produção caseira.

Em relação às recompensas intangíveis, apontadas por Weisheit (1991), esse grupo está mais interessado nas recompensas intrínsecas e espirituais do que à social. Esta última acontece quando o cultivador tem como expectativa apresentar aos seus amigos uma produção de qualidade. Para esse grupo, sobretudo a relação afetiva (espiritual) do cultivo prevalece sobre a social. Um fato curioso observado durante o campo foi a identificação de pessoas com cultivos caseiros, porém sem nenhuma preocupação em obter frutos. A planta tornou-se uma ornamentação com forte apego emocional.

Como a produção tradicional muitas vezes impõe restrições de crescimento ou de incidência solar direta nas plantas pelas limitações de terreno, é muito difícil encontrar

casos em que a produção caseira nessas circunstâncias tenha proporcionado uma colheita próxima do potencial que as plantas de maconha têm a oferecer.

Outra questão que impede o bom desenvolvimento dos cultivos dessa forma é a busca e o acúmulo de informação. Quando há, ela está restrita a conhecimentos básicos, muitas vezes acessados via internet, em fóruns, sites e biblias de cultivo. Mas, na maioria das vezes o conhecimento sobre a planta é acumulado de forma lenta e gradual, a partir dos erros e acertos no processo individual, com raros momentos de busca por informação.

Um caso representativo dessa configuração de cultivo é o do entrevistado 4. Cultivador de 57 anos, consumidor de maconha desde os 15. Reconhece que precisa dedicar mais tempo ao aprendizado das técnicas de cultivo, mas ao mesmo tempo não é uma atividade que busca realizar de forma meticulosa para obter grandes e excelentes colheitas a partir de sementes selecionadas. Considera a atividade como um *hobby*, um divertimento.

Durante a entrevista, refere-se à atividade como um passatempo, com pouco interesse pela produção de alta qualidade feita contemporaneamente através da utilização de equipamentos e sementes geneticamente modificadas. Apresenta conhecimento sobre os caminhos para aprender os cuidados necessários para uma produção de melhor qualidade, mas sem interesse em praticá-la. “[O cultivo *indoor*] eu não quis. Botar na estufa. Porque você bota na estufa e tem que ter o controle de luz, temperatura, pH... é um saco” (Entrevistado 4).

Em relação às recompensas, fica claro que a atividade não está relacionada a uma busca por reconhecimento da qualidade do cultivo por outros maconheiros. Está vinculada a recompensas pessoais. No que tange à motivação, diz que começou a cultivar por curiosidade e vontade de plantar, como um “hobbyzinho”. Quando questionado sobre o possível desenvolvimento de uma relação de afetividade com as plantas com o passar do tempo, o entrevistado 4 aponta para uma prática impensável para o grupo dos cultivadores com interesse em colheitas de altas qualidade, que é a preservação das plantas do sexo masculino.

E com o tempo, tu acha que desenvolveu um sentimento de afetividade com a planta? (Pesquisador)

Totalmente. Eu não gosto nem de tirar os machos. Imagina, você cuida da planta desde quando é um brotinho. Aí vai, muda de vaso. Ela cresce e você descobre que é macho. Aquele lá é macho [aponta para uma planta], até agora não arranquei ele (Entrevistado 4).

A prática do cultivo tradicional está restrita a produção em ambientes exteriores por vários possíveis motivos, a maioria deles relacionado ao nível de dedicação e investimento necessário menor em relação aos cultivos em interiores.

4.3 PRODUÇÃO REFINADA

Como apresentado na introdução do capítulo, o campo de pesquisa indicou a existência de uma tendência crescente da produção *indoor*, que é necessariamente refinada (o que não exclui a possibilidade de produção *outdoor* refinada). Até mesmo quando as sementes empregadas não são de alta qualidade, a partir do grande cuidado e técnicas exigidas, o resultado do cultivo pode ser enquadrado como refinado.

Essa forma de produção, embora se encontre em crescimento, não é uma novidade em Pernambuco. É muito provável que estivesse restrita a alguns poucos usuários, porém há registros da existência. Ao ser questionado se há algum marco para definir quando teve início o cultivo refinado, o entrevistado 9 respondeu que “existem os ‘old school’ que cultivam há 20 anos”. Insisto questionando “em alto nível?”, ele responde: “em alto nível. Aqui tem gente que cultiva há mais de 10 anos. Tá normalizando mais, né. Aqui a galera ainda tem medo, no Rio de Janeiro tem mais gente com maiores plantações”

Embora seja possível produzir em alta qualidade em ambientes exteriores, não foi identificada a produção refinada nessas condições, por isso, nesta seção, as descrições estarão focadas na produção *indoor*. Esse cultivo possui como parâmetro de produção as melhores técnicas de cultivo empregadas no mundo. Muitas vezes são utilizadas sementes importadas, de dois tipos, todas desenvolvidas em laboratório. As feminizadas foram criadas para que não haja a germinação de plantas do sexo masculino. Já as feminizadas autoflorescentes, ou somente automáticas, disponíveis mais recentemente no mercado, se desenvolvem mais rapidamente porque passam diretamente da germinação para a floração, enquanto que as sementes comuns possuem um ciclo a mais, o da vegetação, antes do florescimento.

A produção refinada é feita de forma cuidadosa. Além da utilização de sementes melhoradas, também são recorrentes outros cuidados para uma produtividade de grande volume e qualidade. O pH deve ser controlado, quando não são utilizadas as sementes feminizadas os machos são eliminados assim que reconhecidos, por estar em ambientes fechados, é feito o controle da temperatura e da umidade e a leitura do desenvolvimento da planta é fundamental para a adaptação da quantidade de horas de exposição à luz e para a mudanças das lâmpadas.

Todos esses cuidados exigem a utilização de equipamentos e produtos que demandam um grande investimento. As sementes mais simples, somente disponíveis nos *Seeds Bank* localizados fora do Brasil, compradas em pacotes contendo de 2 a 5 unidades, custam por volta de R\$ 100,00, com o frete. Um aparelho básico para a aferição de umidade e pH, em lojas online nacionais, custam em média R\$ 100,00 e os kits reguladores custam em média R\$30,00. O local para o plantio pode ser improvisado: um armário, guarda-roupa, sapateira, pequeno quarto etc. mas quando são utilizadas as estufas própria para o cultivo o investimento pode variar de R\$ 300,00 até mais de 2 mil reais. Além desses equipamentos são necessários exaustores, dois tipos de lâmpadas (para vegetação e floração), *timer* para ativação e desativação automática das lâmpadas diariamente, dentre outros equipamentos.

Os kits disponíveis para iniciantes na internet, com todos os equipamentos necessário, custam no mínimo R\$ 800,00. Com esses equipamentos mais básicos, em que a estufa para a produção é pequena, a produtividade também é pequena, o que desestimula frente ao grande investimento de tempo e energia. Além das plantas serem pequenas, as colheitas acontecem no máximo quatro vezes ao ano. Para uma produção que possibilite ao usuário autonomia de consumo é necessário que haja pelo menos duas estruturas desenvolvendo plantas em diferentes ciclos (enquanto uma ou algumas plantas estão florescendo, outras estão no estágio vegetativo para entrarem na floração assim que as primeiras forem colhidas, e assim esse revezamento permite mais colheitas durante o ano).

Fora o investimento inicial, ainda há o custo da energia elétrica para a manutenção das lâmpadas e exaustores em funcionamento. Em locais distantes dos sítios produtores, o que possibilita o acesso a produtos de boa qualidade e baixo custo, a produção *indoor* é uma alternativa. Mas em Pernambuco, devido a grande

proximidade com o Polígono da Maconha, onde a produção está em processo de melhoramento e ainda a um valor acessível, a produção *indoor* não compensa financeiramente.

Tu acha que compensa financeiramente produzir ou é muito mais uma questão de qualidade? (Pesquisador)

Eu acho que se a pessoa não utilizar pra tráfico, difícil compensar, porque quando a gente vê o que a gente tem acesso, pelo preço que a gente tem, seria mais compensativo comprar do próprio tráfico. Mas se você tem dinheiro pra investir nisso, compensa pelo seu bem-estar. Qualidade de vida. Minha compensação viria por esse lado. Agora, acho caro. Você usar as lâmpadas certa, essa questão das sementes, você pegar e depois ficar só fazendo clone. Então você tem que ter uma infraestrutura. Não dá pra fazer isso na casa da sua mãe se não é um ambiente muito de boa. Porque não é só um banheiro, um grow, é toda uma infraestrutura que gira em torno do cultivo periódico. Você tem uma planta saindo agora, daqui a duas semanas tem outras, o local pra cura, outro pra clonagem. Tem uma infraestrutura. Pravoê ter um auto sustento eu hoje vejo compensando o *outdoor* (Entrevistado2).

Ao observar o investimento fixo e mensal necessário, percebe-se que o cultivo refinado não é acessível a qualquer pessoa. Ainda que seja possível uma série de improvisos para a redução dos custos, é forte a percepção do campo sobre o recorte de classe para esse tipo de produção. Quando questionado sobre a existência de um recorte de classe, o entrevistado 9 responde o seguinte:

Há mais facilidade para quem tem grana, mas tem uma galera que inventa, se junta. Mas pra produção *indoor* mesmo, tem um recorte. Porque tem que ter um investimento. Tem gente na periferia que se organiza, mas não é todo mundo que tem condições de se organizar. Tem nem de onde vir a organização sem dinheiro.

Outra percepção importante é que, com poucas exceções, os *growers* não são militantes, não se expõem, nem frequentam a Marcha da Maconha do Recife. Em meio às diversas marchas em prol da legalização da maconha que ocorrem no Brasil, a do Recife é conhecida pelo alto grau de politização da sua organização e por ter uma das maiores concentrações de pessoas periféricas. A partir da informação obtida durante a exploração do campo, foi questionado:

É verdade o que dizem os militantes pró-legalização, que muitos *growers* não vão para a marcha da maconha? (Pesquisador)

Aqui eu vejo muita gente ausente [da Marcha da Maconha], principalmente a classe média. A classe média daqui não milita não. Não sei se é a identificação. No Brasil têm diferentes perfis de marcha, que frequentam os militantes, a galera que só quer curtir...

Aqui a marcha é muito focada na periferia. Totalmente periferia. Aqui a galera leva mais em consideração a questão medicinal e da guerra às drogas. Eu me pergunto porque essa galera não tá indo. Eu ando de um lado e ando do outro. Muita gente tem medo da periferia (Entrevistado 9).

O entrevistado 9 é o proprietário de um estabelecimento na região que comercializa artigos para produção. Questionado se havia conhecimento sobre outras pessoas que fazem o mesmo tipo de comércio, respondeu que havia um vendedor virtual no site Mercado Livre, mas que atualmente não existe nenhum além dele mesmo. Esse fato aponta para um ramo ainda pouco explorado comercialmente, o que pode ser indicativo da pouca adesão à essa forma de produção.

Saindo dos equipamentos, outra variável importante para um bom cultivo é a nutrição do solo. As formas podem ser diversas, com o emprego de uma ampla gama de produtos, elaborados pelo próprio cultivador ou industrializados. Há uma preferência pela nutrição orgânica, até mesmo pelas pessoas que não usam esta forma.

Há alguns cultivadores, com disponibilidade de áreas externas, que praticam o sistema de permacultura, onde é criada uma organização do meio, para que naturalmente as plantas estejam em harmonia, em um ambiente harmonizado pela própria interação entre as plantas e o meio. Embora identificado, não foi possível realizar entrevista com esse tipo de cultivador. Quando há limitação de espaço para o cultivo externo, cultivadores adeptos às práticas agroecológicas podem produzir os próprios substratos, como foi o caso do entrevistado 2.

A linha de cultivo, tanto *indoor* quanto *outdoor*, é a da microbiota do solo. [...] Os biofertilizantes nós mesmos fazíamos. Biofertilizantes de compostagem, com torta de mamona, pó de rocha, oxigenada com bombinha. Água de côco também é muito bom durante o processo de flora, agente dava um pouco. Todo orgânico [o processo de cultivo] (Entrevistado 2).

Além dessas práticas, também ocorre a utilização de fertilizantes produzidos industrialmente. Estes podem ter origem mineral (artificial) ou orgânico. Para extrair o máximo de uma planta, o que significa uma maior concentração de canabinóides, muitos cultivadores optam por essa prática por demandar menos trabalho.

Como é possível notar, o nível de conhecimento acumulado necessário para atingir os fins esperados é muito maior do que o requerido para uma produção tradicional. Aqui a principal fonte de informação são as experiências de sucesso de outros

cultivadores pertencentes ao círculo de amizade ou por meio de contato virtual e, de maneira secundária, as fontes de conhecimento sistematizado, como os livros. O diferencial é que, como é preciso maior domínio sobre as necessidades da planta, é necessário um aprendizado mais intenso e constante.

O cultivador com intenções de colheitas refinadas está interessado na máxima produtividade. Para isso, como apontado acima, não há qualquer intenção de manter viva as plantas masculinas. Aqui prevalece, quando trata-se das recompensas intangíveis (WEISHEIT, 1991), a recompensa social. Essa afirmativa não nega a existências das recompensas espirituais e intrínsecas ao próprio processo de cultivo, mas significa que para além das recompensas naturalmente esperadas, como a qualidade das flores, a recompensa intangível mais importante é a social.

Uma particularidade de Pernambuco e do nordeste é a temperatura elevada para o cultivo das plantas fruto das sementes modificadas que foram desenvolvidas para o cultivo em interiores nos países com clima temperado. Quando em climas tropicais muitas vezes precisam de um esquema de resfriamento do ambiente para não morrerem por excesso de temperatura. Essa peculiaridade local, aliada aos gastos e às dificuldades da produção em interiores, faz com que o cultivo *outdoor* seja mais atraente.

4.4 PRODUÇÃO MEDICINAL

A terceira e última forma de produção é aquela feita por pessoas que na maioria das vezes não possuíam o hábito de fumar a maconha, mas que a partir de uma necessidade médica passaram a cultivar para extrair o óleo a partir das flores colhidas e utilizá-lo para algum tratamento. É verdade que muitos usuários afirmam utilizar a maconha para o controle da ansiedade, melhoramento da atenção, depressão, combate à insônia, entre outros. Porém, aqui trata-se somente da utilização da maconha beneficiada, transformada em óleo na maioria das vezes e controlada a partir de uma indicação médica.

Embora a utilização da maconha para o tratamento de algumas doenças, síndromes e limitações seja uma realidade há várias décadas em alguns países, sobretudo aqueles com maior tolerância à erva, no Brasil essa prática é muito recente. A explicação para o tardio emprego da maconha medicinal está vinculada aos grandes

entraves legais imposto pela legislação brasileira. Até 2013 qualquer medicamento a base de *Cannabis* era proibido pela Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa) de ser produzido, importado e comercializado.

Esse cenário começou a se alterar quando em 2014, um juiz federal do Distrito Federal autorizou a importação de um medicamento à base de *Canabidiol* (CBD) para o tratamento de Anny de Bortoli Fischer, à época com cinco anos. Ela possui uma doença rara e grave chamada encefalopatia epiléptica infantil precoce tipo 2, decorrente da mutação do gene CDLK5. Ao esgotar as possíveis terapias convencionais as crises permaneceram e a criança tinha até 80 convulsões por semana. Então seus pais importaram medicamento a base de CBD. A partir dos resultados positivos, foi elaborado um parecer médico comprovando a eficácia do tratamento e desde então a justiça permite que a família importe o medicamento³³. Em 2015 o Canabidiol foi retirado da lista de substâncias ilícitas da Anvisa³⁴, porém a burocracia e dificuldade no acesso por meio do SUS ainda impõem muitos limites ao seu uso (Entrevistado 8).

A grande dificuldade encontrada para a utilização de medicamentos a base de maconha é o elevado valor desses produtos no mercado farmacêutico - que chegam a custar mais de R\$ 2.000,00. Diante disso, várias pessoas passaram a se organizar em torno de associações para possibilitar a utilização medicinal da *Cannabis*, fabricando elas mesmas os medicamentos. Assim foi iniciado um novo formato para a produção e utilização médica.

De forma semelhante à autorização obtida pela família Fischer, outras pessoas e/ou famílias com demandas pela utilização médica de maconha passaram a cultivar a *Cannabis* para dela extraírem o óleo necessário para o tratamento; tudo isso de forma ilegal. Ao perceberem melhoras, essas pessoas recorrem a médicos aptos e dispostos em atestar, através de laudos, a eficácia dos medicamentos fabricados artesanalmente para o tratamento em questão. A partir destes laudos são feitos pedido de *Habeas Corpus* à Justiça para viabilizar a manutenção do tratamento e do cultivo de forma legal.

Em Pernambuco, há relatos de pessoas que conseguiram a referida autorização, a partir de pareceres médicos, para plantar e produzir o óleo rico em CBD. Segundo achados de campo, o grande público que hoje está cultivando maconha com o objetivo

médico é composto por mães de crianças com limitações cujo tratamento convencional, feito com base em medicamentos farmacêuticos, não atinge resultados satisfatórios. A maioria dessas mães começam a cultivar porque não possuem condições financeiras para bancar o tratamento de seus filhos importando os caríssimos medicamentos produzidos pela indústria farmacêutica. Para se ter uma ideia, uma ampola do medicamento *Mevatyl* custa entre 2,5 mil e 3 mil reais. Para acessar tais medicamentos através do SUS é necessário aguardar os trâmites burocráticos em média seis meses.

Além da questão financeira, outra questão que encoraja a produção caseira dos medicamentos derivados da *Cannabis* está relacionada à ineficácia dos medicamentos industrializados, que ainda por cima têm grande potencial de provocar efeitos colaterais, os quais não são percebidos quando utilizados os extratos artesanais (Entrevistada 7; Entrevistado 8).

Os princípios ativos que estão dentro da droga *Mevatyl* é o mesmo que está na planta em estado natural. A concentração pode ser diferente, mas é a mesma. Se a gente fosse avaliar o efeito tóxico que o *Mevatyl* vai provocar em relação ao extrato de *Cannabis*, é muito melhor que seja produzido o extrato, que a concentração e os princípios ativos estão em equilíbrio, não tem uma concentração exagerada de A e de B. Existe um complexo fitoterápico dentro do extrato. (Entrevistada 7)

Como essas mães não possuem qualquer familiaridade com o uso, tampouco com a produção de maconha, existe uma rede de solidariedade de cultivadores que se empenham para fornecer conhecimento técnico para que elas possam cultivar e extrair sozinhas os próprios medicamentos.

De forma geral, a partir das entrevistas, é possível afirmar que a grande novidade na produção caseira de maconha em Pernambuco acontece a partir de necessidades médicas. O tratamento de grande eficiência por meio do óleo rico em CBD, quando não há nenhum outro medicamento produzido pela indústria farmacêutica com o mesmo resultado, é atualmente a principal forma de conscientização e informação contra o estigma que demonizou a maconha.

O melhoramento dos sistemas produtivos ele está à reboque ou potencializando o uso médico? (Pesquisador)

Potencializando. E com a ferramenta da internet ajuda nisso. Impressionante. É global mesmo. Você tem uma experiência, já bota no forum e a galera discute (Entrevistado 2).

É fundamental observar os possíveis desdobramentos a partir da utilização médica de *Cannabis* para a transformação da atual percepção social e, futuramente, da política de drogas em geral. A recente e ainda pequena utilização médica de maconha como fármaco receitado por um profissional capacitado é fruto da construção de um código moral em que a maconha é considerada um “flagelo” trazido da África pelos escravos, como afirmava o psiquiatra Rodrigues Dória, no início do século passado (FRANÇA, 2015). As palavras utilizadas para descrever a erva se transformou com tempo, mas a conotação negativa permaneceu a mesma.

A partir do momento que entra em cena essa uma nova forma de utilização da maconha, sem intenções recreativas, por um público diferente do habitual há forte apelo para a transformação, primeiro da sua legitimidade e posteriormente da sua legalidade. As fontes de legitimidade de um mercado ou produto ilegal estão relacionadas às externalidades (subproduto das consequências dos mercados ilegais, que pode ser positiva ou negativa) e a capacidade de evocar expectativas positivas dos agentes do mercado e das pessoas beneficiadas por ele (BECKERT & DEWEY, 2017).

Para o caso em questão é muito provável que surjam externalidades positivas (enfraquecimento da moralidade contrária ao uso de *Cannabis*) na medida em que o uso medicinal é capaz de melhorar a qualidade de vida de pessoas com diversos problemas de saúde. Essa mudança está diretamente relacionada à transformação das expectativas dos participantes do mercado de forma positiva, devido ao potencial crescimento das transações, assim como a redução dos riscos - em virtude da externalidade positiva.

Ainda em relação às expectativas, com o surgimento de um novo público usuário e, principalmente, de uma nova forma de administração da substância, espera-se que haja uma tendência liberalizante da maconha, primeiro com finalidade médica, em virtude da sua qualidade única para diversos tratamentos médicos e terapêuticos, e depois para uso lúdico. Soma-se a isto uma potencial transformação relativa ao imaginário da externalidade negativa do mercado ilegal de maconha, sob a alegação de que a regulamentação do cultivo caseiro é um excelente instrumento político para

enfraquecer economicamente os grupos organizados que utilizam de práticas violentas na governança de suas relações.

4.5 PRODUÇÃO ASSOCIADA

Para buscar dimensionar o tamanho do mercado e o nível de profissionalismo do mercado produtor local foi investigado se há pessoas, como foi identificado por Potter (2006) no mercado do Reino Unido, que ao acumularem grande conhecimento da produção tornam-se consultores. Foi constatado que não existe esse tipo de prestação de serviço, porém outra questão surgiu: formas de associativismo para a produção com e sem finalidade médica.

Devido aos altos custos da produção caseira de boa qualidade para a produção de medicamentos, a formação de coletivos onde usuários se organizam para produzirem a maconha e o óleo, que é distribuído sem finalidade lucrativa entre os membros, tem se tornado cada vez mais comum. Essas espécies de cooperativas funcionam a partir das diferentes possibilidades e conhecimentos para o cultivo. Existem os financiadores, que não possuem tempo disponível para se dedicar ao cultivo, mas se aliam a um usuário, também com demanda médica, que não possui capital para o investimento, mas sim conhecimento e tempo para o cultivo. Além desses dois perfis, ainda podem estar em associação pessoas com locais aptos para o plantio.

Tem alguém que faz prestação de serviço, que vai na casa ensinar como faz pra produzir. Um consultor? (Pesquisador)
Que eu conheço não. Tem pessoas que por amizade faz. De parceria. Uma que tem o terreno, outra que sabe cultivar, outra que tem a *strain*³⁵. Ai vai juntando. É assim que eu conheço (Entrevistado 2)

Já para a produção de medicamentos, é comum que cultivadores experientes se aproximem de associações formadas para organização dos usuários de maconha medicinal e cooperem de alguma forma, seja produzindo junto aos usuários medicinais ou somente fornecendo conhecimento técnico.

Quem faz os melhores cultivos, mães ou usuários? (Pesquisador)

Mães necessitam de assistência técnica. Numericamente, são as mães. Qualitativamente, os usuários. A galera que cuida das plantas também tem um diferencial, a galera que faz os fertilizantes. Essa galera é quem sai na frente (Entrevistado 2).

Em virtude da ilegalidade, a ajuda qualificada aos usuários de *Cannabis* medicinal é

muito limitada. Segundo uma farmacêutica estudiosa do assunto no estado de Pernambuco, a produção medicinal da maconha não recebe assistência técnica da universidade pelo atraso nas pesquisas universitárias, fato estreitamente ligado ao estigma e à limitação de recursos para os profissionais se especializarem nas pesquisas, limitando o potencial de utilização médica e também a capacidade de produzir medicamentos com parâmetros de melhor qualidade. Com isso, os saberes acumulados pelos cultivadores caseiros é a principal fonte de conhecimento técnico fornecidos para as associações.

A gente tem mães que utilizam *Cannabis*. Que tem *habeas corpus* para cultivar, então a gente [a universidade] tem que tá dando assistência técnicaa essas mães. E como a gente vai dar assistência técnica se a gente não consegue produzir na casa de vegetação para entender quais os fatores queela precisa melhorar ou o que está faltando [no medicamento]? Para fazer essa troca, não tem como. Elas sabem mais do que a gente (Entrevistada 7).

É natural que os pioneiras que se arriscam para a criação de uma interface entre o legal e o ilegítimo sejam ou se assemelhem aos militantes dos movimentos sociais. Essas pessoas assumem os riscos de aprisionamento sendo motivadas por razões ideológicas e racionais (DIOUN, 2017).

4.6 RAZÕES PARA A PRODUÇÃO CASEIRA

Como já mencionado, o nordeste brasileiro é um dos principais sítios produtores de maconha da América Latina, em consequência disso, se verifica que em Pernambuco há grande disponibilidade da erva. Aqui, diferentemente do restante do país, a forma mais comum de comercialização é em cinquentinhas, o que indica para uma grande oferta. O preço também é baixo e de acordo com as informações dos entrevistados, os custos da produção caseira *indoor* não compensam quando comparados ao valor e à qualidade de muitas maconhas atualmente disponíveis no mercado. A produção *outdoor* pode ser mais barata e ambas demandam muito trabalho para a colheita. Dito tudo isto, o que os cultivadores alegam como estímulo para iniciarem a produção de maconha?

4.6.1 Críticas ao mercado ilegal

Uma questão central colocada pelas pessoas que iniciam o cultivo caseiro é o combate ao mercado ilegal através de práticas violentas. O funcionamento do

mercado de substâncias ilícitas é muitas vezes regulado a partir do uso da força e da violência, entretanto as configurações do mercado ilícito de maconha em geral não funcionam baseadas em comportamentos violentos (DAUDELIN & RATTON, 2017). Mesmo assim, é comum encontrar discursos apologéticos à produção caseira de maconha como forma de enfraquecer o chamado tráfico de drogas. Esse enfraquecimento é apontado como forma de salvar as vidas dos mais vulneráveis, comerciantes expostos nas periferias - que são majoritariamente homens jovens negros - e também, para retirar receita das pessoas mais beneficiadas economicamente, que são as menos expostas, localizadas entre o produtor e o vendedor final, sem muitas vezes enfrentar qualquer tipo de risco de morte ou aprisionamento.

Essa crítica está mais presente naqueles cultivadores que possuem um comportamento militante em prol da legalização das drogas. A saída do mercado, a partir da autossuficiência da produção, é apontada como uma forma de enfraquecer o proibicionismo.

Tu tinha algum viés político pra plantar? (Pesquisador)

Totalmente. É uma das coisas que até hoje eu tô bem focado nessa questão, não só com relação a você poder plantar uma planta num solo, toda a noção de ser humano na terra é perdida quando se diz que você não pode plantar determinada planta. Então sempre foi uma questão de embate. 'pô, porque eu não posso cultivar uma planta que está aí onde o homem e suas leis não chegaram, porque não?'. Sempre tive isso e agora também, de 6, 7 anos pra cá, recentemente, vem essa questão política das mães que tanto precisam desse medicamento e muita vezes compram de fora (Entrevistado 2).

4.6.2 Qualidade e redução de danos

Outro estímulo está relacionado ao status ilícito da maconha, fator que impossibilita a existência de instâncias legais para regulação e controle da qualidade dos produtos disponíveis no mercado, produzindo uma inconstância na qualidade dos produtos e as adulterações frequentes das maconhas ofertadas. A partir da crescente consciência de que o uso de maconha não é inofensivo e das práticas de uso dirigidas pelo conceito de redução de danos, o uso de maconha mofada ou com adição de substâncias (para aumentar o volume da carga ou retardar o processo de decomposição) passou a ser reprovado.

Porque você decidiu iniciar um grow? (Pesquisador)

Na verdade, foi um conjunto de coisas. Questão da qualidade. Eu vou fazer 30 anos, não almejo parar. Fumar maconha virou parte da minha rotina, eu tinha que começar a fazer uma redução de danos no meu uso. Primeira coisa, a qualidade da maconha que a gente tem acesso é de baixa qualidade, as pessoas dão “banho” que a gente não sabe nem o que é (Entrevistado 1).

4.6.3 Tratamento médico e terapêutico

Embora não tenha havido entrevistas com pessoas que cultivam maconha com finalidade medicinal, foi possível compreender, através da entrevista como um médico e uma farmacêutica, que a utilização médica dos derivados de maconha é uma prática recente, mas em franca expansão. O grande público motivado para o cultivo caseiro é de mães, que na maioria das vezes estão organizadas em associações com formato de cooperativa. Boa parte das mães que estão à frente da produção não possuíam relação com a maconha. A eficácia do tratamento médico na inibição da dor, comportamentos agressivos, crises epiléticas etc. de crianças está agindo contra o preconceito de que a maconha não possui propriedades benéficas aos usuários.

Temos o caso de uma mãe evangélica que quando a filha apresentou problemas neurológicos ela viu que a *Cannabis* era a única fonte de tratamento, num instante ela foi atrás de como produzir. Num instante ela teve o *habeas corpus* dela na justiça para poder cultivar em casa. Nada como você ter um filho doente para quebrar paradigmas e preconceitos sobre o uso de maconha (Entrevistada 7).

Essa razão para a produção caseira é o que Fligstein (1996) aponta como uma força ou choque exógeno potencial para as transformações dos mercados e o que Dioun (2017) constata na prática para o caso da epidemia de HIV vivenciada na década de 1980 na Califórnia. A necessidade médica das pessoas infectadas pelo vírus foi capaz de forjar uma rede de solidariedade e ativismo social em que a legitimidade e legalidade divergiram, criando uma “*ambivalent interface between the illegal market for a product and its legitimate use-specific use*” (Op. cit. Pg. 162). Os produtores caseiros com finalidade médica obviamente estão na ilegalidade, mas com grande potencial para, a partir de instituições informais como as associações canábicas, contribuírem para o processo de dar legitimidade ao uso da maconha. Processo que tende a demandar transformações institucionais.

4.7 APRENDENDO A CULTIVAR

No que tange às fontes de informação para o aperfeiçoamento dos cultivos, não existe uma fonte que prevaleça sobre as outras como mais importante. Em alguma medida, todos os cultivadores buscam informação para melhorar a qualidade do cultivo e solucionar problemas em publicações escritas, como livros (à exemplo do manual “Introdução ao cultivo *indoor*” de Sérgio Vidal), em fóruns onde há compartilhamento de diversos tipos de informação (à exemplo do mais antigo fórum brasileiro, o *growroom.net*), nas redes sociais (Facebook e, mais recentemente, o Instagram) e com amigos que também cultivam.

Qual sua principal fonte de conhecimento para construir teu grow. Sites, livro, troca de ideias? (Pesquisador)

Tudo! A principal fonte foi a internet e no fórum do *growroom*. Foi a primeira fonte que eu busquei os conhecimentos técnicos. Depois, quando eu já tinha iniciado meu cultivo, que eu conheci um ‘*brother*’. Conheci ele num site de compra e venda, procurando insumos... Até então só conheço ele. Aprendi muito com a galera. Esse ‘*brother*’ me deu muitos toques. Uma vez, quando eu tive problema com minhas plantas ele me mandou dois áudios de mais de 3 minutos explicando o que eu tinha feito de errado. Foi lindo! Mande a foto e ele disse: tá tudo errado, tudo errado mesmo e falou como eu deveria fazer (Entrevistado 1).

Embora a quantidade de informação disponível para um cultivo de qualidade na internet ser suficiente para qualquer iniciante obter colheitas de sucesso, o grande diferencial para uma produção de qualidade é a prática. Dominar os conhecimentos técnicos não é suficiente. Essa necessidade de vivência no cultivo está presente nos relatos dos cultivadores e informantes e mesmo que as consultas nos mais diversos meios sejam necessárias, o mais importante meio para acumular conhecimento são as trocas de experiências. O compartilhamento de técnicas de sucesso para boas colheitas e para o controle de problemas inesperados é fundamental porque muitas vezes, quando não resolvidos rapidamente, colocam em risco todo o cultivo.

Qual a mais rica e importante fonte de conhecimento para o cultivo? (Pesquisador)

É a dos cultivadores entre si. Porque tanto temos acesso por meio da internet, quanto troca de informações a partir das experiências que gera muito debate e enriquecimento, acho realmente o maior. O meu processo de *grow* foi muito interessante, porque eu comecei como se fosse, assim, da raiz. Da base mesmo. Comecei com a guerrilha, plantando no meio da mata, em um lugar que não era meu,

depois plantei num terreno que eu tinha acesso, depois indoor e segui para o outdoor. Mas aí só tive essa experiência (Entrevistado 2).

Tu usou sites? (Pesquisador)

Fortemente. Bíblias de cultivo, fóruns... usei bastante. Troca de experiência com amigo *grow* (Entrevistado 2).

Ao observarmos as possíveis fontes de difusão de informação acima apontadas, percebemos que a internet foi e ainda é o principal veículo para a circulação de informação. Com a ampliação do acesso à informação possibilitada pela internet, foi possível criar uma ampla rede de comunicação virtual onde muitos cultivadores expõem seus trabalhos através dos fóruns, além de ser um espaço para a consulta de dúvidas e compartilhamento de experiências de sucesso.

Dentre todos os sites de divulgação do cultivo caseiro de maconha no Brasil merece destaque o *Growroom*, primeiro portal criado em língua portuguesa, em 2002, por um brasileiro à época residente na Holanda. Inspirado pelas experiências europeias de cultivo e políticas de liberalização da maconha, buscou fundar um espaço na rede, como já havia observado em vários países da Europa, para que os brasileiros tivessem acesso às informações que já circulava na Europa (VIDAL, 2010).

Não é por acaso que em todas as entrevistas o *Growroom* aparece como uma das, se não a principal, grandes referências no que diz respeito às fontes de conhecimento para o cultivo caseiro. O site possui uma imensa quantidade de conteúdo; com diversos tipos de informações necessárias para iniciantes ou experientes na jardinagem de *Cannabis*, notícias sobre competições, legislação etc. Também está em crescimento o compartilhamento de informações sobre cultivos por meio da rede social Instagram. São inúmeros os perfis dedicados exclusivamente à cultura canábica.

Acima de tudo, o cultivo de maconha é um exercício constante de aprendizado. É necessário estar atento para compreender o ritmo de desenvolvimento da planta e as suas necessidades, procurando se adequar ao seu funcionamento.

Não existe 'receita de bolo' para o cultivo de *Cannabis* medicinal. Em outras palavras, todo conhecimento contido nesse e em outros livros e revistas especializadas, ou em sites e fóruns na internet, jamais dará conta de todas as situações de cultivo. Cada planta é única. Cada jardim é singular. (VIDAL, 2010: 11)

O trecho acima, em consonância com os relatos do campo, reforça a ideia de que o aprendizado no cultivo de maconha é lento e que o sucesso está associado à paciência, à persistência e à dedicação do cultivador. Além disso, mostra que a rede interpessoal de usuários de maconha que buscam a autossustentação por meio do cultivo doméstico ainda não é muito extensa, funcionando fortemente pelo meio virtual. A própria experiência no campo, em que nenhum cultivador foi capaz de facilitar uma nova entrevista, aponta para a possível inexistência de redes extensas utilizadas para o cultivo.

4.8 A NOVA (TRANS) FORMAÇÃO DA PRODUÇÃO

Algumas transformações em curso na produção de maconha já foram apontadas. As mais importantes a serem pontuadas são a tendência de crescimento da produção refinada e da produção com finalidade médica. Essas duas tendências parecem ser um caminho sem volta e agora serão explorados os motivos, a nível local, que estão estimulando essas transformações.

O entrevistado 9, ao ser questionado se está em curso um fenômeno crescente de produção *indoor*, responde o seguinte:

Sempre crescente. Sempre vejo novas pessoas procurando saber. A gente organizou um workshop ano passado. Foi com Sérgio Vidal. Ali eu vi que muita gente já plantava. E muita gente começou a cultivar depois dali também, aquele evento. Plantar não é uma coisa que você pára. Sempre tá querendo. O pessoal não quer saber da maconha produzida no sertão mas não. Quer flor, quer extração.

Essa informação já vinha sendo percebida nas entrevistas, porém, há dois outros pontos importantes dessa fala que exigem desenvolvimento. O primeiro, é a informação de que estão ocorrendo pequenos cursos para inicialização no cultivo de maconha *indoor*. O segundo ponto é o de que “o pessoal não quer saber da maconha produzida no sertão mas não. Quer flor, quer extração”. A partir desta informação foram feitas buscas sobre outros cursos realizados recentemente na cidade do Recife. Em um intervalo de 8 meses, de outubro de 2018 à maio de 2019, foram identificados, a partir de ampla divulgação nas redes sociais, três workshops sobre a produção de maconha ministrados por Sérgio Vidal.

Já a última frase da fala acima indica que está crescendo a exigência por produtos de alta qualidade. Nos círculos maconheiros quando é utilizado o termo “flor” não está

sendo feita referência à qualquer flor, mas àquelas produzidas em cultivo *indoor*. E as “extrações” são as resinas, com especial atenção aos haxixes extraídos a partir de processos limpos, como o Ice-o-lator.

A existência dos cursos para cultivo caseiro é coisa nova?
(Pesquisador)

É. É principalmente por meio das associações [que eles são realizados]. As associações fazem muito. O interesse sempre vai ter, mas a informação tá chegando (Entrevistado 9).

Os cursos de formação podem ser enquadrados no que os informantes chamam de “acesso à informação” para apontar ao possível crescimento da produção. Não trata-se de uma ampliação da informação de forma espontânea exclusivamente; ela acontece por todos os lados, desde os usuários cultivadores que estão expondo cada vez mais suas experiências de sucesso na rede, passando pelas divulgações militantes, até a indústria com interesse comercial em um nicho de mercado - o dos insumos para a produção, com o grande potencial de crescimento. Frente a essas transformações é natural que a curiosidade e interesse dos usuários para acessar as “flores” produzidas em interiores aumente, também aquecendo a produção ilegal desse e outros produtos refinados.

E a informação do *indoor* também tá crescendo, como também o mercado tá aquecido, existe muito investimento para trazer equipamento. Tanto equipamento, quanto os próprios workshop, sempre falam no *indoor*. Muita força. Quer queira quer não a cultura do *indoor* é melhor porque ninguém tem espaço pra cultivar, ninguém quer dar um espaço (Entrevistado 9).

Ainda falando sobre os motivos para o recente aumento da produção, foi estimulado durante as entrevistas comparações do atual estágio de desenvolvimento do mercado local com o cenário de ponta norte-americano e europeu para, em contraste, entender a intensidade e formas de influência destes locais.

Tu arriscaria dizer algum motivo para esse surgimento tardio [do cultivo caseiro], diferentemente dos EUA, Europa? (Pesquisador)

Eu acho que foi a questão do que chegava no nordeste era sempre vindo dos interiores, mas com a coisa da globalização a gente foi vendo que muitas pessoas fora daqui consumiam coisas muito boas e a gente não tinha acesso a isso, de comprar, do tráfico chegar até aqui com esses cultivos mais refinados, e aí veio essa

vontade de fumar *skunk*, os melhores haxixes. Eu arriscaria que por isso... (Entrevistado 2)

Por contato com outras culturas que fumam produtos de melhor qualidade... (Pesquisador)

Isso, por causa da globalização, a gente sacando pelas mídias e tal. [...] O contato da mídia com várias pessoas fumando coisas massa. Amsterdã. Eu não vejo o cultivo indoor como barato, e hoje eu acho que está mais barato que antigamente pra fazer umas coisas diferentes (Entrevistado 2).

A pequena presença de cultivos e produtos mais refinados é atribuída à continuidade da produção no interior, mas com a globalização da informação, a juventude passou a ter contato com os diferentes produtos consumidos nos mercados mais bem desenvolvidos. Esse contato pode ser direto, por meio de viagens aos países onde já há disponibilidade legal ou normalizada de maconhas de alta qualidade ou por meio de reportagens documentais de veículos de comunicação impresso ou televisionado e pelas redes sociais. É interessante observar como as comunicações estão se transformando e sendo transformadas de modo a ampliar ainda mais o contato cultural e as experiências das pessoas por meio de suas telas. Nesse sentido, a difusão de conteúdo independente nas mídias sociais, por meio dos *digitais influencers* e dos *youtubers*, com grande poder sobre a formação cultural da juventude do século XX, tem papel ainda pouco dimensionado pela literatura.

Embora o acesso a essas novas formas de comunicação e socialização, por meio das redes sociais, não esteja restrito às juventudes, é ela quem está mais utilizando, influenciando e sendo influenciada. A partir desse indício foi investigado nas entrevistas se, além de um recorte de classe, a produção de maconha também está sendo marcada por um recorte geracional. Os informantes indicaram que há uma predominância de jovens, embora não seja um fenômeno exclusivo deles. A grande presença nos workshops foi um apontamento do campo para confirmar o crescimento da produção puxada pelo público jovem.

Essas transformações na comunicação acontecem ao mesmo tempo que o turismo canábico está cada vez mais em alta, o que pode estar favorecendo dois fenômenos: a quebra do preconceito daqueles que ainda enxergam a maconha como uma substância avessa à vida saudável dos indivíduos e da sociedade e o estímulo dos usuários à produção das maconhas e extrações lá disponíveis.

Porque a informação tá chegando né? Cheio de canal de Youtube. Quantos canais de Youtube falam de maconha? você via a cinco anos atrás, era pouquíssimo. Hoje em dia todo mundo quer meter a cara pra dizer que fuma maconha. Se você seguir uma galera [nas redes sociais], vai ter uma galera dando informação de *grow* toda hora, outra de *headshop*, outra de curso, outra de não sei o que... (Entrevistado 9)

Mesmo com todos esses estímulos do mercado consumidor e as resposta do mercado produtor em crescimento, existem barreiras que não podem ser superadas facilmente no mesmo curto espaço de tempo em que os mercados nos países do norte estão se transformando e transformando o nosso. Com a transformação da legislação e da percepção social sobre a *Cannabis*, o entrevistado 9 projeta que “aqui vai ser promissor, aqui vai ser um dos maiores mercados do mundo. O Brasil legalizando é pesado [forte]. Cada vez tá mais acessível a informação. Muita gente tá compreendendo a questão da maconha.

4.9 LIMITES À (TRANS) FORMAÇÃO

O entrevistado 1 foi o meu primeiro entrevistado. Conversamos em 2018, durante o período eleitoral e esse encontro aconteceu facilitado por uma relação de amizade anterior ao trabalho. Depois dele, vários contatos foram feitos, em diversas redes de cidades diferentes, mas as pessoas estavam temerosas para falar sobre o cultivo de maconha, em virtude da atividade ser ilegal, mesmo que não houvesse finalidade comercial. Mas a ilegalidade não é o que explica puramente esse medo, a conjuntura política das eleições presidenciais, com a ondultraconservadora arregimentada pelo então candidato Jair Bolsonaro (PSL), com grande adesão às pautas fascistas contra grupos de esquerda, mulheres, usuários de drogas, LGBTs etc. dificultou muito o meu acesso a novos entrevistados.

Um *grower* contactado logo após as eleições relatou que pôs fim ao seu plantio *indoor* no dia seguinte ao segundo turno presidencial que sagrou vitorioso Bolsonaro. Esse caso serve para dimensionar a sensação de ameaça e insegurança de grande parcela da sociedade brasileira, inclusive os usuários e produtores caseiros de maconha. Como os cultivadores também são usuários, os riscos são aumentados frente a pouca tolerância e normalização do uso pela sociedade e pelo grande rigor do Estado no trato com essas pessoas, sobretudo quando pertencem às classes populares.

Em um momento de grande insegurança no compartilhamento de dados, quando são

fartas as evidências da utilização de informações de civis e políticos ilegalmente, as tecnologias da informação além de serem um instrumento aliado da comunicação e transmissão de informação também estão sendo encaradas como uma potencial ameaça, sobretudo quando as pessoas realizam atividades ilegais.

Vocês sentem medo? (Pesquisador)

Medo sempre tem. Porque é aquele negócio, se for pra cair, vai cair mesmo. Por exemplo, Instagram, é uma coisa que eu entro muito em contato com *grow* pra tirar dúvida. Elogiar o trabalho, que é uma coisa necessária. Elogiar o trabalho do cara pra ele se sentir apoiado. Me sinto ameaçado por essas conversas no Instagram, pela sociedade. Eu sou muito aberto que fumo maconha, minha companheira também. Sou aberto que planto maconha, tem umas pessoas que é lógico que eu não falo, mas pessoas que se eu tiver um mínimo de confiança eu falo: eu planto maconha, faço comida, cuido de maconha. Isso daí é uma coisa que me deixa com medo, essa minha abertura demais me deixa com medo (Entrevistado 5).

Além da intolerância social com o consumo e produção de maconha por ser estigmatizado como um hábito relacionado a comportamentos delinquentes, fundados pela criminalização média e jurídica do início do século para o controle social da população negra recém liberta, o clima de temperaturas médias elevadas é um problema para as pessoas que buscam cultivar em interiores.

A produção em localidades com temperaturas elevadas durante praticamente todo o ano, como são as da Região Metropolitana do Recife, bem como o calor produzido pelas lâmpadas do cultivo *indoor*, tornam a temperatura interna dos *grows* muitas vezes imprópria para o bom desenvolvimento das plantas. A utilização de ar-condicionado é uma alternativa para contornar esse problema, porém aumenta enormemente os custos, principalmente pelo alto consumo de energia.

A estratégia dos cultivadores locais para contornar esse problema, além de reduzir os riscos de denúncias, está sendo utilizar áreas rurais (dentro das cidades e no interior) onde o clima é mais ameno. O entrevistado 9 descreve essa saída para o interior *indoor* fora das cidades:

Porque aqui [na Região Metropolitana] a gente tem um problema muito sério de temperatura. Aí o pessoal tá procurando as regiões mais frias. Ou então investe em equipamento de resfriar. Tem uma

galera que resfria. Com *tube*, se for usar HPS¹⁹. Você coloca um exaustor fora para dissipar a alta temperatura do ambiente.

Questionado se o clima quente durante todo o ano é um dos motivos desencorajadores para o investimento em cultivos *indoor*, responde que para “investir tem que usar ar- condicionado. Aqui é um calor muito grande. Mas o pessoal investe.”

4.10 ISOMORFISMO DA PRODUÇÃO LOCAL

Como já mencionado nos capítulos anteriores, nas últimas décadas do século XX observou-se o surgimento de uma produção em interiores facilitada pelo surgimento de uma indústria dedicada à produção de utensílios para a produção hidropônica. Com isso, também foi possível cultivar maconha intensivamente, elevando a qualidade dos produtos disponíveis no mercado e transformando as exigências dos usuários. Essa demanda por produtos mais refinados no atual mundo globalizado também chegou a Pernambuco. A partir do trabalho de DiMaggio e Powell (1983) sobre isomorfismo institucional e racionalidade coletiva nos campos organizacionais, se torna possível apontar alguns caminhos explicativos para o atual crescimento da produção refinada local.

É necessário partir do princípio de que as novas exigências do mercado estão relacionada a nova forma de produção *indoor*. Com base nisso é possível apontar cinco preditores de isomorfismo no nível dos campos organizacionais para explicar as transformações do mercado de maconha: (1) a dependência de um campo a uma única fonte (ou muito similares) de fornecimentos de recursos vitais aumenta o isomorfismo; (2) quanto mais as organizações de um campo interagem com as agências governamentais, maior o grau de isomorfismo no campo como um todo; (3) quanto menor o número de alternativas visíveis em um campo, maior o nível de isomorfismo no campo; e (4) quanto maior a estruturação de um campo, maior o grau de isomorfismo.

Os equipamentos para a produção *indoor* não são produzidos por apenas uma empresa que domina o campo, entretanto (1) as várias empresas que produzem esses recursos legalmente são muito similares. Já é possível identificar no Brasil, e principalmente no exterior, as várias fornecedoras de equipamentos para a produção

¹⁹ Lâmpadas de Vapor de Sódio de Alta-pressão (HPS) são muito utilizadas em cultivos indoor

em interiores. Observando o campo é possível apontar dois motivos para o estímulo da produção *indoor* em detrimento da produção *outdoor*: a produção em ambientes exteriores praticamente não demanda o emprego de aparelhos e, mais intensamente, a demanda por produtos cultivados de forma intensiva, com alta qualidade, obtido em melhores condições quando realizado em exteriores. Com isso não podemos apontar somente à atividade dos fornecedores como fonte de isomorfismo, mas também a demanda.

Agindo de forma coercitiva, o estado proibicionista impõe (2) delimitações em termos de regras e de racionalidade (informal) aos participantes do mercado. A insistente busca pela eliminação do campo forçou adaptações até que a produção tornou-se viável aos usuários, implicando positivamente na eliminação de incertezas do campo relativas a qualidade e autenticidade do produto ofertado. Frente a ilegalidade, a produção *indoor* tornou-se uma das (3) poucas alternativas visíveis de modelos organizacionais do campo.

Por fim, é possível apontar para a (4) estruturação do campo, tanto dos próprios produtores nos vários países que já permitem a produção caseira legal, quanto das empresas fornecedores de produtos. Indicativo para isso são as inúmeras feiras e competições onde são expostas as produções *indoor* dos melhores cultivadores do mundo, assim como a enorme quantidade de empresas e organizações oferecendo de sementes à lâmpadas especiais para a produção de maconha *indoor*. Ou seja, a grande estruturação do campo também aponta para a produção caseira isomórfica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar exploratoriamente as transformações globais da produção de maconha e as suas consequências no mercado pernambucano. Do ponto de vista geral, as transformações para a formação da atual configuração do mercado teve início com a possibilidade de cultivo intensivo em ambientes domésticos. É importante indicar que o crescimento dos cultivos em interiores acontece nos mercados em que a maconha é mais lucrativa, onde não há produção tradicional e as condições para a existência de plantiosilícitos extensivos são muito limitadas.

Em Pernambuco, os primeiros sinais de melhoria dos produtos oferecidos ao público foram percebidos de forma lenta e gradual devido à produção tradicional no Polígono da Maconha. Como ainda é possível a produção extensiva, é natural que as transformações mais significativas continuem acontecendo via melhoramento do cultivo tradicional em exteriores. A grande limitação para a popularização de *Cannabis* produzida em interiores está relacionada aos custos muito superiores em relação a produção já consolidada.

Entretanto, a popularização do cultivo caseiro é possível, dentre vários motivos, pela relativa facilidade de produzir e, principalmente, em virtude dos valores da cultura canábica que reprovam fortemente as práticas comerciais e violentas do mercado ilegal e exaltam valores ecológicos e comunitários. Contudo, o potencial de crescimento do cultivo caseiros é insuficiente para implicar de forma significativa na produção do interior do estado de Pernambuco.

Entendendo essas desvantagens ao crescimento da produção *indoor* - devido à impossibilidade de competir com a produção tradicional do Polígono da Maconha e aos mecanismo limitantes ao crescimento dos cultivos caseiros para atingir dimensões comerciais (HAMMERSVIK, 2012) - é necessário apontar, em um primeiro momento, para os benefícios da regulamentação do cultivo de *Cannabis* para uso pessoal. Porém, as populações participantes do mercado em maior situação de vulnerabilidade (produtores e comerciantes finais) não seriam beneficiadas. Sendo assim, defendo uma ampla legalização, por meio de um monopólio estatal, para que seja possível implementar um política pública em que os interesses do mercado sejam secundários

ao desenvolvimento social das pessoas em estado de vulnerabilidade, já atuantes no mercado ilegal. Ao mesmo tempo, a atividade representa uma importante fonte de receita para o estado. Como exemplo, de outubro de 2018 à março de 2019, o Canadá arrecadou em impostos mais de R\$ 530,00 milhões²⁰.

Em relação aos estudos sobre a produção de *Cannabis* este trabalho traz, pelo menos, 6 contribuições. Os mais recentes estudos sobre as transformações da produção de *Cannabis* observam detidamente o cenário dos países sem tradição de produção, deixando escapar as complexidades dos mercados nos países com produção tradicional. No Brasil (1) estímulo para a produção local e regional surge a partir de uma demanda interna. Essa característica implica de, pelo menos, duas formas no mercado: há maior facilidade para a reorganização da produção e redes de distribuição frente às constantes interferências policiais e a possibilidade de interação dos usuários com os agricultores tende a transformar a produção de acordo com as exigências da demanda.

Outra questão que escapa à observação dos estudiosos da produção de *Cannabis* é o possível (2) processo de urbanização da produção caseira de maconha. É razoável especular essa tendência a partir da sofisticação do gosto dos usuários em todo o mundo devido à disponibilidade crescente de informações sobre cultivos intensivos e seus resultados de excelência.

Passando para o cenário local, em decorrência do fluxo de informação apontado acima, relativo ao aumento da qualidade dos produtos no mercado, são descritas ações para a (3) melhoria dos cultivos em exteriores, processo não captado descritivamente pelos estudos sobre a produção no Polígono da Maconha. O mais notável indicativo da melhoria na produção foi sentido pelo aparecimento “bode” ou “bodinho”, cujo diferencial foi o melhoramento dos cuidados na produção, sobretudo, com a utilização de sementes de maconha de alta qualidade importadas, em virtude da interação com usuários.

Saindo das questões regionais para a Região Metropolitana do Recife, foi identificado (4) entre os usuários de maconha a busca crescente por formas de produção caseira, principalmente em interiores. É possível indicar três características principais para

²⁰ <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2019/06/canada-arrecada-us-139-milhoes-com-venda-demaconha-legalizada.html> Acessado em 26/07/2019

este crescimento. A primeira é a busca por consumir produtos de qualidade, de maior efeito psicoativo e com menos danos à saúde; a segunda é relativa à cultura canábica: os usuários desaprovam fortemente o modo como o mercado ilegal funciona; e a terceira está relacionada a uma forma de uso extremamente recente para o cenário nacional e local, que é o uso da maconha prescrita medicinalmente.

Dentre as diversas formas de produção, destaca-se o (5) cultivo de *Cannabis* por mães, normalmente organizadas em Associações, que buscam cultivar para atender às necessidades especiais de seus filhos, cujo único tratamento eficaz é a utilização de óleo de *Cannabis*. A iniciativa para o cultivo está diretamente relacionada ao alto valor comercial e as dificuldade para ter acesso aos medicamentos industrializados a base de *Cannabis* gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde.

A explicação para o aumento da produção em geral, está relacionada ao aumento do fluxo de informação. A maioria dos usuários de maconha está atento aos produtos disponíveis nos mercados de ponta, às experiências políticas de legalização e aos conhecimentos para o cultivo caseiro acessados das mais diversas formas, de reportagens realizadas por grandes veículos de comunicação às páginas da rede social Instagram. Especificamente, o compartilhamento de informações para o cultivo está sendo disseminado por páginas pessoais (youtube, facebook, instagram, fóruns digitais, etc.) e sites dedicados à difusão desse tipo de conhecimento. E como novidade, está acontecendo cada vez mais *workshops* sobre técnicas básicas para o cultivo de *Cannabis* em ambientes interiores.

Embora crescente, (6) a produção caseira de alta qualidade em ambientes interiores possui limitação de crescimento, principalmente por questões política, econômica e climática. Muitas pessoas não cultivam porque a atividade ainda é considerada um crime. O temor de enfrentar processos criminais é aumentado pelo atual contexto político moralista. E limitações são impostas pelo alto custo de investimento, nível de conhecimento exigido e dedicação diária. O clima elevado é favorável à produção extensiva, mas extremamente desfavorável à produção em interiores. As altas temperaturas durante todo o ano, somada ao calor gerado pelas lâmpadas, tudo isso em um ambiente isolado, cria condições desfavoráveis.

Devido à pequena amostra e tempo disponível a pesquisa não pôde chegar à algumas importantes informações gerais como: o perfil das pessoas que estão cultivando; se

há um recorte geracional, de classe e de gênero; quais são os equipamentos utilizados e as formas de improviso frente às limitações financeiras; aprofundar às transformações da produção extensiva no interior do estado; acessar as poucas pessoas que cultivam com finalidade comercial em ambientes interiores, etc.

Para concluir aponto algumas questões importantes à serem pesquisadas. Investigar mais detidamente, a partir das evidências iniciais aqui apresentadas, se está em curso um processo de urbanização da produção noutros países com produção tradicional. Descrever mais detalhadamente as transformações históricas da produção de maconha no Brasil, assim como as transformações da produção tradicional influenciada pela indústria da produção *indoor*. Investigar as formas de produção das mais diversas resinas (especialmente o haxixes), assim como óleo para uso medicinal. Descrever as condições das pessoas “obrigadas” a produzir maconha para a extração do óleo utilizado medicinalmente, assim como o potencial de desenvolvimento desse mercado, pelo lado da demanda e da oferta.

Dentre essas e outras agendas de pesquisa, a mais importante é a produção de um diagnóstico sobre o potencial gerador de renda da produção de maconha no Polígono da Maconha em uma situação de legalização, à fim de compensar o histórico negligenciamento político e exclusão da população sertaneja do sistema de produção formal. Os beneficiários com a legalização certamente não seriam somente os agricultores, há potencial para o envolvimento e desenvolvimento de diversos setores da economia local e regional. Para além da comercialização da maconha, a *Cannabis* pode ser beneficiada industrialmente, abrindo caminho para a criação de um parque industrial com a produção de medicamentos, cosméticos, tecidos, alimentos (bebidas, azeites, suplementos alimentares, etc.), insumos para a construção civil, biocombustíveis, etc.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Tarso. **Almanaque das drogas: um guia informal para o debate racional**. Leya, 2012.
- BAGLEY, Bruce. The evolution of drug trafficking and organized crime in Latin America. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 71, p. 99-123, 2013.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Zahar, 2008.
- BECKERT, Jens; DEWEY, Matías. **Introduction: The social organization of illegal markets**. In: *The architecture of illegal markets: Towards an economic sociology of illegality in the economy*. Oxford University Press, 2017. p. 1-34.
- BOOTH, Martin. **Cannabis: a history**. Macmillan, 2015.
- BOUCHARD, Martin; DION, Claude B. Growers and facilitators: probing the role of entrepreneurs in the development of the cannabis cultivation industry. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, v. 22, n. 1, p. 25-37, 2009.
- CARLINI, Elisaldo Araújo. A história da maconha no Brasil. **J brasileiro de psiquiatria**, v. 55, n. 4, p. 314-317, 2006.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, v. 40, n. 2, 1997.
- CASTRO, César Nunes de. **A agricultura no nordeste brasileiro: Oportunidades e limitações ao Desenvolvimento**. Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2012.
- CHOUVY, Pierre-Arnaud. A typology of the unintended consequences of drug crop reduction. **Journal of Drug Issues**, v. 43, n. 2, p. 216-230, 2013.
- COSTA, Antonio Maria. Making drug control 'fit for purpose': Building on the UNGASS decade. **Statement of the Executive Director of the United Nations Office on Drugs and Crime**, 2008.

DAUDELIN, Jean; RATTON, José Luiz. Mercados de drogas, guerra e paz no Recife. **TempoSocial**, v. 29, n. 2, p. 115-133, 2017.

DEL OLMO, Rosa. A face oculta da droga. **Rio de Janeiro: Revan**, p. 30, 1990.

DIMAGGIO, Paul J.; POWELL, Walter W. The iron cage revisited: Institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. **American sociological review**, p. 147-160, 1983.

DIOUN, Cyrus. Making the medical marijuana market. **The architecture of illegal markets: Towards an economic sociology of illegality in the economy**, p. 159-176, 2017.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia general de las drogas**. Espasa, 1998.

FLIGSTEIN, Neil; CALDER, Ryan. Architecture of markets. Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences: An Interdisciplinary, Searchable, and Linkable **Resource**, p. 1-14, 2015.

FLIGSTEIN, Neil. Markets as politics: A political-cultural approach to market institutions. **American sociological review**, p. 656-673, 1996.

FRIESENDORF, Cornelius. Squeezing the balloon?. **Crime, law and social change**, v. 44, n.1, p. 35-78, 2005.

FRAGA, Paulo; DO NASCIMENTO SILVA, Joyce Kelli. As ações de contenção aos plantios ilícitos no Brasil: repressão policial e políticas governamentais. **Debates Latinoamericanos**, n. 29, p. 108 a 123-108 a 123, 2016.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge Atilio Silva. Plantios ilícitos de 'cannabis' no Brasil: Desigualdades, alternativa de renda e cultivo de compensação. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 4, n. 1, p. 11-40, 2011.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes. Plantios ilícitos no Brasil: notas sobre a violência e o cultivo de cannabis no polígono da maconha. **Cadernos de Ciências Humanas-Especiaria**, v. 9, n. 15, p. 95-118, 2006.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes; CONSELHEIRO, Antônio. Da favela ao sertão: juventude, narcotráfico e institucionalidade. PCP Fraga & JAS Iulianelli. **Jovens em tempo real**, p. 117- 147, 2003.

FRANK, Vibeke Asmussen. Domestic cannabis cultivation in Denmark: a matter of identity and sociality?. In: **3rd ISSDP conference in Vienna**, available online at: [http://www.issdp.org/conferences/2009/papers/Vibeke% 20Frank](http://www.issdp.org/conferences/2009/papers/Vibeke%20Frank). 2009.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **História da maconha no Brasil**. Três Estrelas, 2015.

HAMMERSVIK, Eirik; SANDBERG, Sveinung; PEDERSEN, Willy. Why small-scale cannabis growers stay small: Five mechanisms that prevent small-scale growers from going large scale. **International Journal of Drug Policy**, v. 23, n. 6, p. 458-464, 2012.

LEAL, Victor. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

LEGGETT, T. A review of the world cannabis situation (Vol. 58, **Bulletin on Narcotics**, Rep.). **United Nations Office on Drugs and Crime**. 2006.

LISITA, Alessandra; SANO, Edson Eyji; DURIEUX, Laurent. Detection of Cannabis sativa plantations in the semi-arid region of Pernambuco State in Brazil based on the analysis of temporal dynamic anomalies of vegetation index derived from SPOT-5 HRG satellite data. **Boletim de Ciências Geodésicas**, v. 19, n. 1, p. 45-64, 2013.

MACHADO, Nara Borgo Cypriano. Usuário ou traficante? A seletividade penal na nova lei de drogas. **XIX Encontro Nacional do CONPEDI**, Fortaleza. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Fortaleza: CONPEDI, 2010.

MENDONZA, Benito; MARIN, Joel. Produção de Cannabis em Amambay - Paraguai: o envolvimento de jovens rurais. Em **Plantios Ilícitos na América Latina**. Letra Capital. Editora LTDA, 2015.

MISSE, Michel. Crime e violência no Brasil contemporâneo. **Estudos de sociologia do crime eda violência urbana**. Editora Lumen Juris, 2006.

MUSTO, David F. Opium, cocaine and marijuana in American history. **Scientific American**, v. 265, n. 1, p. 40-47, 1991.

POLLAN, Michael. How pot has grown. **The New York Times Magazine**, v. 19, p. 31-57, 1995.

POTTER, Gary R.; BOUCHARD, Martin; DECORTE, Tom. The globalization of cannabis cultivation. In: **World Wide Weed**. Routledge, 2016. p. 21-40.

POTTER, Gary R. et al. Global patterns of domestic cannabis cultivation: Sample characteristics and patterns of growing across eleven countries. In: **Friendly business**. Springer VS, Wiesbaden, 2016 (b). p. 163-196.

POTTER, Gary. **Weed, need and greed: domestic marijuana production and the UK cannabis market**. 2006. Tese de Doutorado. University of Sheffield.

REUTER, Peter H. **The unintended consequences of drug policies**. RAND, 2009

UNODC. **World drug report**. United Nations New York, NY, 2017.

SANDBERG, Sveinung. Is cannabis use normalized, celebrated or neutralized? Analysing talk as action. **Addiction Research & Theory**, v. 20, n. 5, p. 372-381, 2012.

SANDBERG, Sveinung. The importance of culture for cannabis markets: Towards an economic sociology of illegal drug markets. **British Journal of Criminology**, v. 52, n. 6, p. 1133-1151, 2012 (b).

SWIDLER, Ann. Culture in action: Symbols and strategies. **American sociological review**, p. 273-286, 1986.

VERÍSSIMO, Marcos. **Maconheiros, fumons e growers: um estudo comparativo do consumo e de cultivo caseiro de canábis no Rio de Janeiro e Buenos Aires**. Autografia, 2017.

VIDAL, Sergio. **Cannabis Medicinal-Introdução ao Cultivo Indoor**. Terceira tiragem, 2014.

VIDAL, Sérgio. **Colhendo Kilobytes: o Growroom e a cultura do cultivo de**

maconha no Brasil. Salvador: Universidade Federal da Bahia (monografia), 2010

WEISHEIT, Ralph A. The intangible rewards from crime: The case of domestic marijuana cultivation. **Crime & Delinquency**, v. 37, n. 4, p. 506-527, 1991.

WINDLE, James; FARRELL, Graham. Popping the balloon effect: Assessing drug law enforcement in terms of displacement, diffusion, and the containment hypothesis. **Substance Use & Misuse**, v. 47, n. 8-9, p. 868-876, 2012.

ANEXO A - Roteiro de entrevistas

- 1** Experiência de cultivo
- 2** Motivação para iniciar um cultivo caseiro
- 3** Qual o processo de cultivo utilizado (equipamentos, tipo de sementes, fertilizantes, lâmpadas, etc.)
- 4** Quantas plantas são/foram cultivadas
- 5** Se tem algum medo por cultivar
- 6** Se percebe uma tendência de crescimento do cultivo caseiro
- 7** Se há produção em interiores com finalidade comercial
- 8** Qual a influência estrangeira nas formas de cultivo local
- 9** Quais as principais fontes de conhecimento para cultivar
- 10** Se o cultivador passou a ter sentimento de afetividade pela(s) sua(s) planta(s)
- 11** Se há conhecimento sobre a produção extensiva de maconha no interior do estado
- 12** Quais as principais transformações dos últimos anos
- 13** Quais as variedades cultivadas
- 14** Quais os cuidados necessários para uma boa produção